



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS
LATINO-AMERICANOS (PPG IELA)**

**EDUCAÇÃO DO ENTORNO E AO ENTORNO: SABERES E PERCEPÇÕES
DE PROFESSORES SOBRE AS PRÁTICAS E O ACOLHIMENTO
INTERCULTURAL NO ENSINO FUNDAMENTAL II, EM TRÊS COLÉGIOS DE
FOZ DO IGUAÇU (PR)**

Dario Velazquez

Foz do Iguaçu
2023

**EDUCAÇÃO DO ENTORNO E AO ENTORNO: SABERES E PERCEPÇÕES
DE PROFESSORES SOBRE AS PRÁTICAS E O ACOLHIMENTO
INTERCULTURAL NO ENSINO FUNDAMENTAL II, EM TRÊS COLÉGIOS DE
FOZ DO IGUAÇU (PR)**

Dario Velazquez

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Latino-Americanos.

Orientador: Prof^a. Dra. Simone Beatriz Cordeiro Ribeiro

Foz do Iguaçu
2023

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dra. Simone Beatriz Cordeiro Ribeiro
UNILA

Prof^a. Dra. Laura Janaina Dias Amato
UNILA

Prof^a. Dra. Juliana Franzi
UNILA

Prof^a. Dra. Franciele Maria Martiny
UNILA

Suplente: Prof^a. Dra. Miriam Cristiany Garcia Rosa
UNILA

Suplente: Prof. Dr. Wagner Barros Teixeira
UNILA/UFAM

Foz do Iguaçu, 24 de março de 2023.

FICHA CATALOGRÁFICA EMITIDA PELA
BIBLIOTECA DA UNILA

V434

Velazquez, Dario.

Educação do entorno e ao entorno: saberes e percepções de professores sobre as práticas e o acolhimento intercultural do Ensino Fundamental II, em três colégios de Foz do Iguaçu (PR) / Dario Velazquez. - Foz do Iguaçu, 2023.

107 f.: il., color.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, e Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino Americanos. Foz do Iguaçu – PR, 2023.

Orientadora: Prof.^a Dra. Simone Beatriz Cordeiro Ribeiro.

1. Educação ao entorno. 2. Acolhimento intercultural. 3. Ensino Fundamental II. I. Ribeiro, Prof.^a Dra. Simone Beatriz Cordeiro. II. Título.

CDU 37.013.43(81)

Dedico este trabalho aos meus pais que
foram e sempre serão meus primeiros
Mestres!

AGRADECIMENTO (S)

Primeiramente, destaco nos agradecimentos a orientação que tive para poder realizar este trabalho, Professora Simone Beatriz Cordeiro Ribeiro: Muito obrigado pela sua luz, generosidade e paciência para que eu pudesse chegar até a conclusão desta pesquisa. A caminhada foi libertadora!

Às professoras da banca que fizeram com que eu me puxasse para dar ordem aos caos e que teceram críticas edificantes.

À minha minha companheira de vida, Maira, que não mediu incentivos para que eu mantivesse o foco e me atrevesse a seguir em frente com os estudos, além das trocas de ideias e perguntas que me deixavam com lacunas a serem preenchidas no desenvolvimento do texto.

À minha família, especialmente à Dona Elena, minha mãe que com seus 82 anos de idade vibra com as conquistas de seus filhos. Te amo!

Aos meus colegas de Mestrado e em especial a Carina Livi que me ajudou e incentivou a buscar caminhos que pudessem nos ajudar a continuar acreditando que a Educação é libertadora!

À Anna Fonseca que deu o *start* de tudo e que me ajudou a conhecer melhor as linhas de pesquisa da Unila.

Aos professores do IELA.

Aos colegas da Disciplina da UFPR.

Ao Newton que foi um anjo nos momentos de incertezas e sempre solícito na comunicação.

À minha irmã espiritual, Aline.

Muitíssimo Obrigado! Haux haux!

*A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso. Para que eu não deixe de caminhar. **Eduardo Galeano***

VELAZQUEZ, Dario. **Educação do entorno e ao entorno: saberes e percepções de professores sobre as práticas e o acolhimento intercultural no Ensino Fundamental II, em três colégios de Foz Do Iguaçu (PR).** 2023. 107 páginas. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2023.

RESUMO

Os processos educacionais em fronteiras e em espaços multiculturais, multilinguísticos e multiétnicos suscitam a necessidade de um olhar atento por parte dos professores e pedagogos, haja vista que nem sempre o sistema educacional consegue abranger todas as especificidades dos sujeitos nestes ambientes de ensino. Diante disso, este trabalho, de caráter interdisciplinar, contou com a participação de docentes, do Ensino Fundamental II, atuantes em três colégios da região multicultural e multilingue de Foz do Iguaçu, objetivando levantar dados sobre as práticas didático-pedagógicas que norteiam os grupos escolares públicos e privados do município, do presente estudo de caso. Observou-se a reflexão dos docentes participantes em relação ao processo de acolhimento intercultural em âmbito escolar para com sujeitos oriundos de outras cidades, estados e países. Para tanto, este estudo percorreu as áreas da Linguística, Linguística Aplicada, História e Sociologia, delineando-se por meio de uma pesquisa de campo de natureza aplicada e de abordagem qualitativa, cuja investigação exploratória e descritiva se deu através de procedimentos metodológicos investigativos específicos, baseados na reflexão pedagógica, por meio de pesquisas bibliográficas, de levantamento e pela aplicação de um questionário do *Google forms*, com vistas a levantar dados sobre as percepções e ações docentes frente à natureza multicultural e plurilíngue dos cidadãos, em especial os discentes, emergentes que habitam a cidade. O trabalho está articulado em produções acadêmicas de pesquisadores da região da Tríplice Fronteira a respeito das crenças e práticas pedagógicas dos professores que atuam em instituições de ensino de Foz do Iguaçu, no segmento do ciclo II da educação básica. Pautado na educação do entorno para o entorno (MAHER, 2007) e a sua consciência afetivo-intercultural, este estudo buscou um diagnóstico dos mecanismos de reflexão que fazem parte da educação do ensino Fundamental II no referido município, um ambiente no qual as atitudes docentes possam fazer com que o acolhimento intercultural seja uma prática constante e ativa, independentemente do grupo pedagógico-escolar ser público ou privado. A pesquisa encontrou reflexões importantes por parte de professores a respeito do caldeirão cultural e linguístico nos colégios que foram os campos de estudo. Algumas dessas contribuições indicam a carência de se haver um ensino mais acolhedor e o desconhecimento de termos relacionados às situações sociolinguísticas da região de fronteira. Revelaram-se também inquietações com uma abordagem intercultural para com os alunos de outros países e a preocupação com o aproveitamento do aprendizado desses sujeitos oriundos de outras localidades.

Palavras-chave: Educação ao entorno, Pluralidades linguístico-culturais, Acolhimento intercultural, Ensino Fundamental II, Práticas pedagógicas multiculturais.

VELAZQUEZ, Dario. **Educación del entorno al entorno: conocimiento y percepciones de profesores sobre prácticas y acogida intercultural en la Enseñanza Básica II, en tres escuelas de Foz do Iguaçu (PR)**. 107 páginas. Disertación de Maestría (Programa Interdisciplinario de Posgrado en Estudios Latinoamericanos) – Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, Foz do Iguaçu, 2023.

RESUMEN

Los procesos educativos transfronterizos y en espacios multiculturales, multilingüísticos y multiétnicos plantean la necesidad de una mirada atenta por parte de profesores y pedagogos, dado que el sistema educativo no siempre es capaz de cubrir todas las especificidades de los sujetos en estos ambientes de enseñanza. Frente a esto, este trabajo, de carácter interdisciplinario, contó con la participación de profesores que actúan en tres escuelas, de la enseñanza básica, de la región multicultural y multilingüe de Foz de Iguazú, con el objetivo de recopilar datos sobre las prácticas didáctico-pedagógicas que orientan grupos escolares públicos y privados. en la municipalidad , de este estudio de caso. Además de la reflexión por parte de los educadores participantes, también se trata de fortalecer el proceso de acogida intercultural en el ámbito escolar para sujetos de otras ciudades, departamentos y países. Para tanto, este estudio atravesó los áreas de la Lingüística, Lingüística Aplicada, História e Sociologia, esbozado por medio de una investigación de campo de naturaleza aplicada e de enfoque cualitativo, cuya investigación exploratoria y descriptiva se dió mediante procedimientos metodológicos investigativos específicos, fundamentados en la reflexión pedagógica por medio de búsquedas bibliográficas, de levantamiento y por la aplicación de una encuesta del Google forms, con la intención de obtener datos sobre las percepciones y acciones docentes frente a la naturaleza multicultural y plurilingüe de los ciudadanos, en especial los educandos, emergentes que viven en la ciudad. El trabajo se articula en producciones académicas de investigadores de la región de la Triple Frontera sobre las creencias y prácticas pedagógicas de los profesores que actúan en instituciones educativas de Foz do Iguazú. Orientado por la educación del entorno para el entorno (Maher, 2007) y su conciencia afectivo-intercultural, este estudio buscó estimular posibilidades y mecanismos de reflexión que puedan hacer de la Educación Básica II de Foz do Iguazú una atmósfera dónde las actitudes docentes puedan hacer que la acogida intercultural sea una práctica constante y activa, independientemente del grupo docente sea público o privado. La investigación encontró importantes reflexiones, por parte de los profesores, sobre el crisol cultural y lingüístico en las escuelas que fueron el campo de estudios. Algunas de estas contribuciones son el poco conocimiento de términos sociolingüísticos y la falta de una enseñanza más interculturalmente acogedora para los estudiantes de otros países. También estuvo presente la preocupación con el aprovechamiento del aprendizaje de los sujetos que vienen de otras localidades.

Palabras clave: Educación al entorno, Pluralidades lingüístico-culturales, Acogimiento intercultural, Enseñanza Fundamental II, Prácticas pedagógicas multiculturales.

VELAZQUEZ, Dario. **Environmental education to the environment: teachers' knowledge and perceptions about practices and intercultural welcoming in Elementary School II, in three schools in Foz Do Iguaçu (PR). 2023.** 107 pages. Master's Dissertation (Interdisciplinary Graduate Program in Latin American Studies) – Federal University of Latin American Integration, Foz do Iguaçu, 2023.

ABSTRACT

Educational processes across borders and in multicultural, multilingual and multiethnic spaces raise the need for a careful look by the teachers and pedagogues, given that the educational system is not always able to cover all the specificities of the subjects in these teaching environments. Given that, this paper, of an interdisciplinary nature, had the participation of teachers working in three schools, of the Elementary School, in the multicultural and multilingual region of Foz do Iguaçu, aiming to collect data on the didactic-pedagogical practices that guide public and private school groups in the municipality in this case study. In addition to the reflection by the participating teachers, it is also to strengthen the process of intercultural welcoming in the school environment for people from other cities, states and countries. Therefore, this study covered the areas of Linguistics, Applied Linguistics, History and Sociology, outlining itself through an applied nature research and qualitative approach, whose exploratory and descriptive investigation was carried out through specific investigative methodological procedures, based on pedagogical reflection through bibliographical research, surveying with the application of a Google forms questionnaire, in order to collect data on perceptions and teaching actions regarding the multicultural and plurilingual nature of citizens, especially the students, who are living in the city. The research is based on academic investigations of researchers from the Triple Frontier region regarding the beliefs and pedagogical practices of teachers who work in educational institutions in Foz do Iguaçu, in the segment of basic education, cycle II. Guided by the education from the environment to the environment (Maher, 2007) and its affective-intercultural awareness, this study sought a diagnosis of the reflection mechanisms that are part of Elementary School II education, an environment in which teaching attitudes can make intercultural welcoming a constant and active practice, regardless of whether the pedagogical-school group is public or private. The research found important reflections, by the teachers, regarding the cultural and linguistic melting pot in the schools that were the field studies. Some of these contributions are the lack of a more intercultural welcoming approach for students and the lack of awareness of terms related to sociolinguistic situations in the border region. Also, concerns with an intercultural approach towards students from other countries were revealed and the uneasiness with the learning acquisition process by the students from other places.

Keywords: Education to the environment, Cultural-linguistic pluralities, Intercultural welcoming, Elementary school teaching, Multicultural pedagogic practices.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Mapa representativo das nove tríplice-fronteiras do Brasil	36
Figura 2 Mapa de localização dos três colégios do campo de estudo.....	40
Figura 3 Mapa de localização do Colégio Estadual Cívico-Militar Costa e Silva.....	41
Figura 4 Imagem retirada do PPP do Colégio Costa e Silva	44
Figura 5 Trajeto entre os Colégios Barão do Rio Branco e Costa e Silva.....	45
Figura 6 Localização no mapa do Colégio Monjolo	47

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Levantamento bibliográfico em torno da temática da pesquisa.....	29
QUADRO 2	IDEB 2019 em Foz do Iguaçu	33
QUADRO 3	Número de habitantes no Brasil e regiões 1970 - 2000	38
QUADRO 4	Índice de crescimento do n° de habitantes no BR e regiões 1970-2000	39
QUADRO 5	Perfil característico dos participantes do Colégio Barão do Rio Branco.....	52
QUADRO 6	Perfil característico dos participantes do Colégio Costa e Silva.....	53
QUADRO 7	Perfil característico dos participantes do Colégio Monjolo	54
QUADRO 8	Respostas à questão dez	77

SUMÁRIO

AUTOAPRESENTAÇÃO	13
1 INTRODUÇÃO	17
2 METODOLOGIA	24
2.1 TIPO DE PESQUISA	25
2.1.1 Levantamento Bibliográfico	27
2.2 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTUDOS	31
2.2.1 Foz do Iguaçu	35
2.2.2 As Instituições de Ensino Participantes do Estudo	38
2.2.2.1 Colégio Estadual Cívico Militar Costa e Silva	40
2.2.2.2 Colégio Estadual Barão do Rio Branco	43
2.2.2.3 Colégio Monjolo	47
2.3 O INSTRUMENTO DE LEVANTAMENTO DE DADOS E A SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES	47
2.3.1 Questionário	49
2.3.2 Delimitação dos Participantes	50
3 EDUCAÇÃO DO ENTORNO E AO ENTORNO: PLURALIDADES LINGUÍSTICO-CULTURAIS, ACOLHIMENTO INTERCULTURAL E ATITUDES DOCENTES	57
3.1 PLURALIDADES LINGUÍSTICO-CULTURAIS	59
3.1.1 Multiculturalidade	59
3.1.2 Línguas em/de Contato	63
3.2 CRENÇAS E ATITUDES DOCENTES	67
3.3 O Projeto Multicultural e as Práticas Docentes	72
4 PRÁTICAS E ATITUDES DOENTE ENTORNO DA SITUAÇÃO MULTILINGUÍSTICA E MULTICULTURAL DA TRÍPLICE FRONTEIRA: UM OLHAR PARA FOZ DO IGUAÇU	76
4.1 SABERES CONCEITUAIS	78
4.2 PRÁTICAS E SABERES DOCENTES	81
4.2.1 Análise dos dados I: Saberes Docentes e Fluxo Migratório	82
4.2.2. Análise de dados II: Saberes Docentes e Política Linguística para Interculturalidade	88
4.2.3. Análise de dados III: Saberes docentes e acolhimento	90
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	101
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO	106

AUTOAPRESENTAÇÃO

Filho de mãe e pai paraguaios que se conheceram em Foz do Iguaçu e aqui se casaram e constituíram família. Os pais, vindos de duas regiões distintas do Paraguai, falavam entre si principalmente *Yopará* - uma mescla entre Guaraní e Espanhol -, mas também transitavam entre o Espanhol e o Português. Quando o assunto era mais emocional, a tendência era o uso exclusivo do Guaraní. Conosco, os filhos, eles falavam tanto em Espanhol e Guaraní quanto em Português (língua que também dominavam por aqui por trabalharem e viverem). Meus irmãos e eu, desde crianças, falávamos mais em Português entre nós, porém, dois de meus irmãos desenvolveram muito bem o Guaraní, inclusive eles trabalham e/ou trabalharam no Paraguai. Ou seja, nasci e fui criado em um contexto trilingue e intercultural, cuja diversidade linguística promovia e nutria um constante contato de línguas, ora harmonioso, ora conflituoso.

Aos sete anos de idade, já falante pleno de Português e de Espanhol e com boa compreensão do *Yopará*, meu pai me matriculou em uma escola particular de idiomas para estudar Inglês. Para ele, numa crença de educação mais universalista ou cosmopolita, há a necessidade de se aprender o Inglês. Na escola - sempre estudei em instituição pública, tanto municipal como estadual - o conhecimento prévio dessa língua gerou não só uma moeda de troca ou escambo¹ cultural em minhas relações pessoais, como a defesa dos "brutamontes" agressivos, mas também moeda de fato, já que eu ganhava pastéis e x-saladas para ajudar os colegas com o Inglês em provas e trabalhos.

Posteriormente, em 2000, me graduei em Letras Português e Espanhol pela Unioeste e me tornei professor de línguas, em aulas de Espanhol e Inglês e, posteriormente, Francês, sendo esta língua adquirida em um curso em escola de idiomas. Certamente a graduação em Letras foi o currículo mais importante em termos didáticos que possibilitaram a prática e a manutenção das línguas aprendidas na infância, Português, *Yopará*, Espanhol e Inglês, bem como a aquisição do Francês, logo o capital

¹ É conhecido pelo nome de **Escambo** a prática ancestral de se realizar uma troca comercial sem o envolvimento de moeda ou objeto que se passe por esta, e sem equivalência de valor. É a forma original e mais básica que o ser humano tem de realizar trocas, geralmente realizadas com o excedente de cada comunidade. Assim, o habitante de uma vila pesqueira, quando obtivesse peixe em demasia, teria o desejo natural de trocar o seu excedente para ter uma variação em sua dieta. Logo, o pescador procuraria alguém que por exemplo fosse agricultor e tivesse plantado algum gênero alimentício em excesso. Havia ainda a necessidade dos dois entrarem em acordo, ou seja, de haver a coincidência dos dois personagens desejarem aquilo que o outro participante na troca tivesse para oferecer. (<https://www.infoescola.com/economia/escambo/>) 18/01/2023.

linguístico tem sido relevante na vivência em ambientes multiculturais e multilingues.

Posso dizer que a minha prática pedagógica começou no terceiro ano de graduação, como professor estagiário de Espanhol, no fundamental II, no Colégio Vicentino São José. Logo após a primeira prática docente o trabalho como professor segue alternando entre escolas particulares e públicas como: Colégio Bartolomeu Mitre (2001), Colégio Agrícola (2001) e também no CEEBJA, professor celetista; Colégio Dinâmica (2010-2011), com Espanhol; Colégio Caesp (2007-2012) alternando entre Inglês e Espanhol; Coq Semeador (2016) na disciplina de Espanhol; Wizard (2004-2021) com espanhol, Inglês e Francês; e Influx (2021), com Espanhol e Inglês. Colégio Monjolo (2021) lecionando Português, Francês e Espanhol. As experiências em escolas públicas foram como professor celetista nas disciplinas de Português e Espanhol.

A reflexão que move a pesquisa é um axioma, pois sendo filho de imigrantes, bilíngue, aprendiz de Língua Estrangeira (LE) e docente de Português Língua Materna e de LE na fronteira, a inquietação de como a educação pode ser pensada na região trinacional é algo constante, principalmente, quando direciono o meu olhar para os sujeitos nascidos em outros países ou que são filhos de pessoas que vieram de outros países. Esses imigrantes, por vezes, podem passar por situações nas quais podem não ser compreendidos, respeitados e podem ser até mesmo ignorados em suas necessidades e vivências sociais, quem sabe por serem apenas “mais um” no meio de tantos outros. Portanto, o exercício de pensar a educação na fronteira implica em reflexão constante e deve ser revisitado de tempos em tempos, fortalecendo assim o entorno do corpo docente atuante no município, que busca na reflexão a base do ensino-aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

Considerando-se o tamanho de Foz do Iguaçu em relação à sua população e cartografia, diríamos que é uma cidade pequena ou no máximo média. Segundo o IBGE (2021), a cidade tem hoje uma população estimada em aproximadamente duzentos e cinquenta e sete mil habitantes. No entanto, após diversos processos transitórios e migratórios, a região da Terra das Cataratas passou a ser de grande envergadura em questões relacionadas às áreas de linguística, cultura e identidade e a cidade abriga hoje pessoas oriundas de diversos lugares. De acordo com os dados disponibilizados pela Delegacia da Receita Federal e publicados em um site de notícias² da cidade, em 2014 Foz do Iguaçu saltou de 74 etnias para 81. Além dos nascidos na cidade (muitos deles filhos de imigrantes), há pessoas que vieram de outras cidades paranaenses, de outros estados brasileiros e de outros países.

Há alguns motivos importantes nesse processo que trata do entendimento da construção social dos habitantes de Foz. Um deles é o fato da cidade fazer fronteira com dois países da América do Sul: Paraguai e Argentina. Outro ponto é o caso da cidade ter recebido a Usina de Itaipu a partir dos anos 1970, que trouxe consigo a necessidade de mão de obra especializada em várias áreas. Foz não dispunha naquela época de trabalhadores específicos e, logo, engenheiros, médicos, arquitetos, pedreiros, eletricitas, geólogos, mestres de obras e muitos outros profissionais, começaram a vir para a região. Condição que intensificou a “atração de correntes migratórias, trazendo, além de contingentes populacionais de outras partes do Estado, principalmente trabalhadores e seus familiares de São Paulo, Minas Gerais, e Rio Grande do Sul” (DE MARTINS; VAN DE MEENE RUSCHMANN, 2010, p. 10).

Além desses dois pontos, nos anos 1980, na ânsia de transformar a fronteira numa nova “*El dorado*”³, Foz começou a receber comerciantes vindos de lugares

² <<https://www.radioculturafoz.com.br/2014/01/27/cresce-numero-de-etnias-registradas-em-foz/>>.

³ A expressão *El dorado*, em espanhol, literalmente significa “o dourado”, “da cor do ouro” e acabou sendo incorporada em sua língua original em várias línguas faladas na América. No Brasil, por exemplo, o *Dicionário Houaiss* da língua portuguesa aponta duas acepções para o verbete “*el dorado*”. 1. Cidade ou país fictício que exploradores do século XVI afirmavam existir na América do Sul. 2. Local pródigo em riquezas e oportunidades”. Refere-se ao mito consolidado já no século XVI, a partir de relatos divulgados por indígenas que diziam haver em algum ponto do interior do continente sul-americano um soberano que não usava mais vestimenta que uma película de ouro em pó que cobria sua pele. Todos os dias o privilegiado cacique lavava seu corpo em um lago, para voltar a substituí-la, tão grande era a quantidade de metal existente em seu reino.

mais longínquos, como o Líbano e a China. Somam-se também coreanos, indianos, árabes, palestinos, entre outros, sobretudo em função do comércio em *Ciudad Del Este*, cidade paraguaia que, junto a Foz e a *Puerto Iguazú*, na Argentina, forma a tríplice fronteira. A partir da década de 1990, a vinda para Foz da sede da Conscienciologia⁴ trouxe diversas pessoas, práticas e culturas distintas. Em um artigo sobre vivências cotidianas de imigrantes na cidade de Foz, Nelson Cardoso, Anael Cintra e Rosa Moura (2012), citam uma pesquisa realizada nos anos 80, mencionando que Foz do Iguaçu juntamente com outras cidades brasileiras, tiveram um fenômeno conhecido como “migração pendular”, que é o fato de pessoas morarem em um município brasileiro e trabalharem em outra cidade transfronteiriça. Os dados, do Instituto IPARDES, relatam que o número de sujeitos que fazem esse movimento saltou de 110 mil nos anos 80 para, aproximadamente, para 394 mil nos anos 2000 no estado do Paraná.

Diante disso, a cidade é bastante mutável em alguns aspectos culturais e sociais que colaboram para que a região se consolide como uma das mais cosmopolitas do Brasil. Portanto, observar a existência de ações em termos de políticas que visem o bem-estar e a conformidade das várias línguas e culturas encontradas na cidade, com o objetivo de constatar se realmente há ações nesse sentido, se faz necessário, bem como uma das intenções desta pesquisa é a de trazer uma reflexão sobre as atitudes pedagógicas em relação às práticas e ações pedagógicas em escolas da cidade de Foz do Iguaçu.

Assim, a reflexão sobre a existência ou não de políticas linguístico-culturais implementadas nas instituições de ensino do município iguaçuense surgiu a partir de questionamentos acerca de como ocorre o acolhimento intercultural e linguístico de discentes, principalmente, imigrantes nos contextos educacionais, cujas línguas e culturas não são as brasileiras.

Sendo assim, nesse contexto diverso, questionamentos, como, por exemplo: como tem sido praticado o ensino de línguas maternas nos colégios de Foz do Iguaçu? Haveria a necessidade de investir assertivamente no ensino de línguas, sobretudo, Inglês e Espanhol? Como estão sendo consideradas em sala de aula outras línguas, como as orientais, a chinesa e a coreana, as árabes, as indígenas, as de

⁴ A Conscienciologia é o termo proposto pelo médico e pesquisador brasileiro Waldo Vieira (1932-2015) para definir a nova ciência dedicada ao estudo da consciência, que, dentre outros termos, é aquilo o que se denomina por ego, alma, espírito, essência, eu, individualidade, personalidade, pessoa, self, ser ou sujeito. A Conscienciologia parte do princípio de que a manifestação da consciência vai além do cérebro físico e que é independente do corpo humano. Este fato pode ser verificado, dentre outras maneiras, por meio da experiência fora-do-corpo.

imigrantes, muitas vezes deslocados forçados (Aydos, 2010) e de refugiados de (países em conflito como no caso do Haiti)? Como tem sido implementado e praticado o ensino da Língua Portuguesa para não falantes de Português?, entre outras. Contudo, ações que versem a respeito do acolhimento desses discentes imigrantes podem ou não ser consideradas ou fomentadas no entorno escolar dependendo das atitudes dos docentes.

Diante da diversidade de inquietações, esta pesquisa pautou-se em uma problemática ancorada em dois questionamentos: 1. Como ocorre a reflexão docente frente às suas práticas e atitudes pedagógicas numa localidade que parece ser “líquida”⁵, onde as estruturas sociais não se mantêm com o mesmo padrão por muito tempo (BAUMAN, 2007); e 2. Como poderiam ser aperfeiçoados esses processos, de acordo com a natureza multicultural e plurilíngue dos cidadãos emergentes que habitam a cidade?

Nesta perspectiva, as escolas constituem-se como um âmbito privilegiado de análise e atuação, ao menos, em termos laboratoriais, dos processos em “línguas e culturas que não sejam a materna” (SERRANI, 1998). Sabe-se que as escolas em si não dão conta da totalidade dos processos e, mesmo que dessem, seria necessário trabalhar a chamada educação do entorno, nos moldes em que Maher (1998) coloca, uma vez que o Brasil não é um país monolíngue, pois segundo Calvet (2002, p. 27), “o mundo é plurilíngue em cada um de seus pontos e que as comunidades linguísticas se margeiam, se superpõem continuamente.”

Para esta autora, a preocupação com o entorno se dá pelas complexidades culturais e identitárias de ambientes escolares:

Além de as identidades culturais não serem uniformes ou fixas, o que ocorre na sala de aula não é simples justaposição de culturas. Ao contrário: as identidades culturais nela presentes (tanto de professores, quanto de alunos) esbarram, tropeçam umas nas outras o tempo todo, modificando se e influenciando se continuamente, o que torna a escola contemporânea não o lugar de “biculturalismos”, mas de interculturalidade (MAHER, 2007, p. 89).

Por conseguinte, a justificativa desta pesquisa pauta-se na possibilidade e/ou necessidade de se trazer para a discussão pedagógica essa educação do entorno, essa consciência afetivo-intercultural, buscando desenvolver, quem sabe, mecanismos

⁵A passagem da fase “sólida” da modernidade para a “líquida” - ou seja, para uma condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam (Bauman, 2007/2007, p. 7).

que possam fazer da educação do ensino Fundamental II, na região da fronteira de Foz do Iguaçu, um ambiente no qual o acolhimento seja sempre praticado, independentemente se o grupo escolar for público ou privado. Inclusive, entende-se que ponto chave é como se constitui de modo concreto o momento no qual o professor encontra uma sala de aula multilíngue e multicultural, visto que, por vezes, alguns professores podem não ter tido, em sua formação pedagógica, todas as informações relacionadas aos processos culturais que ocorrem em fronteiras entre países, onde o contato linguístico e cultural oferece variáveis diferentes das de outras localidades.

De modo geral, entende-se que é possível contribuir no sentido de subsidiar os processos de uma educação mais reflexiva para um acolhimento mais amplo e interdisciplinar nas escolas. Para tanto, estas precisam estar mais alinhadas às relações interculturais e linguísticas que se dão no mosaico iguaçuense para além de sua fronteira de contato trinacional, turística e de comércio fronteiriço, e passar a englobar também as características étnicas e migratórias que compõe o município, tendo em vista que segundo dados de 2019 do Núcleo de Imigração da Delegacia de Polícia Federal, Foz do Iguaçu possui habitantes de 81 nacionalidades diferentes.

Diante disso, esta pesquisa objetiva observar como a reflexão sobre os processos de migração em solo brasileiro impactam em outros modos de organizar a prática pedagógica e o sistema educacional. Com base em tal objetivo, o trabalho problematiza e tece proposições sobre a necessidade de uma política linguístico-intercultural de cunho local em Foz do Iguaçu, que vise um trabalho de acolhimento intercultural voltado aos discentes oriundos de outras nacionalidades

Para tanto, objetiva-se especificamente:

1. Identificar, por meio da aplicação de um questionário, se os professores vivenciam reflexão pedagógica em relação ao processo de migração e intercâmbio cultural e linguístico presentes nas salas de aula em Foz do Iguaçu;
2. Identificar e analisar qual a função e relevância atribuída ao acolhimento escolar os sujeitos oriundos de outros países e culturas, bem como de outros estados e regiões do Brasil,
3. Identificar e analisar iniciativas que objetivem levar às escolas públicas e particular um ensino mais integrador, intercultural e acolhedor.

Neste sentido, esta dissertação percorre as áreas da Linguística (BAGNO, 1999; VERMES e BOUTET, 1989), Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006; BERGER, 2010), História e Sociologia (BOURDIEU, 1996), delineando-se por meio de uma pesquisa

de campo de natureza aplicada e de abordagem qualitativa, cuja investigação exploratória e descritiva se dará através de procedimentos metodológicos específicos, com base em Bortoni-Ricardo (2018); Flick (2004) e Gerhardt e Silveira (2009), a partir de um levantamento bibliográfico e documental, da elaboração e da aplicação de um questionário do *Google forms*, com vistas a levantar dados sobre as percepções e ações docentes frente à natureza multicultural e plurilíngue dos cidadãos emergentes que habitam a cidade.

Dessa forma, além dos objetivos citados para processo investigativo deve-se pensar nos meios pelos quais pode-se fazer com que os resultados deste trabalho possam ser usados como parte da reflexão acadêmica e da prática pedagógica dos participantes, reforçando que o tema é de interesse de todos aqueles que estão trabalhando com educação em um ambiente sociolinguisticamente diverso e complexo.

Sendo assim, este estudo, de caráter interdisciplinar, realizou um levantamento com docentes atuantes em três colégios da região multicultural e multilíngue de Foz do Iguaçu, visando refletir sobre as práticas e as atitudes didático-pedagógicas que norteiam os grupos escolares públicos e privados do município. Além da reflexão por parte dos grupos de docentes nesta localidade, outrossim é fortalecer o processo de acolhimento intercultural (RIBEIRO, 2018; OLIVEIRA, 2019) em âmbito escolar para com sujeitos oriundos de outras cidades, estados e países.

Logo, a temática do multiculturalismo e do plurilinguismo (MAHER, 1998) é relevante dentro do meio acadêmico local, pois os encontros e confrontos culturais e identitários estão em constante ebulição e transição. Ora são apenas entendidos como algo do nosso imaginário, ora são situações reais, no entanto, efêmeras e que escapam da nossa compreensão; algo que permeia a tríade do real, do simbólico e do imaginário, tal como definida por Lacan (1953).

Sob esta perspectiva, a percepção que se tem é a de que, alguns profissionais da educação, podem ter dificuldade em adequar o componente teórico-metodológico adquirido em suas formações curriculares, relacionadas aos processos de inclusão e aos processos culturais diferentes, de maneira que se possa dar sentido prático ao que se vivencia nas salas de aula em ambientes tão diversos. Essa questão é perceptível em alguns relatos de colegas docentes que atribuem às esferas de políticas linguísticas questões que perpassam também os processos educacionais e pedagógicos que envolvem o currículo de formação de professores, onde possivelmente nem todas as questões culturais e identitárias são abordadas. Frases como: “eu não vi

isso na graduação” ou “o professor mencionou isso mas, não se aprofundou no tema”, são exemplos de momentos nos quais alguns professores indicam alguma dificuldade perante situações inusitadas, provenientes dos contatos culturais e linguísticos, especialmente na região das três fronteiras. Talvez a resposta esteja além da reflexão sobre ações que fomentem as atividades de capacitação e atualização dos movimentos que norteiam a formação docente em meio escolar ou quem sabe a solução ocorra no árduo exercício do magistério, o que muitas vezes acontece de forma inusitada.

Para tanto, este texto traz uma sequencialidade que parte de uma autoapresentação, isto é, de um breve relato de como este pesquisador percebe parte de sua trajetória de vida estudantil, a formação acadêmica e o que o motivou para a realização desta dissertação. Na sequência, a Introdução apresenta a temática do estudo, as questões que suscitam a reflexão e a investigação do objeto, a justificativa e os objetivos, bem como os materiais e métodos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa e o embasamento teórico que fundamentou o estudo.

O segundo capítulo compreende o percurso metodológico do estudo e traz uma explanação sobre o tipo de pesquisa, instrumentos e métodos utilizados no transcorrer da investigação, a partir dos postulados teóricos de LAKATOS e MARCONI (2003), GERHARDT e SILVEIRA (2009) e BORTONI-RICARDO (2018). Tendo em vista o campo de amostragem selecionado, descreve-se também neste capítulo, de maneira sucinta, o contexto histórico-geográfico de Foz do Iguaçu para tratar desse entrelugar⁶ político-fronteiriço, cuja amplitude reflexiva contribuirá para a fundamentação e delineamento do viés qualitativo desta dissertação, no que diz respeito à diversidade de etnias, culturas e línguas que conforma a cidade iguaçuense, haja vista que foram elencados 3, dos 43 colégios, instituições de ensino públicas e privadas, relativas ao Ensino Fundamental II, presentes na cidade. Na terceira parte do capítulo metodológico é abordado o instrumento de levantamento de dados aplicado: o questionário

⁶ O conceito de entre-lugar torna-se particularmente fecundo para reconfigurar os limites difusos entre centro e periferia, cópia e simulacro, autoria e processos de textualização, literatura e uma multiplicidade de vertentes culturais que circulam na contemporaneidade e ultrapassam fronteiras, fazendo do mundo uma formação de entre-lugares. Marcado por múltiplas acepções, o entre-lugar é valorizado pelo s realinhamentos globais e pelas turbulências ideológicas iniciadas nos anos oitenta do último século, quando a desmistificação dos imperialismos revela-se urgente. (In: FIGUEIREDO, E. Conceitos de literatura e cultura. Juiz de Fora: Editora UFJF/Niterói: EdUFF, 2005, p. 215-141. GT ANPOLL – RELAÇÕES LITERÁRIAS INTERAMERICANAS O ENTRE-LUGAR Nubia Jacques Hanciau Professora Titular Universidade Federal do Rio Grande/RS

sociolinguístico e a delimitação dos participantes, apresentando um quadro com o perfil característico dos professores que contribuíram com a pesquisa.

O terceiro capítulo tenciona apresentar a revisão de literatura que fundamenta o estudo. Com o viés interdisciplinar, a pesquisa buscou o referencial em pesquisas relevantes para com o entorno da região das três fronteiras. As produções acadêmicas de Berger (2015) e a questão do multi e plurilinguismo; Giongo (2019) com o mapeamento linguístico de Foz do Iguaçu; Ribeiro (2015; 2017) sobre as políticas linguísticas e o ensino de fronteira; Sabadin (2013) e sua contribuição com as crenças e atitudes linguísticas; e Martiny, Redel e Heck (2020) nas práticas linguísticas de acolhimento na região de fronteira, contribuíram para o desenvolvimento deste estudo sobre as reflexões docentes em torno das suas experiências em salas de aula em uma perspectiva multicultural.

A reflexão oriunda desta pesquisa é abordada no Capítulo 5, momento em que os dados levantados por meio dos questionários foram analisados sob os paradigmas qualitativos da Linguística e de áreas afins, pois, geograficamente, parece haver uma necessidade, uma tentativa, por parte do meio acadêmico, de buscar possibilidades de maior engajamento social, cultural e político dentro do processo curricular que permeia e constrói as ações que podem ajudar a determinar os rumos da educação local e, quem sabe, regional, visto que os processos multiculturais não ocorrem apenas na cidade de Foz do Iguaçu.

Por fim, a conclusão retoma o objetivo do estudo e apresenta seus principais resultados e evidencia que as pesquisas na localidade de Foz do Iguaçu vêm se alinhando para consolidar o município brasileiro como uma fonte abundante de dados para a sociolinguística e suas vertentes.

2 METODOLOGIA

Este capítulo visa discorrer sobre o percurso metodológico da pesquisa. Para tanto, serão abordadas conceituações sobre o tipo de pesquisa, a sua natureza, os objetivos, os procedimentos e o instrumento de levantamento de dados selecionado, bem como sobre o campo da amostragem e a delimitação dos participantes.

Sendo assim, na seção 2.1 apresenta-se a abordagem deste estudo, a sua natureza, os objetivos e os procedimentos de levantamento de dados. Neste sentido, discorre-se sobre a pesquisa qualitativa e aplicada que compreende o presente estudo. Na sequência, discute-se sobre a pesquisa exploratória e a descritiva, cujos pressupostos foram fundamentais para obter informações sobre a temática em investigação, bem como para descrever as observações registradas no transcorrer do percurso exploratório e que foram identificadas, refletidas e interpretadas no capítulo analítico-reflexivo. Ainda, na seção 2.1, são tratados os procedimentos de levantamento de dados, tendo como base as pesquisas de levantamento bibliográfico e documental, pautando-se na leitura e na análise documental dos Projetos Político Pedagógico (PPPs) das instituições de ensino que compreendem o campo de amostragem da pesquisa.

A seção 2.2 compreende a caracterização do campo de estudos e apresenta alguns dados sobre a cidade de Foz do Iguaçu (2.2.1), subdividindo-se na seção 2.2.2 que corresponde a apresentação das instituições de ensino elencadas para aplicação do questionário sociolinguístico. Assim, para uma melhor descrição de cada um dos colégios selecionados, foram dispostas as informações em subtópicos: 2.2.2.1 Colégio Estadual Barão do Rio Branco; 2.2.2.2 Colégio Estadual Cívico-Militar Costa e Silva; e 2.2.2.3 Colégio Monjolo.

A seção 2.3 trata sobre o instrumento de levantamento de dados e está dividida nas seguintes subseções: 2.3.1 Questionário, momento em que se disserta sobre essa ferramenta de levantamento de dados, sua elaboração, temática e quantitativo de perguntas que o compõe; e 2.3.2 a Delimitação dos participantes em que é tecida os critérios estabelecidos para a seleção dos sujeitos da pesquisa.

Dessa forma, o escopo pesquisado caracteriza-se dentro de um limite possível e necessário para se obter resultados relevantes para o pesquisador, para os sujeitos envolvidos e para a comunidade iguaçuense e acadêmica como um todo, no que se refere sobre as práticas pedagógicas de acolhimento à discentes imigrantes. A questão

do acolhimento intercultural tem sido praticada, de certa forma, mas ainda não sabe em que medida, pelas instituições de ensino.

Portanto, em relação à metodologia científica e como arranque, tem-se a localidade onde se encontra o município de Foz do Iguaçu, na região do extremo oeste do Paraná, partindo de um universo histórico e fronteiriço, especialmente o da região da Tríplice Fronteira Brasil, Paraguai e Argentina, em que os dados levantados estão dentro de uma perspectiva sócio-educacional e pedagógica, onde práticas e atitudes linguísticas de sujeitos moradores e docentes desta fronteira fornecem um vasto, mas pouco explorado ainda, campo de estudos por uma grande parte da comunidade iguaçuense.

2.1 TIPO DE PESQUISA

Ao se pensar em processos metodológicos de pesquisa é importante buscar a maneira mais assertiva para se chegar a dados que possam delinear um *corpus* que possa oferecer objetos de estudo tangíveis, tanto para o pesquisador como para os sujeitos e os leitores dos resultados obtidos. O método científico requer um senso ético e responsável por parte dos que se lançam na investigação em educação, especialmente a educação básica em escolas do ciclo fundamental. Toda informação coletada pode ser usada e interpretada de modo com que os resultados possam expressar um olhar atento aos dados obtidos, para que se possa fazer apontamentos críticos.

Para tanto, este estudo corresponde a uma pesquisa de campo de natureza aplicada e de abordagem qualitativa, que tem como objetivo realizar uma investigação exploratória e descritiva, por meio de procedimentos específicos, como o levantamento bibliográfico e documental, assim como a análise destes documentos, neste caso, os PPPs dos colégios que compreendem o campo de amostragem deste estudo. Sendo assim, esta dissertação está baseada em conceitos que são axiomas em meio acadêmico, uma vez que os dados obtidos são dados que se encontram em textos anteriores a este e em diferentes áreas do conhecimento, que tem a Língua e ou Linguagem no seu campo de estudos da realidade social, logo o contexto sócio-histórico é uma das bases desta empreitada. Portanto,

Quando o teórico aborda a realidade social, encontra o campo antecipadamente ocupado pelo que pode ser chamado de auto interpretação da sociedade. A sociedade humana não é meramente um fato, ou um acontecimento do mundo exterior, a ser estudado por um observador como um fenômeno natural... É um pequeno mundo integral, um cosmos, iluminado de significado a partir de seu interior pelos seres humanos da sua auto realização. (HUGHES, 1980, p. 109).

Logo, é possível afirmar que o objeto de estudo deste texto busca evidenciar que a prática docente e o acolhimento escolar são partes de significativa construção pedagógica, pois ao construir uma ponte entre a pesquisa quantitativa e a observação de dados culturais, sociais e práticas pedagógicas, a investida se dá em um grupo social que atua diretamente com o processo educacional, os professores. Assim, as experiências das práticas docentes, do repertório pedagógico e interpretação dos significados culturais (BORTONI-RICARDO, 2008) são particularidades que devem fornecer dados para a questão que move a tessitura desta pesquisa.

Em resumo, pode-se dizer que a pesquisa partirá de dados qualitativos, sendo que as informações coletadas serão ponderações de interpretação para a análise das percepções de três grupos de professores atuantes em três colégios em Foz do Iguaçu, uma vez que na pesquisa qualitativa, também denominada de interpretativa, o “pesquisador está interessado em processo que ocorre em determinado ambiente e quer saber como os atores sociais envolvidos nesse processo o percebem, ou seja como o interpretam” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 35).

Segundo Gerhardt e Silveira (2009), ao pesquisar, o estudioso, aproxima-se da realidade que se procura investigar e entender. Para tanto, seleciona a metodologia e as ferramentas de levantamento de dados que pretende aplicar. Assim, de “acordo com as características da pesquisa, poderão ser escolhidas diferentes modalidades de pesquisa, sendo possível aliar o qualitativo ao quantitativo” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 36). No caso do presente estudo, por trabalhar com apenas um percentual da amostragem de colégios existentes na cidade de Foz do Iguaçu (3 de 43), bem como com um número reduzido de participantes, haja vista que não foram todos os professores das instituições que se disponibilizaram a preencher o questionário. Por conseguinte, não se pode dizer que esta pesquisa é quantitativa, pois não ela não é macro e nem envolve todos os colégios e docentes atuantes nas instituições de ensino iguaçuense, seja no âmbito estadual e privado e também não houve uma preocupação direta com os números de participantes, mas sim com as contribuições de suas experiências.

Diante disso, embora sejam apresentados dados quantitativos dispostos em quadros, gráficos e tabelas baseadas em dados numéricos, esta dissertação é de abordagem qualitativa, pois visa interpretar as informações levantadas e relacioná-las de maneira aplicada ao contexto educacional apresentado nos três colégios participantes. Ou seja, “o objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações” (DESLAURIERS, 1991, p. 58 *apud*, GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32).

Diante do caráter exploratório da pesquisa, realizou-se uma revisão bibliográfica com vistas a levantar referenciais teóricos sobre a temática da pesquisa, cuja ênfase delineou-se a partir dos estudos em contextos onde há o contato entre povos e culturas, e que costumam trazer para a discussão assuntos como: multiculturalidade, práticas docentes em fronteira, preconceito linguístico e étnico, choque cultural, políticas linguísticas, etc. Embora tais conceitos pareçam um tanto repetitivos no meio social e escolar, a prática de alguns parece ter ganho força em virtude do governo anterior, que trabalhou de forma pontual em alguns conceitos que remetem às situações de segregação ou separatismo, como, por exemplo, a Reforma do Ensino Médio e a substituição dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs, 1998) pela *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC, 2018), na falácia discursiva de promover a igualdade e de estruturar os pilares da educação com mais equidade, observa-se que o “termo comum está longe de significar igualar” (SOUZA; BAPTISTA, 2017, p. 179). Portanto, parece haver muito trabalho em relação ao entendimento de processos educacionais singulares.

Consequentemente, a discussão e a reflexão das ações pedagógicas dos docentes é um campo que está sempre inacabado e está repleto de possibilidades a serem desenvolvidas e observadas. Sendo assim, esta pesquisa conta com um levantamento bibliográfico do entorno linguístico-cultural voltado ao contexto multiétnico de Foz do Iguaçu, como se verá na seção seguinte que traz um levantamento de estudos já realizados em torno da temática em reflexão.

2.1.1 Levantamento Bibliográfico

Outra frente importante na investigação interdisciplinar é a de se estabelecer uma conexão significativa entre os dados estudados com as premissas de conceitos teóricos já evidenciados pelos meios acadêmicos. Nesta perspectiva, a

realização do levantamento bibliográfico tem se mostrado muito eficaz, pois, de acordo com Galvão (2010), consiste em um procedimento metodológico que visa ir além daquilo que já existe, “para para mudar a educação” (FINO, 2011, p. 01) e conseguir valer-se de condições de produção de conhecimento mais elaboradas e, conseqüentemente, com menor possibilidade de erro.

Nesse sentido, tendo em vista que esta pesquisa objetivou refletir sobre as práticas e atitudes docentes no entorno multicultural, especificamente, da cidade de Foz do Iguaçu, localizada na região das três fronteiras, cujo foco centraliza-se no acolhimento intercultural e na observação das ações dos docentes frente à diversidade étnica que permeia o ambiente escolar, realizou-se um levantamento bibliográfico no banco de teses e dissertações da CAPES. Para tanto, buscou-se delimitar o campo de pesquisa em produções acadêmicas na região da tríplice fronteira, com o intuito de averiguar quais as pesquisas já desenvolvidas em torno das palavras-chave: “práticas, atitudes pedagógicas, ensino na fronteira”.

Em virtude da complexidade multicultural e da diversidade plurilingual que existe na região trinacional de Foz do Iguaçu, a pesquisa teve que ser pensada em mais de um tipo de busca, ou seja, com variações nas palavras-chave, portanto foi preciso fazer a busca no acervo CAPES com mais de um termo seguido de outro que compunha a possibilidade de pesquisa, exemplo: “práticas linguísticas” na fronteira, “práticas docentes” na fronteira, “práticas pedagógicas” na fronteira

Em linhas gerais, para os resultados referente à “práticas pedagógicas”, a busca encontrou um número de 11.299 produções acadêmicas, quando a pesquisa foi feita com “atitudes docentes”, 29 foi o número registrado, e, com as palavras “ensino e fronteira”, o número de artigos e teses foi para 1.715. O levantamento foi feito a partir do ano de 2015 até 2022.

Tendo em vista a temática da pesquisa, dentre as opções geradas pelo coleta CAPES, selecionou-se algumas produções relacionadas ao presente estudo e que foram compiladas no Quadro 1. O critério que delineou o levantamento foi pensado no entorno de publicações de acadêmicos e professores atuantes em fronteira:

Quadro 1 - Levantamento bibliográfico em torno da temática da pesquisa

AUTOR(A)	TÍTULO DA DISSERTAÇÃO, TESE OU TCC OU ARTIGO	ANO	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS-CHAVE
ISIS RIBEIRO BERGER	GESTÃO DO MULTI/PLURILINGUISMO EM ESCOLAS BRASILEIRAS NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI: UM OLHAR A PARTIR DO OBSERVATÓRIO DA EDUCAÇÃO NA FRONTEIRA	2015a	UFSC	gestão do multi/plurilinguismo, educadores-gestores, fronteira Brasil – Paraguai. OBEDF
SIMONE BEATRIZ CORDEIRO RIBEIRO	LÍNGUA(S) DE FRONTEIRA: O ENSINO DA LÍNGUA ESPANHOLA EM GUAÍRA, PARANÁ	2015	UNIOESTE	língua(s) de fronteira; língua espanhola; políticas e planificações linguísticas; direitos linguísticos; ensino e aprendizagem de línguas
ISIS RIBEIRO BERGER	ATITUDES DE PROFESSORES BRASILEIROS DIANTE DA PRESENÇA DO ESPANHOL E DO GUARANI EM ESCOLAS NA FRONTEIRA BRASIL - PARAGUAI: ELEMENTO A GESTÃO DE LÍNGUAS	2015b	UBA	atitudes, professores, escolas na fronteira, espanhol e guarani.
SIMONE BEATRIZ CORDEIRO RIBEIRO	POLÍTICAS LINGUÍSTICAS E ENSINO DE LÍNGUA(S) DE FRONTEIRA NA ESCOLA	2017b	UFRGS	políticas linguísticas; língua(s) de fronteira; fronteira geográfica enunciativa
ADRIANA NASCIMENTO SILVA, SIRLEI PEREIRA DOS REIS	DESAFIOS DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA FRONTEIRA – BRASIL/PARAGUAI	2018	UFF	cultura; bilinguismo/multilinguismo; ensino-aprendizagem
MARLENE NERI SABADIN	CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: ASPECTOS DA REALIDADE NA TRÍPLICE FRONTEIRA	2019	UFBA	atitudes, contato linguístico, variação, crenças
ROSANGELA MORELLO	MULTILINGUISMO E ENSINO NA FRONTEIRAS	2019	UNICAMP	multilinguismo, direitos linguísticos, fronteiras
MIRIAN REGINA GIONGO KUERTEN	VALORIZAÇÃO DO MULTILINGUISMO: UM MAPEAMENTO E PLANEJAMENTO LINGUÍSTICO ESCOLAR EM FOZ DO IGUAÇU, PR	2019	UNIOESTE	multilinguismo; mapeamento linguístico; fronteira; Política Linguística; Foz do Iguaçu

FRANCIELE MARIA MARTINY, ELISÂNGELA REDEL E DIANA MILENA HECK	PRÁTICAS LINGÜÍSTICAS EM UMA ESCOLA NA REGIÃO DE FRONTEIRA BRASIL/PARAGUAI: QUESTÕES POLÍTICO-LINGÜÍSTICO-EDUCACI ONAIAS DE (NÃO) GESTÃO DE LÍNGUAS	2020	UNIOESTE UNILA UFMS	política linguística, plurilinguismo, escola na fronteira.
ISIS RIBEIRO BERGER E LUAN HENRIQUE MENDES	REFLEXÕES SOBRE O PERFIL LINGÜÍSTICO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS EM FORMAÇÃO NO CONTEXTO MULTILÍNGUE DE FOZ DO IGUAÇU	2021	UEPG UNIOESTE	perfil linguístico; multilinguismo; mapeamento linguístico escolar

Fonte: Dados adaptados do banco de artigos, teses e dissertações da CAPES, em 2022 pelo autor

A pesquisa CAPES trouxe um universo bastante amplo em relação à questão do ensino em regiões de fronteira, bem como ações (práticas e atitudes) pensadas em ambiente escolar, no entanto, quando a pesquisa busca um refinamento pensado para a região de Foz do Iguaçu, o número de dissertações, teses e artigos fica mais restrito e, ainda, com pouca produção voltada para as “atitudes pedagógicas” e “práticas pedagógicas”.

A sequência do levantamento bibliográfico apresenta os textos que conversam sobre a questão dos problemas encontrados no campo de fronteiras e suas línguas, possibilidades de políticas linguísticas e como os professores lidam com a realidade em sala de aula de um modo geral, bem como às questões que envolvem os processos escolares, especificamente, na região de Foz do Iguaçu com suas características quase que únicas.

Assim, Berger (2015a), em sua dissertação intitulada *Gestão do multi/plurilinguismo em escolas brasileiras na fronteira Brasil-Paraguai: um olhar a partir do observatório da educação na fronteira*, aborda, sob a ótica da Política Linguística, como os educadores de escolas brasileiras em regiões de fronteira participam na construção de ações que visam integrar as áreas da Antropologia, Filosofia, Geografia, Linguística Aplicada, Sociologia e Sociolinguística para desenvolver políticas linguísticas-educacionais voltadas à promoção do multi/plurilinguismo na fronteira, com vistas à integração linguístico-cultural entre Brasil e Paraguai.

Ribeiro (2015a), em sua tese também discorre sobre a fronteira Brasil/Paraguai, porém desde o contato existente entre as cidades de Guaíra (Paraná/Brasil) e *Salto del Guairá* (Paraguai). Em seu estudo, a pesquisadora abordou a questão do aprendizado onde diferentes línguas se encontram e como a realidade local

pode determinar as possíveis ações de planejamento linguístico para a região de fronteira entre os dois países.

Silva e Dos Reis (2018) buscam possibilidades de se trabalhar com alunos fronteiriços, respeitando sua língua materna e sua cultura sem a imposição da língua Portuguesa como fonte única de comunicação. O artigo trata da complexidade do espaço fronteiriço como ponto de partida para um ambiente transcultural de aprendizado.

Berger (2015b) em seu artigo *Atitudes de professores brasileiros diante da presença do espanhol e do guarani em escolas na fronteira Brasil-Paraguai: Elemento à gestão de línguas* buscou diferentes procedimentos de coleta e geração de dados para estudar como acontecem as atitudes de professores na fronteira seca entre Brasil e Paraguai. O trabalho busca analisar como a língua-enquanto-problema marca atitudes que norteiam a questão simbólica das fronteiras.

Ribeiro (2017) reitera a necessidade de pensar em ações políticas vindas do estado/município em parceria com a comunidade para que a presença de alunos falantes de outras línguas não seja impeditivo do processo ensino-aprendizagem.

Sabadin (2019), em sua tese *Crenças e Atitudes Linguísticas: Aspectos da Realidade na Tríplice Fronteira*, trata do tema dos contatos linguísticos na região trinacional. Em seu trabalho, a autora entrevistou vinte e quatro informantes predados a mais de vinte anos em cada uma das comunidades investigadas. Foram analisados os contatos entre línguas, as crenças atribuídas a elas e as atitudes dos sujeitos em espaços plurilingues.

Morello (2019) buscou estudar os novos rumos do multilinguismo com um reposicionamento das línguas em contato, inclusive a Língua Portuguesa. Para a autora, os contextos de educação devem legitimar os direitos linguísticos na nova agenda global de saberes.

Giongo (2019) em sua pesquisa investigou a reflexão sobre o que é ser multilíngue e como é possível valorizar as línguas faladas na cidade de Foz. A pesquisa foi feita com o Colégio Vicentino São José. A pesquisadora também buscou encontrar meios para que se possa praticar o multilinguismo na organização escolar.

Martiny, Redel e Heck (2020) estudaram o processo de reflexão no espaço plurilingue na rede municipal de ensino. As pesquisadoras não encontraram na escola pesquisada uma gestão pensada no acolhimento intercultural ou algum tipo de gestão pensada no contato de línguas em contexto escolar.

Berger e Mendes (2021) escreveram sobre o multilinguismo em sala de aula sob a ótica da Política Linguística. O trabalho desenvolveu-se no sentido de se estudar o perfil linguístico dos estudantes do curso de Letras de uma universidade em Foz do Iguaçu, face à pluralidade linguística e cultural presentes no município. Um dos objetivos foi a sensibilização da comunidade acadêmica quanto à pluralidade linguística.

Sendo assim, a revisão de bibliografia em destaque está constituída por pesquisas que estão ligadas aos problemas relacionados à questão do pluri e multicultural nas fronteiras brasileiras, bem como os estudos dos contatos linguísticos que acontecem em espaços fronteiriços, dando ênfase aos ambientes escolares e aos sujeitos que trabalham na área da educação.

2.2 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTUDOS

A cidade iguaçuense, de acordo com dados do IBGE⁷, abriga hoje um total superior a 150 instituições de ensino, sendo que a grande maioria se encontra em área urbana. Desse total, 69 possuem educação infantil; 103 o ensino fundamental; 42 o ensino médio. O estado controla 30 colégios estaduais, o município tem 90 escolas e a rede particular de ensino possui 41 instituições. A cidade também conta com o ensino superior, sendo 3 públicas, Unila, Unioeste e Instituto Federal do Paraná. Entre as particulares não há um dado preciso sobre a quantidade de instituições mas, podem-se destacar Uniamérica, UDC, CESUFOZ e Unifoz. Também há na cidade Pólos Universitários de Universidades Particulares de outros Estados, como Anhanguera e UniCesumar. Na cidade há cursos de pós-graduação nas Instituições públicas e nas particulares.

O acesso aos dados dos colégios públicos e particulares são gerados e fornecidos pelos órgãos responsáveis pelo sistema educacional, que tem o Ministério da Educação (MEC) como órgão mais importante na hierarquia. Em relação a média do desempenho dos alunos na cidade comparados com os números estaduais e do Brasil, os dados do IDEB⁸ apontam para o seguinte quadro:

⁷ (Cidades e Fronteiras - https://www.estadosecidades.com.br/pr/foz-do-iguacu-pr_particular.html).

⁸ IDEB é a sigla para Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, criado em 2007, ele é um dos indicadores usados pelo Ministério da Educação para ajudar na condução de políticas públicas direcionadas à educação no Brasil.

Quadro 2 - IDEB 2019 em Foz do Iguaçu

Rede Pública	Foz do Iguaçu	IDEB PR	IDEB Brasil
Ensino Fundamental - anos iniciais	7,1	6,4	5,7
Ensino Fundamental - anos finais	5,0	5,1	4,6
Ensino Médio	4,3	4,4	3,9

Fonte: IDEB

De acordo com os números do IDEB de 2019, o município conta com uma média de aproveitamento acima dos números do Paraná e da média nacional, no segmento do Ensino Fundamental, e nos anos finais a média cai um pouco, mas se mantém acima da média nacional. Os indicadores mostram que há uma diferença significativa entre os dois ciclos, haja vista que a média dos anos iniciais é 7,1 contra 5,0 dos anos finais.

A gestão escolar das instituições de ensino de Foz do Iguaçu seguem as premissas da Secretaria de Educação do Município e do Estado, sendo este orientado conforme cada Núcleo Regional de Ensino. Os órgãos citados estão diretamente ligados ao MEC e devem ser entidades que articulem e promovam o diálogo entre educadores, gestores e colaboradores escolares.

Recentemente, o penúltimo governo, o MEC incentivou os colégios da rede pública a aderirem ao sistema cívico-militar e Foz do Iguaçu hoje conta com, segundo dados da SEED, 8 colégios que tiveram sua gestão modificada. O texto no que diz respeito ao processo de adesão das escolas cívico-militares⁹ diz o seguinte:

Poderão aderir ao Programa: o Distrito Federal e os estados que possuam escolas que atendam aos critérios a seguir: Escola em situação de vulnerabilidade social e com baixo desempenho no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB); Escola localizada na capital do estado ou na respectiva região metropolitana; Escola que ofereça as etapas Ensino Fundamental II e/ou Médio e, preferencialmente, atenda de 500 a 1000 alunos nos dois turnos; Escola que possua a aprovação da comunidade escolar para a implantação do modelo. As escolas que desejarem participar do Programa precisarão manifestar interesse junto à sua secretaria de educação, que conduzirá um processo de escolha. Nos

⁹ O Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares é uma iniciativa do Ministério da Educação, em parceria com o Ministério da Defesa, que apresenta um conceito de gestão nas áreas educacional, didático-pedagógica e administrativa com a participação do corpo docente da escola e apoio dos militares. A proposta é implantar 216 Escolas Cívico-Militares em todo o país, até 2023, sendo 54 por ano. Disponível em: <https://escolacivicomilitar.mec.gov.br>. Acesso em 20 de jan. de 2023

estados em que não houver adesão, serão selecionados municípios voluntários para aderirem ao Programa. (BRASIL, 2022).

No final do ano de 2022, com a eleição de um novo chefe do executivo, o modelo cívico-militar poderá ser repensado em seu crescimento e portanto, é preciso observar como o atual governo vai trabalhar com os colégios já constituídos nos últimos anos. O fato é que cada escola na cidade tem uma estrutura implantada por alguma instituição privada ou pública e cada um desses locais de aprendizado é o vetor de modelos culturais pré-estabelecidos, investidas de afetos e representações acerca do conjunto de relações sociais que têm um denominador comum, uma mesma referência, de tal forma que sejam acessíveis aos atores sociais (CARVALHO, 2012).

Os processos educacionais em fronteiras e em espaços multiculturais e étnicos suscitam a necessidade de um olhar atento por parte dos professores e pedagogos, haja vista que nem sempre o sistema educacional consegue abranger todas as especificidades dos sujeitos nestes ambientes de ensino. Diante disso, objetivando trazer para a discussão os processos relacionados às reflexões sobre as atitudes e práticas pedagógicas que envolvem o ensino ofertado na região fronteira de Foz do Iguaçu e o entorno escolar que se constitui nos limites da cidade, onde o *melting pot*¹⁰ é vivenciado em várias frentes, desde o simples fato de se passear pela cidade e observar o movimento de pessoas de outros países, até a convivência entre povos tão distintos em suas origens em bairros centrais da cidade, como, por exemplo os bairros Jardim Central, onde a comunidade árabe é bastante numerosa, Vila Paraguaia, um dos primeiros bairros da cidade que está localizado às margens do rio Paraná e o Jardim Polo Centro que abriga o Fórum da cidade.

Os bairros estão bem próximos geograficamente um do outro, no entanto, há por vezes, um distanciamento social simbólico (ORLANDI, 2011) entre os povos que habitam esses locais. Cada comunidade, supostamente oriunda desses bairros, dialoga de forma diferente com o meio social e demais identidades que se fazem presente no município iguaçuense. É certo que a cidade de Foz é conhecida por sua diversidade

¹⁰ Nos Estados Unidos, a ideia de *melting pot* estava associada à perspectiva de assimilação dos imigrantes europeus e definia um processo social de paulatina perda cultural com aceitação do modo de vida e do nacionalismo/patriotismo americano, supondo integração. Na perspectiva americana, tal processo integrativo incorporava nacionalidades européias mas excluía as “raças” (negros, indígenas, asiáticos, etc.). Na apropriação brasileira, *melting pot* sugeria uma integração sócio-cultural, possível pela assimilação, mas também a miscigenação envolvendo as três raças formadoras da nação desde os tempos do Brasil colônia (portugueses, índios e negros) e todos os imigrantes. Esse modo de entender o *melting pot* pode ser observado nos debates relacionados ao “problema imigratório brasileiro”, assim como em textos sobre a “questão racial”, caso de Oliveira Vianna (1932).

cultural, identitária e linguística, entretanto, a distância, segundo Lacan (2003) das atitudes e ações que visam costurar algo que possa trazer uma relação utilitária sem ser dependente, ainda é uma lacuna que vai se preenchendo de modo com que a consciência que se tem de si, passe a ser integrada, compreendida e vivenciada pelos habitantes, sejam eles nascidos em Foz, adotados por Foz ou, ainda, aqueles que estavam de passagem e decidiram estabelecer residência na cidade.

O campo de estudos desta pesquisa se fixou nos três bairros mencionados a partir de um contexto social e geográfico que poderia apontar, quem sabe, reflexões distintas dos professores que atuam nos colégios. É certo que o fato de serem instituições próximas umas das outras é interessante, mas caso outros colégios tivessem sido escolhidos não se sabe se os resultados teriam sido diferentes. Para tanto, esta pesquisa optou por uma caracterização de um campo de estudos diferente em seus ambientes sociais e culturais, onde a unidade escolar não é o ponto mais importante, mas sim, o que pensam os sujeitos que atuam nesses ambientes, independente do grupo social com o qual eles trabalham.

Para tanto, primeiramente, apresentam-se alguns dados sobre a cidade de Foz do Iguaçu, subseção 2.2.1, para, na subseção seguinte discorrer a respeito dos colégios campos de estudo e os seus respectivos PPPs.

2.2.1 Foz do Iguaçu

Foz do Iguaçu, como pode ser observado na Figura 1, é uma das nove tríplices fronteiras brasileiras que estão representadas neste mapa por triângulos verdes:

Figura 1 - Mapa representativo das nove tríplices-fronteiras brasileiras



Fonte: Revista 100 Fronteiras

O Brasil tem um total de trinta e três cidades gêmeas com países vizinhos, a maioria se encontra em território amazônico devido à sua extensão geográfica. O que diferencia a cidade de Foz do Iguaçu é um conjunto de características multiculturais, linguísticas e geográficas que dão à esta cidade notoriedade que faz com que, o ambiente fronteiriço entre Argentina, Brasil e Paraguai, seja singular, múltiplo e complexo, pois evidencia uma atitude metodológica de formas “linguísticas discursivas não padronizadas” (SIGNORINI, 2006, p. 76).

Segundo dados da Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu¹¹ (FOZ DO IGUAÇU, s/d), foi em 1881 quando a cidade recebeu seus primeiros habitantes vindos de regiões distintas. Pedro Martins da Silva, brasileiro, e Manuel González, espanhol, são dois dos primeiros habitantes de nossa cidade. Algumas outras pessoas, entre elas paraguaios e argentinos, começaram a chegar a Foz do Iguaçu com a intenção de explorar muitos dos recursos naturais que aqui eram abundantes.

Em 1889, a fundação da Colônia Militar na fronteira, marcou o início do desenvolvimento da cidade iguaçuense. Na época, segundo dados oficiais da prefeitura, a população de Foz do Iguaçu era de 324 pessoas, além de espanhóis e ingleses, a maioria eram paraguaios e argentinos, que se dedicaram ao processo de extração de erva-mate e madeira. “Nas primeiras décadas de existência os avanços do novo município foram penosos, lentos e pequenos. A região era pouco habitada” (DE MARTINS;

¹¹ Disponível em: <<https://www5.pmfi.pr.gov.br/cidade/#next>>.

VAN DE MEEN RUSCHMAN, 2010, p. 06). A cidade estava no início de seu percurso multicultural e só passou a receber mais atenção após a visita do ilustre brasileiro Alberto Santos Dumont que, em 1916, visitou a região das Cataratas do Iguaçu.

Diz a história que Dumont ficou tão encantado com a beleza da região que decidiu fazer uso de sua influência em nome da natureza:

Conta-se que, ao saber ser ela propriedade privada, colocou toda sua autoridade diplomática a fim de transformá-la em patrimônio nacional. A vontade do pai da aviação concretizou-se no dia 31 de julho de 1916, o Diário Oficial publicou o Decreto 653 que declarava os 1.008 hectares de Jesus Val como de utilidade pública, de acordo com a Lei 1260. Em 1939 o Governo Federal transformou a área em Parque Nacional do Iguaçu e, em 1986, a ONU, através da UNESCO, declarou o ecossistema como Patrimônio Natural da Humanidade. Em homenagem ao precursor, Santos Dumont, há uma estátua dele no centro do Parque. (DE MARTINS; VAN DE MEEN RUSCHMAN, 2010 p. 6).

A partir dessa data, a cidade de Foz do Iguaçu começa a receber mais atenção por parte dos órgãos federais e, conseqüentemente, da comunidade internacional, mas, só depois de algumas décadas é que o *boom* econômico e social da cidade ganha relevância.

Na década de 1960, “a modernização econômica rural e o barateamento das terras paraguaias motivaram uma migração de tipo econômico” (NOGUEIRA; CLEMENTE, 2011 p. 03), uma vez que trabalhadores rurais de outras regiões do Brasil e da Argentina foram atraídos para a esta localidade e, nas décadas de 1970 e 1980 “observa-se um aumento da população de Foz do Iguaçu de 301,5%” (MASCARENHAS, 2011, p. 63) devido à construção da hidrelétrica de Itaipu. O município passa a vivenciar um aumento populacional significativo, cujo desenho de uma cidade que acolhe, forçosamente ou não, sujeitos vindos de diversas culturas vai ganhando forma.

Atualmente, segundo o IBGE¹², Foz do Iguaçu tem, aproximadamente, um contingente populacional de 256.088 pessoas, um quantitativo muito maior em relação ao observado em 1970, quando iniciou-se o processo de expansão da cidade. Segundo Mascarenhas (2011), como pode ser observado no Quadro 3, entre a década de 1970 e os anos 2000, Foz do Iguaçu foi uma das cidades que mais cresceu em todo o território brasileiro:

¹² <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/foz-do-iguacu/panorama>

Quadro 3 - Número de habitantes no Brasil e regiões - 1970 e 2000

REFERÊNCIA	1970	1980	1991	2000
Brasil	93.134.846	119.011.052	146.825.475	169.872.856
Sul	16.496.322	19.031.990	22.129.377	25.110.348
Paraná	6.929.821	7.629.849	8.448.713	9.564.643
Curitiba – PR	609.026	1.024.980	1.315.035	1.587.315
Cascavel – PR	89.921	163.470	192.990	245.369
Toledo – PR	68.885	81.287	94.879	98.200
Marechal Cândido Rondon – PR	43.776	56.210	49.430	41.007
Foz do Iguaçu – PR	33.966	136.352	190.123	258.543

Fonte: Censo Demográfico IBGE. Último acesso em agosto de 2010. Tabela organizada pela autora. (MASCARENHAS, 2011, p. 63).

O Quadro 3 mostra uma sequência de comparativos de 4 décadas em relação ao número de habitantes na cidade de Foz do Iguaçu, algumas cidades vizinhas, a capital Curitiba, o estado do Paraná e também o Brasil. A década de 1970 foi a mais pujante em termos de crescimento e, desde os anos 2000, os números pouco mudaram, uma vez que, de acordo com os dados do IBGE, parece ter havido uma pequena diminuição no número de habitantes em Foz do Iguaçu.

Recentemente o site *Portal da Cidade*, de Foz do Iguaçu, divulgou uma notícia¹³ com a prévia de um novo censo que está sendo feito pelo IBGE e que deve ser finalizada em 2023, em que os números indicam que a população de Foz está estimada em 286.323 habitantes, portanto um aumento populacional de mais de 28.000 habitantes.

Já o Quadro 4 mostra o crescimento populacional das últimas décadas, no entanto, a referência de crescimento está em porcentagem e dá outra visão do aumento da população. Os mais de 300% de crescimento no número de habitantes em Foz do Iguaçu destoam significativamente dos demais dados do comparativo apresentado no Quadro 4:

13

Quadro 4 - Percentual de crescimento do número de habitantes no Brasil e regiões - 1970 e 2000

REFERÊNCIA	1970-1980	1980-1991	1991-2000
Brasil	27,78%	23,37%	15,70%
Sul	15,37%	16,27%	13,47%
Paraná	10,10%	10,73%	13,21%
Curitiba – PR	68,30%	28,30%	20,71%
Cascavel – PR	81,79%	18,06%	27,14%
Toledo – PR	18,00%	16,72%	3,50%
Marechal Cândido Rondon – PR	28,40%	-12,06%	-17,04%
Foz do Iguaçu – PR	301,44%	39,44%	35,99%

Fonte: Censo Demográfico IBGE. Último acesso em agosto de 2010. Tabela organizada pela autora. (MASCARENHAS, 2011, p. 63).

Em comparação à média que se apresenta no Quadro 4, ainda que entre os anos de 1980-1991 e 1991-2000 tenha-se apontado um crescimento menor que os números dos anos 1970, a cidade de Foz do Iguaçu se manteve em constante expansão populacional, mantendo-se à frente dos demais municípios que constam no quadro, incluindo a capital do Estado do Paraná, Curitiba.

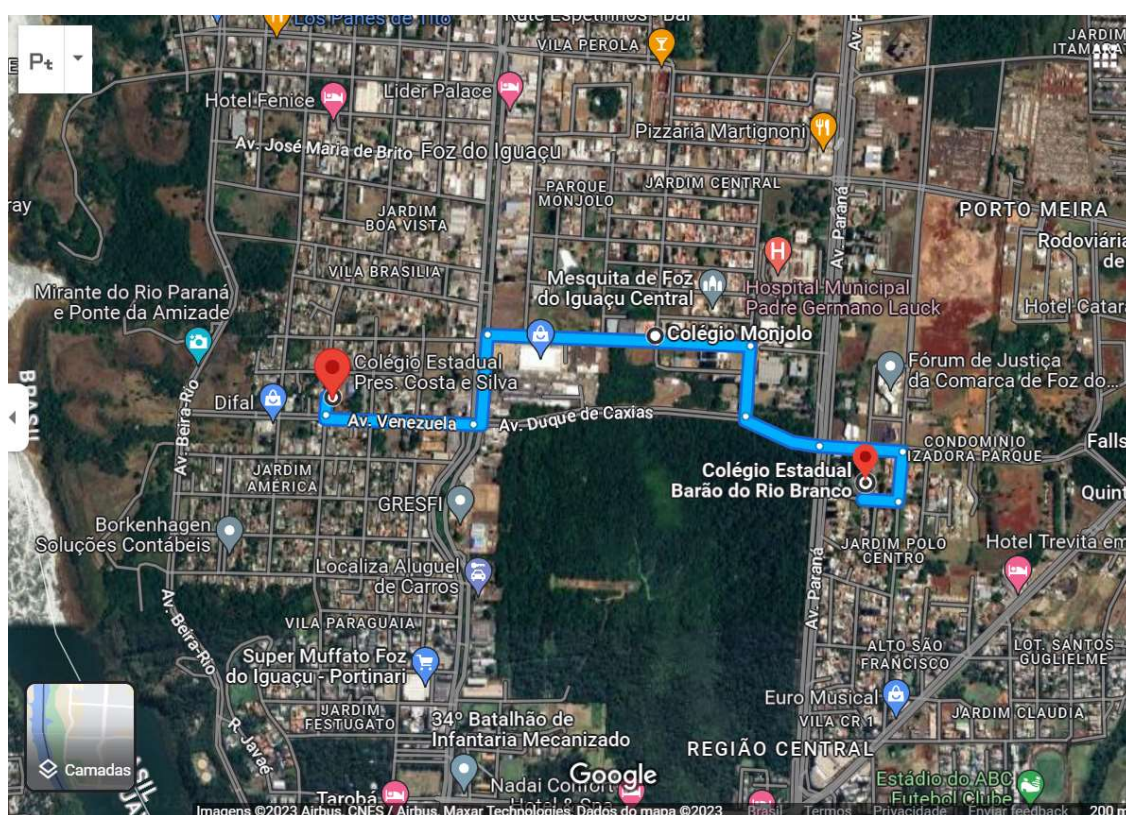
2.2.2 As Instituições de Ensino Participantes do Estudo

A cidade iguaçuense possui atualmente cerca de 30 instituições de ensino públicas estaduais, representadas pelo Núcleo Regional de Educação de Foz do Iguaçu, que atende ainda outros oito municípios: Itaipulândia, Matelândia, Medianeira, Missal, Ramilândia, Santa Terezinha de Itaipu, São Miguel do Iguaçu e Serranópolis do Iguaçu. As 30 instituições educacionais estão desenhadas em modelos categorizados em diferentes frentes, sendo que 28 (vinte e oito) são Colégios Estaduais; 3 (três) são Centros Estaduais de Educação, 2 (dois) de Jovens e Adultos e 1 (um) Profissional; e outros 4 (quatro) colégios restantes correspondem às Escolas Modalidade Educação

Especial. No que diz respeito à rede de ensino particular, Foz do Iguaçu possui um número aproximado de 13 instituições de ensino.

Dentre essas 43 instituições de ensino, públicas e particulares, presentes no município, selecionou-se para este estudo 3 delas, sendo duas públicas e uma privada: o Colégio Estadual Cívico-militar Costa e Silva, o Colégio Estadual Barão do Rio Branco e o Colégio Monjolo. A Figura 1 ilustra a disposição geográfica dos três colégios selecionados para a pesquisa:

Figura 2 - Mapa representativo da localização dos três colégios do campo de estudo



Fonte: Google maps

Como pode ser observado na Figura 1, no que diz respeito à geolocalização, os três colégios se encontram na região mais central da cidade, situados em bairros que marcam características sociais relevantes naquilo que diz respeito à pluralidade linguística-cultural da cidade de Foz do Iguaçu, e estão relativamente próximos, pois o Colégio Costa e Silva e o Colégio Barão do Rio Branco estão a menos de 2km de distância um do outro, e o Colégio Monjolo que, se encontra próximo ao Hospital Municipal Padre Germano Lauck, fica quase na metade do caminho entre os dois colégios estaduais.

época, Jaime Canet Júnior, está situado num dos bairros mais conhecidos da cidade iguaçuense por abrigar um grande número de imigrantes paraguaios, o bairro Jardim América, próximo à Vila Paraguaia. Em 2021 houve uma reformulação e o colégio passou a ser do modelo cívico-militar, sendo uma das primeiras instituições neste formato na cidade que, de acordo com o Ministério da Educação, em sua página oficial da internet¹⁴, a iniciativa de gestão cívico-militar é a de “promover melhoria na qualidade da educação básica no Brasil” (MEC).

No que diz respeito às séries atendidas, o colégio oferece o Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e Ensino Médio, Salas de Recursos Multifuncionais e Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD), implantado com a finalidade de atender no contraturno os alunos da escola e no caso da AH/SD atendendo alunos de todas as escolas do município. O colégio conta com aproximadamente 861 matrículas no total, sendo 499 no Ensino Fundamental II. Quanto a sua equipe pedagógica e administrativa, o colégio possui 1 diretor geral civil, 1 diretor militar, 2 diretores civis auxiliares, 1 secretária, 4 pedagogas e 2 monitores. Atualmente a instituição conta com dezesseis turmas de ensino fundamental II e ao todo 15, de um total de 55, professores contribuíram com as respostas do questionário aplicado via *forms*.

No Projeto Político Pedagógico (PPP) do colégio consta um dado muito importante no que diz respeito a esta pesquisa, que é o diagnóstico dos alunos que frequentam a escola:

O Colégio Estadual Cívico-Militar Presidente Costa e Silva atende alunos da periferia, em sua maioria, com dificuldades diversas do ponto de vista social, o que afeta a aprendizagem. Alunos que têm poucas perspectivas de avançar nos estudos além do fundamental e médio. Muitos deixam a escola para trabalhar. A busca ativa é constante. Com a mudança para Cívico-Militar o colégio deixou de atender no horário noturno e também a Educação de Jovens e Adultos. Estão matriculados neste estabelecimento, alunos de diversas nacionalidades, como árabes, paraguaios, uruguaios, venezuelanos, entre outros. Temos também muitos alunos cujos pais vieram para Foz do Iguaçu para cursar Medicina no Paraguay e trouxeram consigo culturas diferentes de diversos estados brasileiros. (PPP, 2021, p. 8).

A descrição apresentada no PPP do colégio reflete um espaço escolar multicultural, possivelmente, marcado por muitos contatos linguísticos e identitários, haja vista a diversidade étnica dos discentes. Para que o ambiente escolar possa, quem sabe, representar toda a multiculturalidade presente, em seu PPP traz uma sugestão de

¹⁴ <https://escolacivicomilitar.mec.gov.br/index.php#o-programa> Acesso em 23 de dez. de 2022.

como se abordar o sujeito em seu contexto escolar, baseando-se na BNCC no que diz respeito à “caracterização da sociedade”:

Por isso precisamos construir uma sociedade crítica, reflexiva, igualitária, democrática e integradora, fruto das relações entre pessoas, caracterizadas pela interação de diversas culturas em que cada cidadão constrói a sua existência e a do coletivo. (PPP, 2021, p. 21).

Em termos de equidade social, o PPP do colégio contempla, de modo sucinto, as possíveis demandas que um ambiente multiétnico possa vir a oferecer, cabendo ao grupo escolar a gestão de possíveis conflitos decorrentes dos contatos culturais e identitários. Em relação ao processo de ensino-aprendizagem, o PPP do colégio traz a seguinte informação, no que diz respeito à interação e integração entre conhecimento, professor e aluno:

Podemos dizer que essa prática deve proporcionar tanto ao professor quanto ao aluno a possibilidade de buscar o conhecimento teórico numa perspectiva de reflexão sobre o fazer prático do cotidiano. A linha de pensamento do que ensinar e como ensinar deve seguir um planejamento prévio valorizando as experiências de vida do aluno e do professor e que contribui para o enriquecimento do conhecimento e cria um clima de pré disposição favorável à aprendizagem. O processo de internalização é evidenciado como um processo de transformação e de modificação da compreensão individual, a transformação de uma atividade externa para uma atividade interna. (PPP, 2021, p. 22).

No extrato, a palavra reflexão está associada ao cotidiano dos sujeitos envolvidos no processo educacional. Neste caso, professores e alunos possibilitam e ou proporcionam a busca do conhecimento concomitantemente e de modo com que a “linha de pensamento do que ensinar e como ensinar deve seguir um planejamento prévio valorizando as experiências de vida do aluno e do professor” (PPP, 2021, p.22) na busca de se contribuir para “o enriquecimento do conhecimento e cria um clima de predisposição favorável à aprendizagem” (PPP, 2021, p. 22).

O Projeto Escolar se baseia no Referencial Curricular do Paraná que, por sua vez, segue a BNCC (2021) e suas dez competências gerais, conforme representadas na Figura 4:

Figura 4 - Imagem retirada do PPP do Colégio Costa e Silva



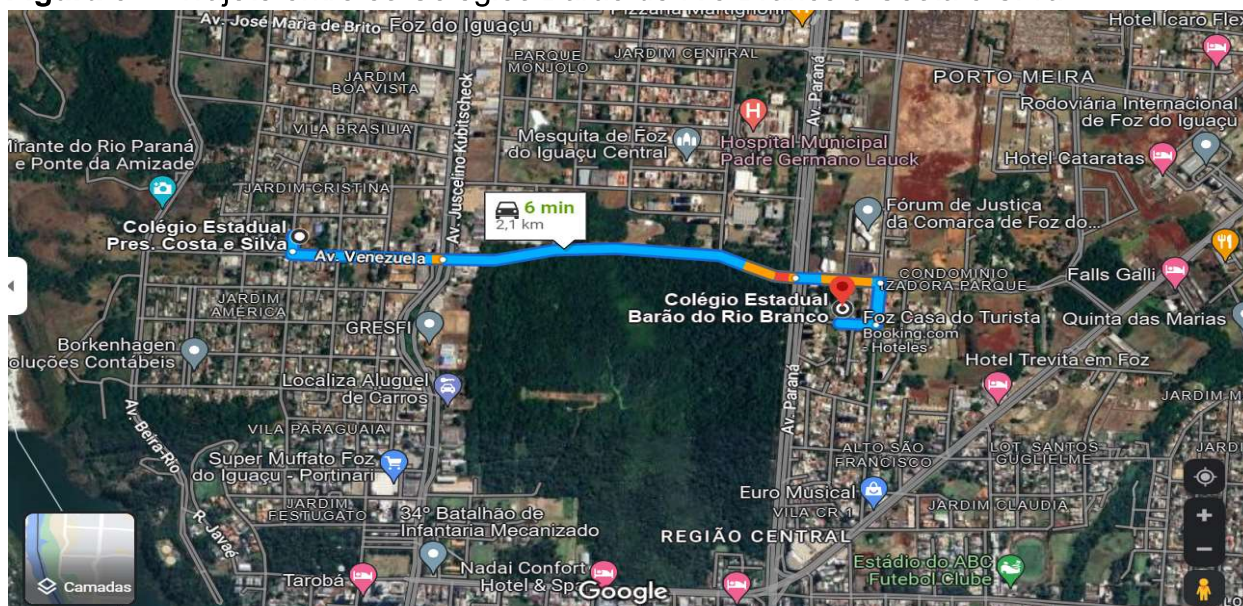
Fonte: Projeto Político Pedagógico do Colégio Costa e Silva

Com base na imagem sobre as competências gerais para a educação básica, destacam-se os itens 3, repertório cultural, e 9, empatia e cooperação. Não há no PPP uma caracterização específica para cada item da figura, mas há menções importantes que visam “valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.” (PPP, 2021, p. 29).

2.2.2.2 Colégio Estadual Barão do Rio Branco

O Colégio Estadual Barão do Rio Branco fica a aproximadamente um quilômetro de distância do Colégio Monjolo. Já em relação ao Colégio Costa e Silva, se encontra a 2,1 Km de distância, como pode ser observado na Figura 5:

Figura 5 - Trajeto entre os Colégios Barão do Rio Branco e Costa e Silva



Fonte: Google maps

O Colégio Estadual Barão do Rio Branco foi fundado em 1978 e está localizado próximo a uma das maiores avenidas da cidade, a avenida Paraná, que também liga a região central à região norte da cidade. Com seus quase 50 anos de atividade, é uma das instituições Estaduais mais antigas da cidade. Atende o Ensino Fundamental II e Médio, bem como possui o curso Técnico em Segurança do Trabalho – Subsequente –, e o Curso de Formação de Docentes para a Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental – Integrado, em nível Médio. Caracteriza-se como maior do que o Colégio Costa e Silva e conta com aproximadamente mil e cem matrículas, sendo que 203 são do Ensino Fundamental.

Na elaboração do PPP do Barão do Rio Branco, na página 04, pode-se destacar a preocupação com a elaboração do documento:

A construção do Projeto Político Pedagógico parte do princípio de que o mesmo se concretiza na participação coletiva quando de sua elaboração e efetivação. Essa participação coletiva se faz por meio do envolvimento de toda a comunidade escolar no processo de construção, sendo assim todos são co-autores dessa elaboração (PPP, 2021, p. 4).

Percebe-se que há um esforço coletivo na construção dos caminhos que a instituição deve seguir, uma vez que o colégio abriga cursos de formação de professores, como o curso de Magistério que existe desde 1981. Os profissionais formados atuam em instituições de Educação Infantil e Ensino Fundamental – anos iniciais. O curso de formação de educadores passou por algumas reformulações e atualmente se chama

Curso de Formação de Docentes da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em nível Médio, por meio da Resolução 1767/2005 e reconhecimento pela Resolução 50/2008.

No diagnóstico feito pelo grupo escolar tem-se a seguinte descrição dos alunos que estudam na escola

O público atendido pelo Colégio Estadual Barão do Rio Branco é constituído, predominantemente, por alunos da classe dos trabalhadores. Por se tratar de uma escola com localização central e que oferta cursos profissionalizantes, os alunos que a frequentam são oriundos de diversos bairros da cidade além daqueles que vivem nas imediações. Historicamente conhecido pela excelência na formação profissional, principalmente no que se refere ao Curso de Formação de Docentes, resulta no número maior de matrículas do público feminino, uma vez que este curso possui o maior número de turmas. Conta com um grande número de alunos trabalhadores, entendendo que há muitos alunos do curso de Formação de Docentes, Curso Técnico em Segurança do Trabalho e mesmo do Ensino Médio que fazem estágio remunerado no contra turno escolar em diversas empresas e órgãos públicos. Em relação a isso, há que se considerar que muitos precisam contribuir financeiramente com as despesas familiares e aqueles que são arrimo de família, ou seja, já constituíram família e são responsáveis por sua manutenção. (PPP, 2021, p.08).

A descrição dos discentes é bem distinta da apresentada pelo colégio Costa e Silva, demonstrando a diferença de perfil atendido e de proposta curricular. Nota-se uma atuação pedagógica que varia entre o Ensino Fundamental II até a formação profissionalizante, incluindo o curso de formação de Docentes, o que deve indicar perfis possivelmente mais acadêmicos e/ou voltados para a docência entres os alunos.

Para que o Colégio Barão do Rio Branco possa desenvolver a prática de todas essas áreas da educação, conta com uma Direção Geral e Auxiliar a Equipe Pedagógica, orientadores e supervisores, e Coordenação de Curso com mais 10 pessoas. Somadas todas as séries e cursos ofertados, o colégio possui 75 professores.

No quesito prática do conceito de ensino-aprendizagem pensada pelo grupo escolar alguns pontos relevantes estão nos seguintes extratos:

[...] A conscientização do professor de que seu papel é de facilitador de aprendizagem, aberto às novas experiências, procurando compreender, numa relação empática, também os sentimentos e os problemas de seus alunos e tentar levá-los à auto-realização é base para que seu trabalho seja pautado no processo de construção da cidadania [...]. O trabalho do professor em sala de aula, seu relacionamento com os alunos é expresso pela relação que ele tem com a sociedade e com a cultura. A ação do professor em sala de aula colabora para a aprendizagem dos alunos, reflete os valores e padrões sociais a serem desenvolvidos. (PPP, 2021, p. 19).

Para esta instituição de ensino, o trabalho do docente deve ser empático para com os sentimentos dos alunos e para o relacionamento deles com a sociedade e cultura com a qual convivem. Talvez essa ação empática possa contribuir para que os conteúdos escolares sejam mais interessantes aos discentes, sem deixar de promover uma ação pedagógica que instigue o aluno. Nesse sentido o PPP (p.19), no que se refere à prática docente como desafiadora, cita Paulo Freire como norte para os professores:

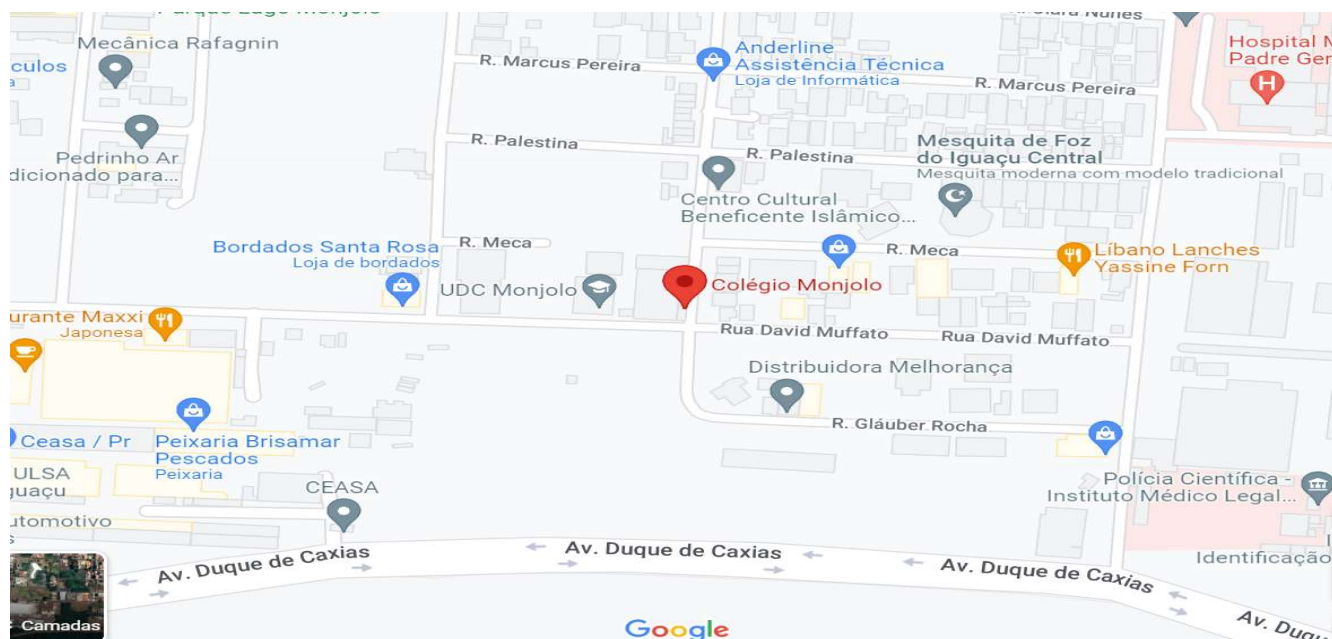
o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (PPP, 2021, p. 19 *apud* FREIRE, 1996. p. 32).

No extrato que cita Freire, o cuidado do grupo escolar está no modo de fazer o conhecimento/conteúdo chegar até os alunos, de modo com que o ato de ensinar e aprender tenha movimento e reflexão.

O PPP da instituição também traz em seu referencial o Planejamento Pedagógico do Estado do Paraná, assim como fez o Colégio Costa e Silva e, conseqüentemente, alinhado aos conceitos pensados para as Competências Gerais, da BNCC conforme Parecer nº15/2017 da CNE/CP).

2.2.2.3 Colégio Monjolo

O Colégio Monjolo se encontra na rua Vinícius de Moraes, 103 - Parque Monjolo, Foz do Iguaçu - PR, 85864-370, como pode ser observado na Figura 6 que traz a sua localização via *Google maps*:

Figura 6 - Localização no mapa do Colégio Monjolo

Fonte: Google maps

Apesar de diversos contatos realizados com o colégio, até o momento o número exato de turmas e alunos não foi fornecido pela instituição. Infelizmente, não se soube o motivo de não se poder ter acesso ao documento. Trata-se de uma instituição privada, que oferta os ensinos Fundamental I e II, e Médio e que se encontra num bairro onde os moradores são em grande número árabes ou descendentes de árabes, a maioria oriunda do Líbano.

Em termos de distância do colégio Costa e Silva e Barão do Rio Branco, verifica-se, no *google maps*, um trajeto inferior a dois quilômetros, ou seja, geograficamente são escolas que estão muito próximas, mas que possuem um público distinto entre si. O Monjolo está a menos de quinhentos metros de uma das avenidas mais movimentadas da cidade, a avenida JK, um dos caminhos de acesso que levam até a ponte da Amizade que liga o Brasil e o Paraguai.

Ao todo 14 professores colaboraram com os dados para esta pesquisa. De um modo geral, alguns professores informaram que por estarem muito atarefados não puderam contribuir para a coleta de dados, mas relataram que gostariam de ter participado do processo.

2.3 O INSTRUMENTO DE LEVANTAMENTO DE DADOS E A SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES

Diante da impossibilidade metodológica impulsionada pela pandemia de covid, no que compreende os anos de 2020, 2021 e parte de 2022, que inviabilizou a pesquisa de campo nas instituições de ensino selecionadas, bem como no que se refere à realização das entrevistas com os professores dos colégios que compreendiam o escopo da amostragem, optou-se pela elaboração e aplicação de um questionário sociolinguístico (APÊNDICE A), por meio de formulário disponível pelo *Google Forms*, como uma alternativa de levantamento de informações para a análise.

O questionário elaborado possui 13 questões, distribuídas em dois campos: A - Dados Pessoais e Socioculturais e B - Atitudes e Práticas Docentes. As perguntas elaboradas objetivaram levantar dados sobre o local de trabalho, a área e o tempo de atuação docente, bem como detalhes pertinentes aos processos mais específicos da pesquisa e que permeiam a problemática deste estudo, cuja ênfase está relacionada ao processo de refletir o meio multicultural escolar de Foz do Iguaçu.

No que se refere à delimitação dos participantes e campos de estudo, primeiramente definiu-se o campo de amostragem (os três colégios), e depois estabeleceu-se os critérios que os sujeitos da pesquisa deveriam apresentar para fazer parte do estudo. Para contribuírem com a pesquisa respondendo o questionário, os participantes deveriam estar atuando no Ensino Fundamental II e terem em suas experiências acadêmicas voltadas para a docência, não importando a área de atuação docente. O acesso aos professores se deu por meio de contato com a direção dos colégios que encaminhou aos participantes o link do questionário a ser respondido.

Acresce-se que a opção por educadores enquanto participantes da pesquisa se deu pelo fato de que eles são sujeitos atuantes em instituições de ensino da cidade e que estão em interação cotidiana com os contatos linguísticos e culturais que se evidenciam nos espaços de Foz, especialmente, aqueles contatos que interessam a esta pesquisa.

Por conseguinte, na subseção 2.3.1 será tratado sobre o Questionário e na 2.3.2 a respeito da delimitação dos participantes. Esta última apresentará a caracterização do perfil dos sujeitos da pesquisa, conforme as informações disponibilizadas no preenchimento do questionário.

2.3.1 Questionário

O instrumento de levantamento de dados utilizado nesta pesquisa de campo está baseado na coleta de dados por meio da elaboração e da aplicação de um questionário, via formulário do *Google*, uma vez que, segundo Mota (2019), através deste método é possível obter dados relevantes e abrangentes no meio acadêmico, bem como preservar o anonimato, visto que as informações pessoais ficam restritas ao termo “opcional” presente no formulário. Acresce-se que a coleta de informações estruturada para este estudo pode não ser considerada a mais ideal, no entanto, dentro de um contexto pós pandemia, ainda, se fez necessária por razões de acessibilidade e de baixa exposição ao coronavírus.

Outro ponto importante é que se pode criar, dentro da ferramenta *forms*, um contexto autoexplicativo, para que as perguntas façam sentido para os sujeitos (educadores) que vão contribuir para este trabalho e, também, o fato de que é possível distribuir rapidamente as perguntas para um grande número de pessoas, sem a necessidade de locomoção (DA SILVA MOTA, 2020), pois isto pode ser feito via *email* ou com o uso de *QR codes* em ambientes escolares.

Nesse sentido, por meio do formulário, o pesquisador elabora o questionário que traz “uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 69). Nesta relação, as perguntas devem estar escritas em linguagem clara e objetiva, para que o participante tenha clareza do que lhe é solicitado, tendo em vista que, no formulário *on-line*, não se tem o suporte do pesquisador para lhe esclarecer eventuais dúvidas sobre as questões.

Logo, o formulário consiste em um meio de levantamento de dados que pode ser interessante e dinâmico tanto aos pesquisadores como aos participantes, uma vez que, ao mesmo tempo que gera dados qualitativos e quantitativos para a pesquisa, possibilita que os sujeitos da pesquisa o respondam de acordo com as suas disponibilidades e sem a necessidade de agendamento de horário com o pesquisador. Contudo, essa facilidade também pode tornar-se um empecilho, pois o pesquisador torna-se um agente passivo a espera da resposta do participante que pode acabar esquecendo ou perdendo o prazo de envio do questionário.

Portanto, apesar do formulário *on-line* permitir o acesso a um número maior de participantes que se encontram em diversos lugares, o pesquisador fica à mercê

dos envios, haja vista que a ausência de contato lhe impossibilita o retorno imediato. Inclusive, os riscos qualitativos ou quantitativos, na pesquisa devem ser levados em consideração, uma vez que os sujeitos envolvidos neste processo podem se sentir deslocados da pesquisa e desistam de fazer qualquer tipo de contribuição, assim como ocorre nas entrevistas.

No que se refere ao questionário sociolinguístico (APÊNDICE 1) elaborado para este estudo, o presente instrumento de levantamento de dados possui 13 questões, divididas em 2 campos: A - Dados pessoais e socioculturais; e B - Atitudes e práticas docentes; cujas perguntas, abertas e fechadas, versam sobre histórico pedagógico e atitudes docentes, com vistas a obter informações sobre como os professores entendem o processo sócio-político-cultural na região trinacional.

Para o envio do formulário aos participantes, primeiramente, refletiu-se sobre as instituições de ensino presentes em Foz do Iguaçu e a necessidade de fazer um recorte, selecionando algumas delas para aplicar os questionários (a definição do campo de amostragem foi tratada na seção 2.2); na sequência, delineou-se o perfil dos participantes da pesquisa, momento em que definiu-se os critérios de delimitação dos sujeitos do estudo, como se verá a seguir.

2.3.2 Delimitação dos Participantes

O questionário pensado e criado para esta pesquisa, para que pudesse coletar dados importantes para a tessitura da análise, contou com 13 questões com vistas a reunir dados sobre as práticas e atitudes docentes no espaço multicultural das salas de aula na região trinacional. Diante disso, centrou-se na delimitação dos participantes e do campo de análise. Isto é, o campo de estudos foi pensado em colégios que tivessem o Ensino Fundamental. De início seria um colégio particular e outro público, no entanto, pensou-se também inserir mais um colégio público, só que desta vez, com o viés cívico-militar e coincidentemente os três colégios se encontram muito próximos um do outro. O foco foi coletar dados de sujeitos que em primeiro lugar são professores atuantes em colégios da cidade de Foz do Iguaçu. Segundo, os professores são atuantes no Ensino Fundamental II, ou seja, anos finais. Possivelmente, alguns docentes que participaram desta pesquisa atuam não só no Ensino Fundamental, mas também no Ensino Médio e Cursos Profissionalizantes. E terceiro, que os professores fossem de

áreas distintas em suas formações para, quem sabe, encontrar atitudes e ou práticas pedagógicas distintas em relação ao processo multicultural.

A partir dos dados levantados pelo envio do questionário aos colégios: Colégio Estadual Presidente Costa e Silva, Colégio Estadual Barão do Rio Branco e Colégio Monjolo, bem como com base nas questões de número 1 a 8 do campo A - Dados Pessoais e Socioculturais, elaborou-se os Quadros 5, 6 e 7 que trazem o perfil característico dos participantes:

Quadro 5 - Perfil característico dos participantes do Colégio Estadual Barão do Rio Branco

Participante	Sexo	Idade	Local de nascimento	Tempo de vivência em Foz	Área de formação	Titulação	Tempo de atuação (anos)	Disciplina que ministrava no momento da pesquisa
Part. BRB01	F	55	Cascavel	17	Pedagogia	Especialização	4	Metodologia da Alfabetização Infantil
Part. BRB02	F	44	Recife	43	Pedagogia	Mestrado	13	Coordenadora do Curso de Formação
Part. BRB03	M	39	Belo Horizonte	10	Pedagogia	Especialização	4	Artes e Formação Docente
Part. BRB04	F	42	Foz do Iguaçu	42	História	Especialização	20	História
Part. BRB05	F	44	Brasília	20	Filosofia	Graduação	1	Filosofia e Artes
Part. BRB06	M	*	Cianorte	22	Filosofia	Especialização	22	Filosofia
Part. BRB07	F	46	Foz do Iguaçu	22	Ed. Especial	Graduação	1	Educação Especial
Part. BRB08	F	39	Foz do Iguaçu	38	Letras	Especialização	12	Língua Portuguesa
Part. BRB09	F	58	Rio de Janeiro	32	Pedagogia	Mestrado	25	Formação de Professores
Part. BRB10	F	39	Foz do Iguaçu	39	Pedagogia	Especialização	12	Intérprete de Libras
Part. BRB11	F	31	Foz do Iguaçu	31	Letras/Libras	Graduação	5	Libras
Part. BRB12	F	51	Mantena	48	História	Especialização	10	Formação Docente
Part. BRB13	M	41	Foz do Iguaçu	40	Letras	Doutorado	14	Língua Portuguesa
Part. BRB14	F	42	Medianeira	38	Biologia	Especialização	18	Ciências e Biologia
Part. BRB15	M	60	Pelotas	36	Letras	Mestrado	33	Língua Portuguesa
Part. BRB16	F	46	Ponta Grossa	36	Eng. Ambiental	Especialização	10	Segurança do Trabalho
Part. BRB17	M	42	Foz do Iguaçu	42	Matemática	Especialização	20	Matemática
Part. BRB18	M	*	Dourados	20	História	Graduação	15	História, Cidadania e Civismo

Part. BRB19	M	41	Medianeira	21	Matemática	Graduação	18	Matemática, Física, Ed. Financeira e Robótica
-------------	---	----	------------	----	------------	-----------	----	---

Fonte: sistematização do pesquisador a partir das informações disponibilizadas pelos participantes do estudo nos questionários.

Quadro 6 - Perfil característico dos participantes do Colégio Estadual Cívico Militar Costa e Silva

Participante	Sexo	Idade	Local de nascimento	Tempo de vivência em Foz	Área de formação	Titulação	Tempo de atuação (anos)	Disciplina que ministrava no momento da pesquisa
Part.CES01	M	27	Mamborê	2	História	Graduação	6	História, Cidadania e Civismo
Part.CES02	F	37	Foz do Iguaçu	37	Ed. Física	Especialização	2	Educação Física
Part.CES03	F	45	Foz do Iguaçu	45	Letras	Mestrado	9	Inglês
Part.CES04	F	38	São José dos Pinhais	5	Biologia	Especialização	11	Ciências
Part.CES05	F	51	Maringá	7	Física	Especialização	15	Física
Part.CES06	F	45	São Miguel do Iguaçu	45	Geografia	Especialização	11	Geografia
Part.CES07	F	41	Medianeira	15	Química	Mestrado	18	Química e Ciências
Part.CES08	F	34	Concórdia	31	Letras	Especialização	18	Língua Inglesa e Projeto de Vida
Part.CES09	F	49	Toledo	28	Direito	Especialização	13	História
Part.CES10	M	*	Capanema	30	Matemática	Especialização	24	Matemática
Part.CES11	F	41	Passo Fundo	18	História	Mestrado	20	História
Part.CES12	F	46	Foz do Iguaçu	47	Letras	Especialização	28	Ensino Fundamental, Anos Iniciais
Part.CES13	M	25	Santa Terezinha	26	Letras	Graduação	7	Português e Inglês
Part.CES14	M	56	Três Lagoas	47	Biologia	Graduação	4	Biologia
Part.CES15	F	42	Medianeira	25	Letras	Mestrado	13	Não está lecionando neste ano

Fonte: sistematização do pesquisador a partir das informações disponibilizadas pelos participantes do estudo nos questionários.

Quadro 7 - Perfil característico dos participantes do Colégio Monjolo

Participante	Sexo	Idade	Local de nascimento	Tempo de vivência em Foz	Área de formação	Titulação	Tempo de atuação (anos)	Disciplina que ministrava no momento da pesquisa
Part.EP01	M	47	Foz do Iguaçu	47	Química	Mestrado	17	Química e Ciências
Part.EP02	F	42	Foz do Iguaçu	15	Geografia	Especialização	15	Geografia
Part.EP03	F	42	Paulo de Faria	42	Letras	Especialização	20	Espanhol
Part.EP04	F	27	Apucarana	27	Direito	Graduação	10	Inglês
Part.EP05	F	58	Medianeira	**	Artes	Especialização	30	Arte
Part.EP06	F	25	São Miguel do Iguaçu	7	Letras	Graduação	2	Não está atuando este ano
Part.EP07	F	38	Foz do Iguaçu	38	Matemática	Especialização	11	Matemática
Part.EP08	F	32	Telêmaco Borba	30	História	Especialização	10	História
Part.EP09	M	47	Marília	23	História	Especialização	29	História
Part.EP10	F	25	Campina da Lagoa	25	Letras	Graduação	9	Inglês
Part.EP11	M	37	Foz do Iguaçu	37	Engenharia	Especialização	14	Inglês
Part.EP12	F	25	Maracay - Venezuela	3	Letras	Graduação	10	Inglês e Espanhol
Part.EP13	F	30	Foz do Iguaçu	**	Letras	Graduação	8	Inglês
Part.EP14	F	32	Foz do Iguaçu	31	Pedagogia	Especialização	12	Lógica e Robótica

Fonte: sistematização do pesquisador a partir das informações disponibilizadas pelos participantes do estudo nos questionários.

* Não informado

** Mora em outra cidade

Os quadros 5, 6 e 7 trazem informações sobre os participantes da pesquisa. São sujeitos que têm formação em educação e são atuantes em um dos três colégios do campo de estudos. Ao todo contabilizou-se 34 informantes do sexo feminino e 14 do sexo masculino, com idade entre 25 e 60 anos, sendo que 29 participantes possuem entre de 35 a 55 anos; 5 possuem mais de 55 anos; e 11 possuem menos de 35 anos. As instituições de ensino públicas possuem o maior número de docentes com idade entre 35 a 55 anos, enquanto a privada apresenta um percentual maior de professores com menos de 35 anos.

Os participantes nascidos na cidade de Foz do Iguaçu contabilizam 16; 31 são de outras localidades do Brasil, sendo a maioria do Estado do Paraná; e 1 é da Venezuela. Dos 48 professores, 41 residem em Foz do Iguaçu a mais de uma década, 5 deles há menos de 10 anos, e 2 moram em cidades vizinhas. Estes deslocam-se para atuar no município iguaçuense. Há dois participantes que responderam ao questionário, no entanto, não estavam atuando em sala de aula no momento da pesquisa e pela coleta de informações não foi possível saber o motivo.

Quanto ao tempo de atuação, observa-se que dos 48 participantes, 8 atuam entre um e cinco anos; 10 entre seis e dez anos; 15 entre onze e quinze anos; 8 entre dezesseis e vinte anos; 6 entre vinte e um e trinta anos; e 1 há trinta e três anos. Diante desse quantitativo exposto, observa-se que mais de 50% dos participantes são educadores com tempo de atuação que varia de 10 a 20 anos.

No que diz respeito à formação, 14 possuem graduação em Letras; 7 em História; 6 em Pedagogia; 4 em Matemática; 3 em Biologia; as formações em Direito, Química, Filosofia e Geografia possuem 2 graduados em cada uma delas; e Física, Artes, Engenharia, Educação Especial, Engenharia Ambiental e Educação Física possuem 1 participante formado em cada uma delas. Em relação à titulação, constatou-se que 13 participantes possuíam apenas graduação; 26 eram especialistas ou pós-graduados; 8 mestres; e 1 doutor.

Ao relacionar as graduações às disciplinas ministradas, verifica-se que a maioria dos docentes participantes da pesquisa atua na sua área de formação, a exceção de alguns casos, como, por exemplo, dos professores formados em Direito (1) que ministrava no momento da pesquisa a disciplina de História e outro a de Língua Inglesa, Engenharia (Língua Inglesa), Pedagogia (Lógica e Robótica). Uma leitura dessas informações demonstrou que 1, desses 4 casos, é do colégio estadual e os outros 3 do colégio particular. Infere-se que essa

diferença entre a área de formação e de atuação docente é menos frequente em instituições de ensino públicas do que em particulares, uma vez que os concursos públicos são abertos para áreas específicas, logo o candidato precisa possuir as especificações solicitadas para concorrer à vaga.

Os dados relativos ao tempo de atuação, formação e disciplinas ministradas serão aprofundados no capítulo de análise, uma vez que essas informações são basilares para a reflexão a respeito dos conceitos que norteiam o estudo, cujos conhecimentos os participantes pontuaram por meio da questão 10.

Para citar cada um dos sujeitos que participaram da pesquisa, utilizou-se a abreviatura do léxico Participante (Part.), acrescido das iniciais do colégio campo de estudos em que o docente atua e, na sequência, a numeração correspondente, por exemplo: Part.BRB.01. Para numerar cada informação utilizada, fez-se uso da abreviatura “R” (recorte), seguida do número que marca o quantitativo de enunciados de cada um dos participantes: **Part.BRB.01 – R: 01**. Os enunciados utilizados constam, ainda, da data em que o questionário foi respondido, conforme a exemplificação a seguir:

Part.BRB.02 – R: 01

Sim, pois não há aprendizagem sem acolhimento e muito menos sem comunicação. (18/10/2022).

O fato de se ter 3 escolas diferentes trouxe a possibilidade de se observar percepções variadas dos entornos linguísticos e que contribuíram bastante com esta pesquisa.

3 EDUCAÇÃO DO ENTORNO E AO ENTORNO: PLURALIDADES LINGÜÍSTICO-CULTURAIS, ACOLHIMENTO INTERCULTURAL E ATITUDES DOCENTES

Estudar a cidade de Foz do Iguaçu é um exercício que é feito por diversas áreas acadêmicas, como a Antropologia e a Sociologia que ajudam a tecer teorias e conceitos que vão revisitando e ressignificando os processos culturais e sociais que ocorrem na sociedade de modo geral. No que se refere a esta pesquisa, sob o olhar da reflexão pedagógica, do contexto social e, também, da questão multidisciplinar, se faz necessário investigar o *melting-pot* que habita na cidade. Portanto, buscou-se elencar uma fundamentação teórica que visasse evidenciar a complexidade que existe na região de fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai, correlata a alguns fatos abordados que contribuem para a reflexão em relação à questão da volatilidade que permeia os povos das três fronteiras e, conseqüentemente, no caso desta pesquisa, a pluralidade linguística e cultural que marca as múltiplas identidades presentes nos ambientes escolares na cidade de Foz do Iguaçu.

Conforme já apresentado na seção de contextualização do campo de estudos, Foz do Iguaçu, Brasil, está localizada em uma região de Tríplice Fronteira em que faz divisa com *Ciudad del Este*, Paraguai, e *Puerto Iguazú*, Argentina. Estas três cidades são separadas pelo Rio Paraná e Rio Iguaçu e o acesso se dá por meio das Pontes da Amizade e da Fraternidade. Essa proximidade entre as três cidades possibilita uma maior fluxo transfronteiriço entre elas, sendo cotidiano o “cruzar” a(s) ponte(s) para estudar nas escolas, colégios e universidades; trabalhar no(s) país(es) vizinho(s); para atendimento médico; lazer, turismo e compras, haja vista o comércio de fronteira; entre outros. Ao transitar por esse espaço compartilhado, diferentes línguas, povos e culturas entram em contato e, por vezes, em conflito.

Diante disso, a situação linguística-cultural é uma das mais ricas em termos de diversidade, uma vez que oficialmente tem-se o Português, a língua oficial brasileira, e, portanto, a ensinada nas escolas de Foz por meio da disciplina de Língua Portuguesa; o Espanhol, língua oficial da Argentina e do Paraguai, tendo este país também o Guaraní como língua oficial juntamente com o Espanhol,

constituindo nesse caso um bilinguismo e, também, uma diglossia no país vizinho, Paraguai. A “polarização diglósica”, conforme Signorini (2006), e bilíngue é um dos pontos chave que evidenciam os movimentos que, possivelmente, ocorrem nos contatos linguísticos. Em um estudo sobre “Práticas de linguagem na realidade da sala de aula”, Lucena (2015) afirma que

Os fenômenos de deslocamento e desterritorialização dos falantes que se movem por migrações e/ou por questões culturais, sociais e econômicas, somados à amplitude da democratização do ensino e à inclusão digital, colocam em destaque os usos heterogêneos da linguagem (LUCENA, 2015, p. 76).

No município de Foz do Iguaçu, a questão linguístico-cultural é suprasumo para os mais variados conceitos que já foram elaborados pelos pesquisadores da linguagem quando os objetivos miram contatos linguísticos, especialmente em localidades nas quais ocorrem “fenômenos de deslocamento e desterritorialização dos falantes que se movem por migrações e/ou por questões culturais, sociais e econômicas (SIGNORINI, 2006, p.174). O desafio nesse sentido é o de promover a democratização do ensino nas escolas a partir, quem sabe, de processos de “acomodação, ajuste e subversão das metas pragmáticas locais e globais de sustentação de ordem sociocultural linguística vigente e, conseqüentemente de hierarquização de posições e identidades do falante e de sua língua” (SIGNORINI, 2006, p. 174), para que os sujeitos possam transitar pelas e com as línguas e diferentes culturas em contato, principalmente, nos ambientes escolares da cidade, para, que desta forma, seu aprendizado não seja prejudicado.

Para tanto, primeiramente, realizou-se uma exposição teórica sobre pluralidade linguístico-cultural, percorrendo a respeito do conceito de multiculturalidade e de como esta se evidencia neste espaço compartilhado da tríplice-fronteira Brasil, Paraguai e Argentina, cuja escolha por morada transcende o cruzar cartográfico fronteiro ao amplia-se pela diversidade de saberes e vivências presentes numa localidade que não dispõe apenas de belezas naturais mas, também de pulcritudes humanas.

3.1 PLURALIDADES LINGUÍSTICO-CULTURAIS

3.1.1 Multiculturalidade

De acordo com o dicionário *Priberam*¹⁵ (08-01-2023), a palavra cultura está definida com 11 entradas diferentes. Para reduzir e alinhar ao objetivo deste texto, cita-ses duas delas: 1) Conjunto das características morais, intelectuais, artísticas e dos costumes ou tradições de um determinado povo, nação, lugar ou de um período específico (ex.: *cultura helenística*; *cultura celta*; *cultura medieval*). 2) Conjunto das atividades e instituições relacionadas com a produção, criação e divulgação das artes e das ciências humanas.

Não há uma única definição cultural que a descreva em sua plenitude, pois a relação existente entre a cultura e a sociedade modificou-se, a “cultura não está mais reservada a um grupo social; ela não mais constitui uma propriedade particular de certas especialidades profissionais (docentes, profissionais liberais), ela não é mais estável e definida por um código aceito por todos” (CERTEAU, 1970, p. 104). A palavra cultura dá ideia de um conceito abstrato, amórfico, sem começo e fim, mas é algo que se sente, percebe e se vive no meio social. Um modo interessante de se descrever a cultura é dizer que “ela nunca é a mesma por muito tempo, ela permanece pela mudança” (BAUMAN, 2012, p. 44).

Da ideia do conceito de cultura e de como ela se emaranha no meio social surge o contato entre culturas e depois surgem as diferentes culturas convivendo no mesmo espaço. Hall (2006) define o termo multicultural como qualitativo, pois descreve como as propriedades “sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade original” (HALL, 2006, p. 50).

Weissmann (2018), num exercício de tentativa de “construção pedagógica”, define que

O termo multiculturalidade utiliza o prefixo *multi*, que, no dicionário, indica muito, numeroso. A multiculturalidade implica um conjunto de culturas em

¹⁵ “Cultura”, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/chave> [consultado em 8-01-2023]. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/cultura>>.

contato, mas sem se misturar: trata-se de várias culturas no mesmo patamar. As diferenças ficam estanques e separadas em cada cultura, possibilitando pensar no que os antropólogos chamam a lógica do Um, que só tem uma verdade a seguir e uma forma de pensar o mundo. Aquela forma única não admite contraponto de ideias, nem ser discutida e questionada. Baseia-se em uma lógica binária, na qual uma ideia é correta e outra é diferente e incorreta, só se complementando ideias similares e tentando se afastar aqueles conceitos que contrariam o pensamento predominante. (WEISSMANN, 2018, p. 23).

O sentido que Weissmann (2018) atribui à multiculturalidade reflete um pensamento que denota uma ideia onde as várias culturas somadas se tornam apenas uma cultura, a multicultura, sem que percam suas características, identidades e suas essências, mantendo-se assim únicas e coletivas ao mesmo tempo, reiterando o sentido semântico da multiculturalidade.

Canen e Oliveira (2002) consideram o multiculturalismo como um projeto que se insere “em uma visão pós-moderna de sociedade, em que a diversidade e a diferença são percebidas como categorias centrais” (p. 61), cuja identidade é considerada como “descentrada, múltipla e em processo permanente de construção e reconstrução” (CANEN; OLIVEIRA, 2002, p. 61).

O termo multicultural refere-se ao universo que compreende uma sociedade que vive em busca de uma identidade, quem sabe, partilhada, sendo que esta, é constituída de várias outras identidades e ou origens. É possível ser esse o sentido que os habitantes de Foz do Iguaçu e região buscam para si como num exercício de encontrar uma harmonia entre as diferentes culturas que convivem na cidade. Possivelmente em Foz do Iguaçu aconteça a não-vontade de se misturar com outras culturas ou, quem sabe, não aceitar as outras culturas, mas isso não é uma regra nem uma condição para ser um sujeito que vive a multiculturalidade.

As investidas acadêmicas para se encontrar definições dos processos multiculturais estão em constante alternância de conceitos, haja vista que, a sociedade fronteiriça é constituída por uma grande quantidade de valores, possivelmente atribuídos a cada contato cultural, uma vez que, em seus 108 anos, a cidade iguaçuense carrega muitas histórias em relação à sua constituição e emancipação e, atualmente, em relação ao seu desenvolvimento social, falar sobre a cultura de Foz é falar de muitas culturas, visto que as mais de 90 etnias que se encontram na região tornam-a um emaranhado social que vai além dos limites acadêmicos, leia-se marginal.

A multiculturalidade presente na região evidencia uma sociedade de

diferentes berços que trazem consigo diferentes identidades que se mesclam e, às vezes, se rechazam. Segundo Woodward (2000, p. 08) a “identidade é marcada pela diferença” e nesse sentido o que difere um sujeito de outro é aquilo que outro não é. “A diferença nas identidades está sustentada pela exclusão” (WOODWARD, 2000, p. 08) e ou negação, ou seja, se você é estrangeiro não pode ser brasileiro, e vice-versa. A questão identitária na fronteira dentro da perspectiva da multiculturalidade é um conjunto intrincado de possíveis definições dando um caráter metamórfico aos sujeitos residentes na região. Para da Silva (2002), face à questão de identidade e diferença, sob o escopo do multiculturalismo,

Em geral, o chamado "multiculturalismo" apóia-se em um vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença. É particularmente problemática, nessas perspectivas, a idéia de diversidade. Parece difícil que uma perspectiva que se limita a proclamar a existência da diversidade possa servir de base para uma pedagogia que coloque no seu centro a crítica política da identidade e da diferença. Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas. (DA SILVA, 2002, p. 73).

O autor indica que questões referentes às identidades, em espaços multiculturais, tendem a ser definidas pelo próprio meio e não pela discussão política e pedagógica. Poderia-se dizer que, em outras palavras, a diversidade multicultural transita em definições diferentes atribuídas pelas instituições políticas e acadêmicas, não havendo um consenso de onde ela começa e termina. Para Jung (2003, p. 30) “a identidade e a diferença não são, entretanto, concebidas como dados da natureza; são produzidas cultural e socialmente”, reforçando a ideia de que os sujeitos e seu meio social que se definem como sujeitos desta ou daquela natureza.

Da Silva (2002), baseia-se na diferença para definir a identidade, usando um conceito, de certa forma, binário para defini-la. O estudioso marca a diferença entre “eu sou brasileiro, sou negro, sou heterossexual” e “ela é italiana, ela é branca, ela é homossexual” e, portanto, a diferença passa a ser uma construção identitária daquilo que não se é.

O tema identidade é mais um ponto intrincado de definições nas Três Fronteiras, sendo que frente à diversidade étnica, o assunto ganha importância dentro dos estudos sociais, pois faz-se necessário identificar os sujeitos para poder estudá-los e assim defini-los.

Contudo, tratamos aqui da construção identitária à partir das línguas e culturas de/em contato, assim, partimos de um estudo sobre alunos transfronteiriços, desenvolvido por Lima de Paiva (2018), onde a autora aborda a questão identitária na fronteira e observa como esta se constrói na escola e em seu entorno. A pesquisadora entende que

Ao partir do pressuposto de que o contexto de fronteira é heterogêneo e multifacetado em virtude de ser caracterizado por trânsito de pessoas que são portadoras de inúmeras e complexas culturas e identidades, e que em suas práticas discursivas manifestam tais culturas por consequência de suas identidades, entendo, portanto, essas identidades como híbridas, dinâmicas e não-essencialistas, como acontece com os alunos transfronteiriços aqui focalizados. (LIMA DE PAIVA, 2018, p. 81).

Ou seja, o entorno escolar, caracteristicamente diverso tanto linguístico como culturalmente, provoca, no espaço escolar, um movimento que permeia o contato, o confronto e a troca entre as diferentes culturas que compartilham tal espaço, não obstante, se abre um campo para à observação de manifestações linguísticas, tais como a diglossia e o bi/multilinguismo, o que caracterizaria, ainda segundo Lima de Paiva (2018), o aluno transfronteiriço, um sujeito oriundo de outro país, mas que imerso em um novo ambiente linguístico-cultural ressignifica sua identidade.

Além da diversidade cultural e das construções identitárias culturais, tem-se também um outro conceito que ajuda a montar e/ou desenhar uma série de definições sociais dos sujeitos que residem na fronteira, a diversidade étnica. A “etnicidade é a condição de pertencer a um grupo étnico. É o caráter ou a qualidade de um grupo étnico que frequentemente se autodenomina comunidade” (BRASIL, 1997, p. 13). Pode-se dizer que a etnia dos iguaçuenses é líquida (BAUMAN, 2003), ou seja, é de difícil mapeamento, haja vista que a palavra etnia descreve um grupo culturalmente homogêneo que tem os mesmos costumes e hábitos. A verdade é que há vários grupos étnicos, que são originários de várias localidades e que constituem o caleidoscópio cultural e social de Foz do Iguaçu. Para Pontes (2006) “a identidade étnica pode estar ou não ligada a uma identidade nacional, actual, no caso das migrações” (PONTES, 2006, p. 60-61), como é o exemplo dos árabes ,que podem ser libaneses ou sauditas, drusos ou muçulmanos, xiitas ou sunitas, assim a etnia árabe pode ser fragmentada e ou dividida, mas ainda continua sendo etnia árabe.

3.1.2 Línguas em/de Contato

As línguas indígenas, historicamente, demoraram bastante tempo para serem inseridas e ou aceitas na constituição como parte integrante dos processos identitários e culturais do povo brasileiro. Até a constituinte de 1988, “todas as constituições brasileiras, desde o momento em que o Brasil se tornou independente de Portugal em 1822 [...], se caracterizam como leis feitas por descendentes de portugueses” (RODRIGUES, 1988, p. 105), mantendo uma hegemonia lusa no Estado Brasileiro. Até a Constituição de 1967 não havia “nenhuma referência nela às cerca de 200 línguas faladas no País e nenhuma consideração aos direitos das comunidades que as falavam” (RODRIGUES, 1988, p. 105). A Língua Oficial Brasileira era considerada apenas a Língua Portuguesa.

No “período da colônia, o Diretório dos Índios, de 1757, promulgado pelo Marquês de Pombal, proibiu o uso da ‘língua geral’, variação da língua tupi, que servia ao diálogo entre as diversas comunidades” (SANTOS, 2009, p. 257). Somente a partir da Constituição de 1988 é que as demais línguas começaram ter leis que as protegessem com a criação do “interesse local” provenientes de decisões do Supremo Tribunal Federal.

A Língua Portuguesa já havia começado sua caminhada em solo brasileiro no ano de 1532, com o início da colonização (GUIMARÃES, 2005), mas só no ano de 1757 uma Provisão Real proibiu a utilização do Tupi, pois o Português já suplantava esta língua, fazendo da língua europeia a mais importante e, em 1759, com a expulsão dos jesuítas, o Português se torna a língua oficial do Brasil. No país vizinho, Argentina, a língua espanhola ou castelhana é a oficial. Também há no país línguas indígenas que são usadas em algumas regiões do país. O mesmo vale para o Paraguai que tem o Espanhol e uma língua indígena como oficiais, mas com uma diferença bem marcante, em que há o ensino da língua indígena em todas as escolas do país. O Guaraní não é só uma língua oficial, mas sim uma matéria do currículo escolar em todo o território, pelo menos no ensino básico.

Dentre as línguas oficiais da região das três fronteiras, o Guaraní é uma língua autóctone, uma vez que, além do uso no Paraguai, também pertence aos povos originários brasileiros que ainda a praticam junto a outras línguas indígenas ou não. O caráter de língua oficial do Guaraní juntamente com o

Espanhol, faz do Paraguai uma nação bilíngue, declarada em Constituição (UNESCO, 2015), sendo de uso extenso, visto que a maior parte da população paraguaia entende e fala em Guarani.

No caso do Português brasileiro, o Guarani contribui com empréstimos de muitas palavras que foram acrescentadas ao repertório linguístico. Inclusive, a relação Português-Guarani é histórica e está em constante participação artística e social como em:

O Brasil, constituído por uma forte origem indígena, chamado de Pindorama pelos habitantes guaranis. Há dois séculos, as línguas nativas ainda eram faladas no país diariamente, mas essa realidade não foi mantida até hoje, principalmente por razões políticas e econômicas. Com relação a essa consciência originária, a literatura brasileira oferece, desde 1911, a história escrita por Lima Barreto intitulada *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Em suas primeiras páginas, um pedido um tanto incomum da personagem principal, Policarpo, é descrito como segue: "Usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani, como língua oficial e nacional do povo brasileiro (FEIDEN; VILLALVA FILHO, 2021, p. 6).

O tema da língua indígena é, de certa forma, relevante, pois na cidade de Foz do Iguaçu há situações nas quais a cultura indígena é muito importante na construção da identidade e memória dos iguaçuenses. No dicionário *Tupi Guarani*¹⁶, a palavra Iguaçu, que é de origem indígena, significa água grande (I=água, guaçu=grande). A mesma palavra serve para compor o nome da cidade vizinha *Puerto Iguazú*, que numa tradução livre seria "porto da água grande".

Um dos atrativos turísticos da cidade também se vale da língua dos povos originários. Quando falamos da lenda das Cataratas, onde os personagens são do folclore indígena: *Naipi*, *Tarobá* e *M'Boicy*. Ainda, o nome do estado onde Foz do Iguaçu está localizada que coincidentemente é o nome de um dos maiores rios do Brasil, Paraná, que em língua indígena significa "rio caudaloso". Assim, a percepção do uso do Guarani, leia-se língua indígena, é comumente notada pelos cidadãos da região.

No país vizinho, o Paraguai, o Guarani ou *Yopará* é amplamente utilizado pelos paraguaios e muitas vezes pelos brasileiros que trabalham na cidade vizinha, *Ciudad del Este*. De acordo com Meliá (1973), a situação linguística do Paraguai é diglossia predominantemente, com exceção de poucos casos de

¹⁶ <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/iguacu/>

bilinguismo passivo, ou seja, o falante utiliza uma segunda língua de relação (para o guarani falante, o espanhol, e, para o espanhol falante, o guarani). Meliá (1973), especificamente, expressa que:

o uso do guarani ou do espanhol obedece a normas sócio-linguísticas, de fato discriminatórias [...]. Poderia-se caracterizar o fenômeno linguístico do Paraguai como um fenômeno, não propriamente de bilinguismo, mas de di-linguismo. O uso do castelhano ou do guarani está regido no Paraguai por fatores regionais, porque está fundamentalmente deslocado em dois campos semânticos que dificilmente se sobrepõem [...] o guarani-falante tem uma série de campos que lhe são vetados, porque neles não pode fazer ouvir sua voz: ainda mais, nem sequer os pensam ao caráter do instrumento adequado da expressão linguística (MELIÁ, 1973, p. 113).

O autor conclui a análise com a constatação de que no Paraguai é impossível dominar com facilidade e igualdade as línguas espanhola e guarani, visto que há temas inacessíveis de fato para o guarani. Isto é, devido à evolução concreta desta língua (e não a defeitos estruturais da língua em si). Contudo, em relação ao processo identitário e cultural, neste estudo, considera-se, indistintamente, os conceitos de bilinguismo e diglossia, uma vez que o objetivo diz respeito à situação linguística de indivíduos que, com duas línguas já assimiladas, passam a contar com uma terceira língua, o *Yopará*.

O bilinguismo e a diglossia do Paraguai, por vezes, cruzam a fronteira e são percebidos, empiricamente, quando brasileiros ensaiam frases do *Yopará*¹⁷ em certos momentos, onde reuniões de trabalho e ou encontros familiares acontecem em solo brasileiro. Para este emaranhado de línguas, Gumperz (1982) introduz a acepção do *code-switching*¹⁸ ou mistura de códigos, “a justaposição dentro da mesma interação discursiva de passagens pertencentes a dois sistemas

¹⁷ La situación de contacto entre las dos lenguas oficiales del Paraguay, el español y el guaraní, ha originado la emergencia de un continuum de hablas “jopara” (mezcla en guaraní), que se caracteriza por la alternancia de unidades procedentes de cada una de las dos lenguas. Entre estas alternancias, algunas son muy productivas, como es el caso del empleo, en la variedad más hispanizada de este continuum, de la forma de origen guaraní hína (Blestel, Élodie. “El focalizador aspectual guaraní hína en español paraguayo (jopara): significado, sintaxis y pragmática.” (2019): 201-228.

¹⁸ Gumperz (1982) referred to code-switching not as a phenomenon resulting from the speaker's language deficiency in one of his/her languages but as an additional resource through which a range of social and rhetorical meanings are expressed. He noted that the alternation of languages has an expressive function and pragmatic purpose. He also stated that non-linguistic aspects of the speech situation could affect code choices, such as the social relationships of the speakers, their social roles, conversation type, type of international exchange, audience design and occasion, and topic. In addition to these factors, Bentahila, Davies, and Owens (2013) noted that the languages involved in the switching should all be part of the regular oral communicative repertoire of the community engaged in the code-switching. (Gumperz, John J. *Discourse strategies*. No. 1. Cambridge University Press, 1982.

ou subsistemas gramaticais. [...] Os falantes [então] são fluentes em ambas as línguas e as utilizam no curso de suas rotinas diárias” (GUMPERZ, 1982, p. 59). Por conseguinte, é possível perceber brasileiros falando *Yopará*, paraguaios misturando o *Yopará* com o Português e/ou argentinos, brasileiros e paraguaios fazendo uso do *Portunhol*.

Para Berger e Mendes (2021), no trabalho de investigação sobre o currículo de formação pedagógica, um dos fatores que impulsiona a mistura e ou contato de línguas é a questão geográfica, que é fronteiriça e que por sua vez é tríplice

essa pluralidade de línguas de Foz do Iguaçu, que tematiza hoje uma gama de trabalhos acadêmicos, é resultante tanto de sua localização na divisa com dois países que possuem o espanhol/castelhano como língua oficial – sendo um deles, o Paraguai, também bilíngue em uma língua de origem indígena (o guarani). (BERGER; MENDES, 2021, p. 02).

Se fossem fronteiras entre países como Argentina e Chile, os possíveis conflitos ou desencontros poderiam ser em menor número, no entanto, há três povos majoritários com particularidades, identidades, saberes e crenças que se mesclam nos espaços compartilhados da região.

A mistura de línguas é, frequentemente, percebida em vários momentos do cotidiano fronteiriço. Para Labov (1971), o *code-switching* era uma mistura de línguas sem qualquer tipo de regra a ser seguida, o que poderia descrever um pouco da mistura entre o Português e o Espanhol e, mais ainda, uma mistura entre Português, Espanhol e *Yopará*. Tal mistura de códigos ocorre não somente na tríade oficial (Português, Espanhol e Guarani), mas também em outros contatos linguísticos, pois na fronteira entre os três países e, de acordo com um dado do SINCRE (Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros), da Polícia Federal publicado na pesquisa de Giongo Kuerten (2019), há na cidade um total de 90 nacionalidades residentes na cidade de Foz do Iguaçu e línguas como a chinesa, a inglesa, a coreana, a japonesa e a árabe são lugar comum nesta região. Possivelmente, pode-se encontrar sujeitos, mesmo que jocosamente, alternando código ou discurso, utilizando por exemplo, o Português, Espanhol e Guarani ao mesmo tempo.

As línguas portuguesa, espanhola e guarani juntamente com as línguas de refugiados, de visto humanitário, indígenas e de imigrantes e seus

descendentes, promovem a composição das pequenas peças do quebra-cabeças da sociedade iguaçuense que, embora não seja uma grande metrópole, abriga algumas características sociais que a tornam uma cidade com aspecto cosmopolita e globalizada.

Esse universo das várias línguas faladas no município e, conseqüentemente, das várias culturas presentes, pressupõe que a “marcação simbólica” (RIBEIRO, 2021) dos sujeitos e de suas culturas habitam numa transversalidade de conhecimentos como num ato de “cruzar fronteiras”, para se “mover entre os territórios simbólicos de diferentes identidades” (SILVA, 2009, p. 88). Isso em ambiente escolar “tende a evoluir para interfaces ora colaborativas, ora conflituosas, ora de ambas as espécies, como sabemos pela experiência histórica, à escala local, da vivência social das grandes metrópoles” (MENDES, 2010, p. 32), suscitando abordagens e práticas discursivas críticas que, além de valorizar as diferentes culturas, questionem “a própria construção das diferenças” (CANEN; OLIVEIRA, 2002, p. 61), em prol de uma educação multicultural.

3.2 CRENÇAS E ATITUDES DOCENTES

O ambiente de sala de aula na fronteira, diverso linguístico e culturalmente, pode ser desafiador para o docente. Embora, o campo de discussão no âmbito da gestão das línguas na escola tenha se ampliado, principalmente por meio de pesquisas desenvolvidas nos últimos anos e que se dedicaram a estudar à diversidade linguística, bem como à formação de professores nessas regiões, como o caso da fronteira trinacional (GIONGO KUERTEN, 2019), (RIBEIRO-BERGER, 2015), (LIMA DE PAIVA, 2018), (LEROY, 2018), (LIVI, 2022), por exemplo, percebe-se que, quando adentramos o campo das atitudes pedagógicas perante essa diversidade linguística e cultural suscitam reflexões outras, que vão além da abordagem/postura do educador perante o processo de aprendizagem do aluno. Neste sentido, tratam-se as atitudes pedagógicas aqui, como o olhar/acolhimento do professor ao perceber o aluno bi/multilíngue e em como este professor conduzirá o processo de ensino e aprendizagem deste discente.

Destarte, as relações professor-aluno permeiam o processo de ensino aprendizagem e as atitudes pedagógicas envolvidas nesse processo podem fazer a diferença no sentido de criar um ambiente mais acolhedor para os alunos falantes de outras línguas maternas que não o português. A questão deste estudo, recai em torno do que seriam essas ações e de como elas refletem na prática pedagógica dos professores. Assim, o caminho de contribuir com os estudos sobre a prática docente objetivando o acolhimento, se inicia em busca de conceituar atitudes por meio de um diálogo com a filosofia, a sociologia e outras pesquisas que suscitem compreender tal conceito.

Entende-se que as atitudes são formadas a partir de uma variedade de fatores que tem a ver com como os sujeitos se portam e ou reagem a diferentes situações sociais, comportamentais ou culturais, o que leva a uma compreensão de que as atitudes residem, primeiramente, no campo da linguagem. Conforme Lacan (1953/1998), “a linguagem é imperativa em suas formas, mas inconsciente a sua estrutura” (p. 278). Logo, as atitudes também habitam o inconsciente, ou seja, na relação professor-aluno, as atitudes do professor perante o aluno falante de outras línguas podem gerar resultados no processo de aprendizagem que vão desde o aluno sentir-se acolhido, até este sentir-se excluído ou exposto.

Neste, sentido, infere-se que, a sala de aula, enquanto espaço de interação, permite perceber o quão complexas são as relações humanas e que,

sendo nossas atitudes desenvolvidas no processo interativo nos contextos socioculturais dos quais fazemos parte, elas têm alcance na percepção e juízo que constituímos em relação às pessoas e as coisas, influenciando, de certo modo, o nosso agir e reagir com elas. (REZENDE, 2007, p. 33)

Desse modo, a sala de aula é, dentre tantos, mais um contexto no qual se exprimem as atitudes, assim, um exemplo de atitude pedagógica seria a empatia. A empatia permite que o professor crie um ambiente acolhedor e seguro onde o aluno se sinta à vontade para expressar suas dúvidas, inseguranças e questionamentos e, conseqüentemente, mais engajado com seu próprio aprendizado. A percepção afável que o docente tem de seu universo em sala de aula corrobora com o objetivo do sistema de ensino, que tem a responsabilidade de proporcionar aos alunos uma educação de qualidade e acolhedora.

A compreensão que se tem sobre cultura e de como abordá-la tem haver com o comportamento de cada sujeito que, a depender dos valores atribuídos

às suas crenças, pode apresentar ações ora positivas, ora negativas e que são manifestadas por meio de opiniões sobre si, o outro e/ou o mundo. À essa relação chama-se atitude.

De acordo com Sabadin (2019, p. 56), “o estudo das crenças e atitudes tem por objetivo descrever e analisar sentimentos e ações dos falantes frente à sua língua e em relação ao falar do outro”. As reações que se tem quando ocorre o contato entre sujeitos que falam de forma diferente podem “muitas vezes culminar em preconceito em relação a determinadas variedades linguísticas” (SABADIN, 2019, p.59).

Neste sentido, as atitudes linguísticas se diferenciam das atitudes pedagógicas, tendo em vista que as primeiras ultrapassam o espaço da escola, recaem no âmbito de que língua falar em determinados contextos, ou seja, é o uso do *portunhol*, por exemplo, por um brasileiro quando encontra um falante de espanhol com o objetivo de facilitar/aproximar a comunicação. Já a segunda refere-se a como professores gestam a diversidade linguística em sala de aula, que podem tanto estar relacionadas ao pedir para que um aluno não fale árabe em sala de aula, quanto permitir e/ou estimular o uso de sua língua materna e da língua de instrução da escola, no caso do Brasil, à língua portuguesa.

Assim, outro aspecto inerente a este contexto e que requer atenção, pois, também remonta às atitudes pedagógicas é o preconceito linguístico. Para Bagno (2003, p.75), “os preconceitos, como bem sabemos, se impregnam de tal maneira na mentalidade que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo”. Em casos de atitudes preconceituosas para com pessoas que pertencem a outras nacionalidades e ou identidades nacionais ou culturais há outras forças que produzem resultados que culminam em algum tipo de desaparecimento.

Orlandi e Souza (1998), ao observarem línguas em contato, acrescem que uma pessoa considerada forasteira terá atribuído à sua língua, dependendo do país, cultura ou localidade de onde vem, o conceito de “língua primitiva e ou selvagem” (ORLANDI; SOUZA, 1988, p. 31), levando o sujeito muitas vezes a se esconder socialmente, acarretando possivelmente outros problemas relacionados à sua identidade, cultura ou língua.

A relação Língua e Cultura, e seus desdobramentos, contatos linguísticos e culturais, é um fenômeno social que possivelmente favorece rupturas e

também novas conexões e ou extensões de padrões sociais. Para Certeau (2015, p. 148), “os pontos de referência tradicionais (linguísticos, consuetudinários, familiares) distanciam-se, apagam-se, por vezes, se perdem: o uso da língua própria localiza-se em atividades marginais, torna-se periférico, por vezes desaparece”.

O trato para com outras línguas, leia-se culturas e identidades, está intimamente ligado ao que se sente perante outras culturas e esse sentir é, por vezes, algo que escapa à razão, embora ambas caminhem lado a lado. Certamente lidar com outras formas de pensar e agir ultrapassa os limites dos estudos linguísticos e culturais e chega, muitas vezes, aos campos da psicologia. Ou seja,

constata-se o quanto as crenças e atitudes influenciam diretamente na questão da mudança e variação linguística, pois as crenças estão relacionadas à maneira de pensar, sentir e as atitudes estão ligadas à reação em relação às pessoas, grupos, questões sociais ou a qualquer acontecimento. Portanto, os fundamentos psicológicos das crenças e atitudes apresentam também o componente social, pois estão fundamentadas em quatro atividades humanas: pensar, sentir, reagir e interagir. (SABADIN, 2019, p. 61).

Assim pode-se dizer que a fala e a ação estão de acordo com aquilo que se pensa sobre nós mesmos e sobre os outros, modificando o modo com o qual se lida com as coisas e sujeitos que nos cercam, apoiando ou rechazando aquilo que não se pode mudar, apenas vivenciar.

No que se refere às instituições de ensino de fronteira, o entorno do ambiente escolar será sempre um desafio a mais para os educadores e também para os pais de crianças e adolescentes em período escolar, tendo em vista que as reflexões que acontecem em práticas docentes e em pesquisas sobre as práticas docentes em fronteira, tendem a recair sobre as “crenças e atitudes”.

A esse respeito, Berger e Mendes (2021), após observarem e refletirem sobre as atitudes docentes em três escolas de uma área próxima ao centro da cidade de Foz do Iguaçu, destacam que há inúmeras pesquisas sobre diversos temas, como, por exemplo, sociedade, políticas públicas, linguística, contatos sociais, contatos linguísticos, bilinguismo, diglossia, entre outras, no entanto, há ainda pouca investigação em relação às atitudes de reflexão docente, bem como práticas que propiciem o acolhimento escolar que se deseja para uma localidade tão rica e efervescente em multiculturalidade, mas ainda carente de ações

que promovam, quem sabe, a implantação de um currículo escolar e de formação de professores buscando um olhar mais afável para com os alunos do município.

O caminho que leva à reflexão sobre o acolhimento em sala de aula, sobre as práticas e atitudes docentes, sobre os processos da multiculturalidade e interculturalidade é uma jornada sem fim, especialmente para aqueles que gostam e vivenciam um efervescente caldeirão cultural. Alguns colegas de profissão, em conversas nos horários dos intervalos, já relataram situações como: “aquela sala de aula é só loucura e confusão, tem paraguaio, argentino, árabe, tem de tudo, mas é bom”. Assim, o incomum parece ser constante e é percebido o tempo todo.

Nesse sentido, os encontros e desencontros linguísticos-culturais que acontecem no cotidiano da fronteira, apesar de frequentes, para muitos e, por vezes, remetem a algum tipo de estranheza ou desconforto, haja vista os diferentes comportamentos manifestados através das crenças e atitudes dos sujeitos residentes na região. De acordo com o dicionário *Priberam*, a palavra “estranho” tem algumas sugestões de definição e entendimento. Quem sabe essa palavra possa sintetizar os sentimentos de muitas reações quando se vivenciam ou quando se percebem os diversos encontros sociais de sujeitos oriundos de origens culturais diferentes na fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina.

Por conseguinte, as 5 primeiras entradas no dicionário *Priberam*¹⁹ para a definição da palavra estranho são: 1. Estrangeiro. 2. Desconhecido. 3. Alheio. 4. Singular. 5. Extraordinário. Tais palavras reforçam a complexidade dos fenômenos sociais, que são muitos, provenientes dos contatos culturais e linguísticos na região. É certo que ainda não exista uma ferramenta para contar quantos momentos de trocas interculturais acontecem na região, mas indubitavelmente são muitos, sendo que alguns podem durar pouco ou muito tempo. Para isso cita-se dois possíveis momentos:

1) Um sujeito, morador do país vizinho, Argentina, chega no centro da cidade e pergunta a um transeunte a respeito de um endereço de um estabelecimento comercial na cidade brasileira. O sujeito que responde é um árabe, recém-chegado à Foz e que vai fixar residência. O exercício de se imaginar o diálogo é interessante, se é que este ocorre.

2) Um sujeito, filho de imigrantes paraguaios, falante de espanhol e guarani faz amizade um com colega, brasileiro, recém-chegado da cidade de

¹⁹ (<https://dicionario.priberam.org/estranho>)

Prudentópolis. Ambos estão assistindo ao jogo da final da Copa do Mundo. Aqui o real, imaginário e simbólico (LACAN) construiria outra dissertação.

Bauman (2001), em sua “modernidade líquida”, ao refletir sobre a sociedade moderna e a construção individual em uma sociedade coletiva, esclarece que

Estranhos têm chance de se encontrar em sua condição de estranhos, saindo como estranhos do encontro casual que termina de maneira tão abrupta quanto começou. Os estranhos se encontram numa maneira adequada a estranhos; um encontro de estranhos é diferente de encontros de parentes, amigos ou conhecidos [...] uma história para “não ser continuada”, uma oportunidade única a ser consumada enquanto dure e no ato, sem adiamento e sem deixar questões inacabadas para outra ocasião. (BAUMAN, 2001, p. 111).

Esses momentos, esdrúxulos e singulares da multiculturalidade que se presenciam e se vivenciam na região, exigem uma maior atenção e reflexão por parte dos docentes que atuam nas instituições de ensino iguaçuenses e, em especial, no Ensino Fundamental, pois é neste segmento que as identidades, muitas vezes, são formadas.

3.3 O Projeto Multicultural e as Práticas Docentes

Se o contato entre culturas é complexo faz-se necessário pensá-lo em ambientes escolares e como as equipes pedagógicas se estruturam para tal. Difícil dizer, no entanto, qual caminho deve ser percorrido para que não haja perdas para com os sujeitos envolvidos com a educação. Nesse sentido, o texto de Silva e dos Reis (2018), *Desafios do ensino de Língua Portuguesa na fronteira – Brasil/Paraguai*, mostra uma preocupação com a importância de saber o quão diferente é lecionar em localidades fronteiriças, pois “muitas vezes, o ensino na fronteira acontece sem levar em consideração a natureza plurilíngue e pluricultural dos alunos e isso refletirá em um baixo desempenho, levando ao abandono dos estudos, ou seja, à evasão escolar” (SILVA; DOS REIS, 2018, p. 5).

Para as autoras, que são professoras atuantes na fronteira entre Brasil e Paraguai, “o processo de aprendizagem é dificultado por questões culturais e de identidade e isso deve ser levado em conta pelo professor” (SILVA; DOS REIS,

2018, p. 5). Tal percepção na prática sinaliza uma sensibilidade que evidencia uma atitude perante uma situação dentro da prática e que parece ser inconsciente por parte do professor, especialmente a do professor de LP. No artigo as autoras concluem que:

É necessário que repensemos nossas práticas pedagógicas como professores que atuam na região da fronteira. Uma vez que, o cenário de fronteira é complexo para o ensino, e quando envolve a aquisição e aprendizagem de outra língua se torna ainda mais difícil (SILVA; DO REIS, 2018, p. 5).

Há, de modo geral, um consenso entre professores quando o assunto é repensar o *modus operandi* em ambiente escolar, especialmente em região de fronteira. Morello (2019), em seu estudo sobre “Multilinguismo e ensino nas fronteiras”, citando uma pesquisa feita pela OBEDF²⁰ (2015), que busca promover pesquisas sobre o Ensino Fundamental em contextos plurilingues, reforça que a “presença das línguas nas escolas evidenciou, assim, a necessidade de se pensar sobre o lugar que ocupam e podem ocupar nessas relações” (MORELLO, 2019, p. 224).

O grupo de pesquisa da OBEDF constatou particularidades que só poderiam ocorrer na fronteira entre Brasil e Paraguai, especialmente no âmbito dos encontros entre Língua Indígena e a Língua Portuguesa, pois na “fronteira com o Paraguai, havia ainda os alunos proficientes em guarani, inclusive com alto grau de compreensão da leitura e prática da escrita; em Guajará-Mirim, identificou-se a presença de muitos alunos indígenas” (MORELLO, 2019, p. 224). Percebe-se uma preocupação consciente de alguns grupos docentes no sentido de “discutir a presença e a gestão das línguas nas escolas brasileiras” (MORELLO, 2019, p. 2024) reforçando a importância do tema.

Em relação ao entorno escolar, no que diz respeito à “produção horizontal do conhecimento” (CORONA BERKIN, 2020), onde os sujeitos ativos e passivos em educação produzem uma cultura de “produzir novos conhecimentos e novas relações entre as pessoas” (CORONA BERKIN, 2020, p. 88), Morello (2019) aclara que

Trata-se de explorar o fato de que as línguas ocupam posições múltiplas, não estanques na sociedade; especificamente na escola, são usadas para

²⁰ Observatório da Educação na Fronteira

múltiplas funções relacionadas aos processos de ensino e aprendizagem e às diversas situações de interação. São objeto de ensino e são instâncias de negociação, de diálogo e disputa. É possível aproveitar os conhecimentos acumulados da comunidade escolar – inclusive de professores, funcionários, alunos e pais – para que as línguas, todas elas, circulem nesse espaço. (MORELLO, 2019, p. 228).

Com o *mix* de conhecimentos vindos de todos os sujeitos do entorno escolar é possível esperar novas “atitudes” daqueles que estão em contato direto com os alunos, particularmente os de fronteira. A escola em fronteira passa a ser um lugar único, em termos curriculares e pedagógicos, e torna compulsório o processo de reflexão sobre os processos, que envolvem a formação de professores e práticas docentes, para haver uma educação pensada em integração e não em segregação, uma vez que “caso não haja uma mudança de postura com relação aos nossos espaços escolares, haverá a repetição de um modelo de ensino de língua reducionista” (MARTINY; REDEL; HECK, 2020, p.21).

Ribeiro (2017), em seu estudo sobre “Língua(s) de fronteira”, buscando evidenciar uma necessidade de se ter uma prática docente voltada para uma realidade mais condizente com a que é encontrada pelo professor em ambiente multi e pluriétnico, retoma Lagares (2013) que reforça serem

necessárias políticas e planificações linguísticas condizentes com a realidade contemporânea, visto que ao “desenvolvermos quadros descritivos das políticas linguísticas deveríamos então levar em conta não apenas o ‘que’ se planeja, mas também e, sobretudo, o ‘por que’, o ‘como’ e o ‘quando’ (LAGARES, 2013, p. 182).”

A tese de Ribeiro (2015) traça um perfil de um professor de fronteira que aborda teoria, prática e atitude na busca de “*respuestas dialógicas*” (BERKIN, 2019) para problemas sociais, no sentido de se alinhar o discurso de profissionais da educação que trabalham em região fronteiriça:

O professor pode conhecer e legitimar o conhecimento local sobre o uso das línguas, no sentido de que os educadores considerem suas experiências com as experiências do cotidiano dos seus alunos, bem como tratar e discutir os conflitos linguísticos atrelados à proposta institucional com o conhecimento linguístico de vida local, que se possam levar em consideração as políticas de ensino de línguas por intermédio de políticas linguísticas de fronteira (RIBEIRO, 2015, p. 156).

A necessidade de se estabelecer um critério que seja mais assertivo para regiões de fronteira passa pelo processo de reflexão pedagógica e, sobretudo,

pelo modo de como a reflexão que é praticada pelos docentes dialoga com aquilo que se espera desses profissionais em meio escolar, quando este é um ambiente onde os sujeitos são originais em suas identidades individuais e fragmentados em suas “identidades coletivas” (NIETHAMMER, 1997), tornando os espaços na cidade de Foz do Iguaçu lugares *pluri* e *multi* identitários-culturais, fazendo com que os contatos sociais sejam únicos devido às especificidades presentes no entorno de Foz.

É a partir desse ponto em que os pesquisadores, em particular os que estudam os ambientes escolares fronteiriços, tendem a convergir na carência de ações que possibilitem uma atitude mais adequada para o acolhimento dos alunos nos colégios das cidades fronteiriças com outros países. A esse respeito, Ribeiro (2015) disserta sobre o “repensar as práticas pedagógicas”, tendo em vista a complexidade que se faz presente no cenário escolar de fronteira.

Nesse sentido, apenas o exercício de reflexão não bastaria para se oferecer uma educação que atenda a todas as demandas de professores, gestores e todos os indivíduos que participam da escola, o que poderia propiciar o “desenvolvimento de políticas linguísticas públicas que voltem o olhar para a especificidade linguística [e cultural] do entorno” (BERGER, 2022, p. 03), pois como reforça Giongo Kuerten (2019), é preciso aperfeiçoar o planejamento em ambientes com contatos culturais e linguísticos, onde “as famílias que migram para Foz do Iguaçu têm conformado novos territórios que refletem suas culturas e também compartilham tantos outros espaços, como, por exemplo, as escolas, tornando os contextos multi/plurilingues” (KUERTEN, 2019, p. 19).

Para esta pesquisadora, a preocupação com os espaços escolares caleidoscópicos se justifica, uma vez que, se nas escolas houver “conflitos linguísticos” (RAFFESTIN, 1993, p. 111), é possível que um “grupo procure privar o outro de sua língua” (KUERTEN, 2019, p. 19) e, conseqüentemente, numa repetição de atitudes, pode-se ocorrer uma “substituição da identidade linguística por outra”, bem como “uma substituição de uma cultura por outra” (KUERTEN, 2019, p. 19). A esse respeito, Kuerten (2019) reforça a inquietação em ambiente escolar, visto que “se a escola percebe que existem línguas diferentes em seu território, mas continua agindo como se não houvesse, todos são prejudicados” (KUERTEN, 2019, p. 21). Pensar o professor antes de pensar o aluno é um movimento que tem sido importante em meio acadêmico e nesse sentido Berger e Mendes (2021), numa

pesquisa feita sobre o perfil dos professores de Foz do Iguaçu, indicam a necessidade de

construção de conhecimentos sobre contextos educacionais sociolinguisticamente complexos, bem como tecer reflexões em torno do multi/plurilinguismo na formação de professores de línguas, de modo a subsidiar reflexões que contribuam com políticas linguísticas institucionais para a valorização e promoção da pluralidade linguística local e regional. (BERGER; MENDES, 2021, p. 01).

O cuidado com a formação de professores sugerido pelas autoras decorre da importância de construir um currículo de formação docente que esteja alinhado às especificidades linguísticas e identitárias presentes nos colégios do município, bem como nos diversos espaços onde os contatos entre povos e suas respectivas culturas é recorrente.

4 PRÁTICAS E ATITUDES DOCENTE ENTORNO DA SITUAÇÃO MULTILINGUÍSTICA E MULTICULTURAL DA TRÍPLICE FRONTEIRA: UM OLHAR PARA FOZ DO IGUAÇU

Os dados informados pelos participantes da pesquisa foram pensados em relação à região das três fronteiras e em como foram basilares para as investidas acadêmicas desta pesquisa. As respostas coletadas constituem um *corpus* que objetivou observar o contexto educacional de ambientes escolares na cidade de Foz do Iguaçu, cujos três colégios elencados encontram-se no entorno da região central e próximos de um dos limites fronteiriços do município. Os sujeitos pesquisados são professores, em sua maioria do ensino fundamental e médio, de duas instituições de ensino públicas e de uma particular. Tendo em vista o escopo temático do presente estudo, não delimitou-se uma área de atuação ou formação específica para que os docentes participassem da pesquisa, contudo, levantou-se esses dados com vistas a refletir, de maneira interdisciplinar, em como cada área age frente à diversidade linguístico-cultural que permeia as salas de aula.

Para compreender melhor as relações estabelecidas neste capítulo, retoma-se, a partir dos dados tabulados nos Quadros 5, 6 e 7 do perfil característico dos participantes, que 13, dos 48 participantes, atuam como docentes a menos de 10 anos; 28 estão na faixa de 10 a 20 anos de docência; e 7 contabilizam mais de 20 anos de serviço na rede de ensino, sendo que 2 destes já atuam a mais de 30 anos. Ao correlacionar esses dados com as suas formações e titulações, verificou-se que a maioria dos participantes possui especialização (26); seguindo de 13 graduados, 8 mestres e 1 doutor.

Diante disso, para a análise dos dados, optou-se em separar as respostas em duas seções, haja vista a intenção de obter-se informações a respeito dos processos de reflexão pedagógica e não de comparação entre escolas. Assim sendo, o Grupo 1 - “Saberes”, traz um mapeamento dos termos relacionados aos contatos culturais e linguísticos, cujas respostas serviram para se analisar uma fração dos conhecimentos pedagógicos relevantes para a pesquisa; e o Grupo 2 - “Atitudes e práticas docentes” que versa sobre o tema deste trabalho.

4.1 SABERES CONCEITUAIS

O Grupo 1 de respostas compreende os “saberes docentes” relativos à pergunta de número 10 que apresentava uma lista de conceitos da linguística e sociolinguística. Essa questão objetivava verificar qual era o campo de conhecimentos teóricos dos docentes, cujos termos tendiam a fazer parte da formação curricular de professores, especialmente aqueles com formação em Letras e cursos de pós-graduação em Docência (no Ensino Superior), bem como outras capacitações de docentes que atuam em localidades multiculturais.

Conforme pode ser observado no Quadro 8, que traz uma sistematização das respostas dos participantes dos três colégios campo de estudos, à exceção do termo *rapport*²¹ que teve uma marcação de 6 para 0, os demais conceitos mantiveram-se com um quantitativo de menções muito próximo entre os participantes das três instituições, variando de 2 a 3 sinalizações:

Quadro 8 - Respostas à questão 10

CONCEITO	C. E. BARÃO DO RIO BRANCO (19 participantes)	C. E. C. M. COSTA E SILVA (15 participantes)	C. MONJOLO (14 participantes)
bilinguismo	15	13	14
<i>code-switching</i>	1	1	2
<i>melting pot</i>	1	0	2
entorno linguístico	2	4	6
diglossia	2	2	1
desterritorialização	4	6	5
<i>rapport</i>	0	0	6
estereótipos	12	14	12
preconceito linguístico	12	14	10
xenofobia	16	15	13

²¹ O termo *rapport* não tem uma tradução para a língua portuguesa, contudo, segundo Nascimento (2008, p. 80) o que mais se aproxima de uma equivalência em português seria “harmonia e afinidade”, logo este termo é utilizado com frequência no contexto das escolas privadas e remonta à idéia de um bom relacionamento professor-aluno e/ou professor-cliente, o que a autora aponta como uma responsabilização do professor nessa relação.

políticas linguísticas	10	11	10
apagamento de línguas	6	8	8
higienização étnica	8	9	6

Fonte: sistematização do pesquisador a partir das informações disponibilizadas pelos participantes do estudo nos questionários.

A questão 10 não era uma pergunta que envolvia uma reflexão aprofundada sobre a prática docente, mas trouxe dados interessantes sobre possibilidades de como pensar em um currículo que trata da formação de professores, em especial os de fronteira entre países com línguas diferentes.

De um modo geral, há um percentual importante em relação ao bilinguismo e à xenofobia. Os dois conceitos são conhecidos por quase todos os participantes e são essenciais em questões que envolvem o ensino em região de fronteira. Foram 42 (87,5%) respostas afirmativas, para o bilinguismo, num universo de 48 ao total. Para a xenofobia foram 44 (91,6%) respostas conhecedoras do termo. Na sequência, observa-se um quantitativo também considerável de menções para os termos estereótipos 38 (79,17%), preconceito linguístico 36 (75%) e políticas linguísticas 31 (64,58%).

Por conseguinte, verifica-se que alguns conceitos tiveram um percentual alto e médio de conhecimento por parte dos participantes e outros, provavelmente, por serem muito específicos, apresentaram poucas marcações no questionário. Ou ainda, no caso de palavras como *melting-pot*, *code-switching* e *rapport* que, talvez, por serem estrangeirismos, tiveram poucas marcações por não haver um entendimento a que elas se referiam. Já o termo diglossia, que está de certa forma associado ao bilinguismo e é importante no contexto fronteiriço, também ficou aquém do esperado, uma vez que obteve apenas 5 respostas afirmativas para um total de 48 participantes, o que corresponde somente a 10,41% das respostas, o que denota uma necessidade de se pensar em maneiras de fazer com este conceito possa ser, de algum modo, compreendido pelos docentes na fronteira, especialmente no que compreende a relação e integração com o Paraguai.

Uma possível explicação para que alguns dos termos, estrangeirismos, mencionados anteriormente, tenham sido ignorados pode ser a utilização dos termos já com suas respectivas traduções para a Língua Portuguesa, como no caso de caldeirão cultural para *melting-pot* e mistura de códigos para

code-switching. O termo *rapport* não tem uma tradução que possa fazer sentido por si só, pois é preciso todo um contexto para que se entenda o sentido da palavra que é o de trazer de volta ou criar uma relação, e é usado em processos para explicar a empatia e conexão entre as pessoas. Ainda assim, esperava-se um maior número de participantes que soubessem os significados das palavras citadas, uma vez que elas têm uma ligação muito forte com o entorno linguístico-cultural de Foz do Iguaçu.

Ao relacionar o tempo de atuação, as formações e as titulações aos conhecimentos dos termos e conceitos da questão 10, não fica claro correlações entre o tempo da prática docente na fronteira e o entendimento dos conceitos linguísticos apresentados. Isto é, esperava-se uma escala crescente dos saberes à medida que a prática docente tivesse mais experiência em sala de aula. Exemplo disso é o caso do Part.BRB.09 que tem 25 anos de atuação como professor, mas dentre os 13 conceitos, informou somente conhecer o termo bilinguismo. Ao articular-se ainda com a titulação, verifica-se que este participante é um dos 8 professores que possuem mestrado e, embora os termos apresentados sejam mais abordados em cursos de Letras e o Part.BRB09 ser graduado em Pedagogia, ao refletir sobre uma das disciplinas por ele ministrada (Formação de Professores), talvez ele poderia ter marcado mais opções entre as disponíveis. Pode ser que tenha ocorrido algum tipo de “falha” e/ou inconsistência na marcação dos demais conceitos.

Algumas respostas parecem estar relacionadas ao tempo de atuaçãoXconhecimento específico, como é o caso de Part.BRB15 que atua há 33 anos como professor e marcou quase a totalidade dos conceitos. Inclusive, os Part.CES04 com 11 anos de atuação e o Part.EP12 com 10, também, marcaram quase todas as opções.

De modo geral, no que diz respeito à área de formação, com exceção de alguns, os professores participantes que têm formação em Letras, Pedagogia, 1 professor de Educação Especial e 1 professor formado em Direito e que atua com Língua Inglesa, sinalizaram mais termos específicos que os demais. O total desses professores é de 21 (43,75%). Quanto às outras formações, como Matemática e Física, houve quantitativo positivo, mas um pouco menor que os números dos formados nas áreas de humanas. Os números não representam vantagem, pois não se trata de uma competição, mas são indicadores de que as

formações dos profissionais formados em Letras e Pedagogia tendem a abranger mais conceitos referentes à cultura e à língua.

Voltando ao item que se refere ao tempo de atuação dos professores, é preciso esclarecer que foi um dado solicitado para se fazer considerações sobre se vivência e experiência didática poderia indicar maior reflexão pedagógica ou quem sabe mais conhecimento sobre os conceitos que envolvem a multiculturalidade e contatos entre povos e línguas. A questão não era do objetivo principal, mas pode ajudar a costurar possíveis futuros dados em relação à expertise alcançada pela prática e, possivelmente neste caso, de uma formação continuada pelos profissionais em educação.

Contudo e diga-se, infelizmente, nesta pesquisa, não foi possível atestar que a prática docente promova mais conhecimento dos processos culturais e linguísticos que acontecem nos ambientes escolares. Poderia-se pensar em alguma questão que tratasse mais especificamente da dupla tempoXconhecimento, mas não foi o caso deste trabalho. Ainda assim, esperava-se que as respostas fossem mais positivas proporcionalmente ao tempo de atuação por parte dos docentes.

4.2 PRÁTICAS E SABERES DOCENTES

O Grupo 2 traz para a reflexão as três perguntas dissertativas que compreendem o questionário, que trata das questões 11, 12 e 13, cujo foco envolve a temática das migrações e a perspectiva de acolhimento intercultural. É a partir deste segundo grupo de respostas que a análise sobre as práticas e saberes docentes se desenvolve, tendo em vista que Foz do Iguaçu é constituída de diversas culturas e línguas, em que os sujeitos que compõem esse mosaico linguístico-cultural estão em constante interação nos espaços da cidade, inclusive no escolar, pois uma parte dessas pessoas estão em sala de aula, em fase de ampliação de saberes e em contato com uma Segunda Língua, diferente da sua Língua Materna.

Logo, as suas identidades, carregadas das suas origens, das tradições de seus antepassados e de perspectivas futuras, constroem-se e

reconstroem-se no contato com novas culturas. Portanto, é esperado que as práticas pedagógicas docentes sejam permeadas de reflexão e empatia, com vistas à promoção de uma educação plena e multicultural, capaz de acolher a todos.

4.2.1 Análise dos dados I: Saberes Docentes e Fluxo Migratório

A primeira questão a ser refletida é a pergunta de número 11. Segundo dados de 2019 do Núcleo de Imigração da Delegacia de Polícia Federal, Foz do Iguaçu possui habitantes de 81 nacionalidades diferentes. No transcorrer da sua trajetória docente, houve situações em que você refletiu sobre os processos de migração em solo brasileiro e como eles se delineiam no sistema educacional? Justifique., para a qual se obteve diferentes respostas. Dos 48 participantes, 33 (68,75%) responderam de maneira afirmativa que já haviam refletido sobre a temática das migrações no contexto escolar, enquanto que alguns responderam não ter pensado sobre o assunto.

Os Part. BRB03, BRB07, BRB15, BRB17, BRB19, CES03, EP06 e EP11 responderam “não”. Já o Part.CES03 respondeu “Não, pq não tive a necessidade”. Neste caso, não foi possível verificar se foi por não ter tido a oportunidade de fazer a reflexão ou se a mesma já faz parte das práticas e atitudes em sala de aula. O total é de 9 (18,75%) para os docentes que não tiveram que ponderar sobre a questão apresentada. Algumas lacunas deixaram espaço para, quem sabe, numa próxima investigação, o método de pesquisa possa ser ajustado e melhorado.

As respostas afirmativas para os momentos de reflexão sobre os processos de migração somaram um total de 68,75%, ou seja, 33 participantes responderam “sim”. Quanto às justificativas, estas envolveram diferentes questões, como, por exemplo, de linguagem, acolhimento, integração, ausência de políticas linguísticas e educacionais, diversidade étnica, migrantes e conteúdos curriculares. Estes podem ser observados nos seguintes enunciados:

Part.BRB.05 – R: 01

Sim nas aulas de filosofia, para falar de xenofobia e de arte para falar de preconceito racial. (24/10/2022).

Part.CES.11 – R: 01

Sim. A partir da contextualização histórica sobre imigração e a integração nacional. (24/10/2022).

Part.BRB.06 – R: 01

Sim. Principalmente sobre o êxodo rural. (24/10/2022).

A reflexão dos docentes ocorreu com base em diversos aspectos, como sociais, históricos e geográficos, mas sempre pensados no contexto da sala de aula. Além das justificativas resultantes do trabalho com componentes curriculares, observou-se nas respostas dos participantes uma reflexão em torno do ambiente escolar múltiplo e complexo que é caracterizado pela presença de discentes migrantes e de descendentes de imigrantes, como destacam os Participantes CES.01, CES.15 e BRB.15:

Part.CES.01 – R: 01

Sem sombra de dúvidas, é evidente a constante migração que ocorre em Foz, sobretudo por ser cidade fronteiriça. Eu, por exemplo, tenho e já tive vários alunos migrantes [...]. (24/10/2022).

Part.CES.15 – R: 01

Sim, em aproximadamente 70 a 80% das turmas em que lecionei havia alunos nascidos em outros países, ou eram filhos de pessoas que migraram de outros países. (30/11/2022).

Part.BRB.15 – R: 01

Sim, com presença de alunos estrangeiros em sala, especialmente árabes e orientais, ou que tiveram parte de sua escolaridade em outro país, especialmente o Paraguai. (25/10/2022).

Por meio dos enunciados verifica-se que os docentes constataam a pluralidade de identidades em suas salas de aula e que percebem o movimento migratório que ocorre na cidade. Correlato a essa diversidade étnica, delineiam-se práticas e atitudes movidas pela empatia e/ou pelo conflito em torno das línguas, culturas e tradições em contato, uma vez que

Part.BRB.12 – R: 01

Sim, no que tange a cultura, essa migração mudou a sociedade de Foz do Iguaçu, incluindo alguns hábitos culturais na nossa sociedade. (24/10/2022).

Infere-se que alguns dos hábitos a que se refere o Part.BRB.12 poderiam ser as *empanadas* servidas em cafeterias na cidade de Foz, a música dos estilos *reggaeton*, *cumbia*, *cachaca*, os mercados árabes e seus temperos que se misturaram ao tempero brasileiro, entre outras possibilidades.

No que compreende o espaço escolar, alguns participantes mencionaram estar em contato com essa multiculturalidade e destacaram que

Part.BRB.19 – R: 01

[...] muitas vezes na minha prática docente, ao lidar com diversas culturas, percebo a diferença de perfil dos alunos. (26/10/2022).

Part.BRB.13 – R: 01

Sim. Fui professor de diversas nacionalidades, cada situação com sua peculiaridade. (24/10/2022).

Arelado à diversidade tem-se o complexo, pois diferentes particularidades estão em contato e em conflito, tendo em vista que todo o simbólico marca um ponto de vista diferente e que por vezes conflita com as verdades de cada um. Em acréscimo, o Part.EP.01 reforça que, ademais das

Part.EP.01 – R: 01

[...] Várias culturas se encontrando em nossa região. Nas escolas particulares, ambiente onde trabalho, é bastante comum a convivência de alunos de várias etnias. Um ambiente rico em expressões diversas, mas também bastante desafiador quanto aos objetivos educacionais. (18/10/2022).

Afirmção que é corroborada pelo Part.EP.09, pois

Part.EP.09 – R: 01

Sim! Por atuar em escolas pública e privada já observei esse processo. Nele pode perceber fatores que contribuíram para o enriquecimento cultural e preconceitos acentuados. (25/10/2022).

A esse respeito, o Part.CES.14 acresce que

Part.CES.14 – R: 01

[...] O nosso sistema educacional não está preparado para acolher as etnias que aqui chegam e migram para nossa cidade, causando um choque, pra não dizer traumas às crianças e adolescentes que entram em nosso sistema educacional e enfrentam a barreira da língua, segregação, xenofobia e bullying. (30/11/2022).

Logo, há mais um reforço da demanda de um currículo escolar mais adequado para o entorno linguístico-cultural da região das três fronteiras, uma vez que, conforme o Part.CES.08,

Part.CES.08 – R: 01

Noto que os imigrantes não são assistidos da forma como deveriam no contexto escolar. (08/11/2022).

A falta de políticas linguísticas explícitas possivelmente acentuam os improvisos pedagógicos que se fazem no decorrer das aulas, quando o professor sente a necessidade de intervir de algum modo para que sua aula e/ou seu conteúdo possam ser ministrados. Resta ao docente buscar por alternativas para dirimir as distâncias e prover pela integração e acolhimento intercultural de seus discentes imigrantes, assim como destacaram agir os Part.EP.02 e Part.CES.08:

Part.EP.02 – R: 01

Sim, inclusive sou professora de estrangeiro. Sempre procuro ajuda para melhor atendê-los. (18/10/2022).

Part.CES.13 – R: 01

Sim, pois recebo muitos alunos imigrantes e preciso sempre buscar a melhor forma de auxiliá-los dentro do meio educacional. (28/11/2022).

Essa multiplicidade demanda abordagens e metodologias diferenciadas que, por conseguinte, podem levar os docentes a refletirem sobre as suas práticas, assim como destaca o Part.EP. 08:

Part.EP.08 – R: 01

Sim. Por trabalhar em escolas com diferentes públicos, sempre encontramos alunos estrangeiros que nos fazem repensar nossas práticas pedagógicas. (25/10/2022).

Inclusive, pode-se dizer é compulsório o ato de refletir o ambiente escolar multicultural nos colégios da cidade de Foz, especialmente quando se tem em sala de aula sujeitos imigrantes ou filhos de imigrantes vindos de outros países, cujas línguas maternas não são a portuguesa. Consequentemente, os professores também não possuem, ou possuem pouco conhecimento, sobre as línguas maternas desses discentes, tal qual acentua o Part.CES.09:

Part.CES.09 – R: 01

Sim, infelizmente nem sempre temos domínio de outras línguas, isso por si só já compromete o processo de ensino aprendizagem. (28/11/2022).

Aqui a preocupação deveria reforçar o acolhimento, mas o docente foca no aprendizado, uma vez que está disposto a fazer com que seu conteúdo seja

compreendido pelos discentes. Desse modo, paralelo à migração, à diversidade cultural tem-se a questão linguística, como pode ser observado nos enunciados em destaque:

Part.CES.05 – R: 01

Sim, sempre aparece alunos em nossa escola que vem de outros países, principalmente da América do Sul, e nós professores temos muitas dificuldades em repassar os conteúdos pela dificuldade linguística desses povos e a nossa língua portuguesa. (25/10/2022).

Part.BRB.04 – R: 01

Já havia refletido pois já trabalhei com alunos de diversas nacionalidades e percebo a dificuldade de integração dos mesmos quando eles ainda não dominam a Língua Portuguesa. (24/10/2022).

Part.BRB.10 – R: 01

Sim, tive uma aluna paraguaia, falava e escrevia em espanhol, foi um desafio pra mim, ensiná-la português. (24/10/2022).

Part.BRB.15 – R: 01

Atualmente tenho dois venezuelanos em minhas turmas, e preciso fazer a ponte com a língua espanhola. (25/10/2022).

Part.EP.03 – R: 01

Sim, já refleti várias vezes ao me deparar com imigrantes que sequer sabem pedir água ou comida em português. (18/10/2022).

Part.EP.07 – R: 01

Já refleti, já recebi alunos que não falavam a nossa língua, alguns libaneses, canadense, e que em pouco tempo já falavam a nossa língua. Difícil porque eles sentem a dificuldade no idioma, e tentar entender o conteúdo fica difícil para eles. (24/10/2022).

Percebe-se situações nas quais a língua se torna um problema quando o professor não tem o domínio ou conhecimento da língua do aluno e este, por sua vez, ainda não sabe fazer o uso adequado ou esperado da Língua Portuguesa.

Como pode ser observado nos seguintes enunciados, o ambiente escolar iguaçuense é plural e o fator linguístico tem um grande peso no momento da integração entre os diferentes povos, pois segundo o Part.CES.03, que informou ter alunos imigrantes,

Part.CES.01 – R: 01

[...] a língua, muitas vezes, é empecilho no processo de integração cultural. (24/11/2022).

Em acréscimo,

Part.EP.04 – R: 01

Sim, sempre que tenho um aluno estrangeiro em sala de aula, mesmo que de regiões fronteiriças. Por mais parecido que o espanhol seja com o português, fica a impressão de que falta assistência pra esse aluno de fora. Já quando não se trata do idioma, vemos muitas tradições culturais brasileiras aplicadas em escolas e pouco espaço para o aluno expor sobre sua cultura, é como se ele ficasse de lado no caso de não se adaptar ao que lhe é exposto. (18/10/2022).

Pode-se dizer que, dos diferentes povos que habitam na cidade, poucos têm espaço para se expressarem dentro de seus contextos culturais, pois, talvez, estejam preocupados em serem aceitos e para isso omitem situações ligadas às suas culturas, identidades e língua. Essa marginalização se faz presente porque há uma forte migração de nível nacional e de nível local que, acrescida de poucas ou nulas políticas públicas de acolhimento, intensificam o afastamento ao invés de prover pela integração e interação dos povos, assim como assinala o Part.CES.12:

Part.CES.12 – R: 01

Os processos migratórios se fazem presentes em todos os níveis da educação. Infelizmente, nunca presenciei uma política educacional em que se preocupassem realmente em atender as necessidades linguísticas desses estudantes, especificamente. (02/11/2022).

A palavra infelizmente usada pelo Part.CES.12 parece dar um sentido de impotência quando se pensa em instituições de ensino na fronteira. Tem-se o conteúdo a ser ministrado, mas nem sempre se tem o modo com o qual ele será trabalhado em salas de aula com alunos de culturas diferentes. O pouco desenvolvimento de políticas educacionais de acolhimento e integração ampliam o distanciamento e reforçam a indiferença. Portanto, políticas educacionais de acolhimento linguístico e cultural se fazem necessárias porque

Part.CES.03 – R: 01

[...] Recebemos muitos alunos de outras nacionalidades e também do Paraguai. Mesmo que alguns já sejam os filhos de imigrantes, acredito que deveria haver uma política de acolhimento linguístico em regiões como a nossa. (02/11/2022).

pois,

Part.EP.14 – R: 01

Sim, a inclusão de crianças de estrangeiros no sistema de educação não acontece de forma muito justa, principalmente na fase da alfabetização. (02/11/2022).

Tem-se um possível diagnóstico que sinaliza que até mesmo nos ciclos de alfabetização o acolhimento intercultural ainda ocorre de maneira fragmentada, recebendo pouco investimento. No entanto, no segmento que abrange o Fundamental I das escolas públicas de Foz do Iguaçu, já há um trabalhos acadêmicos, como o de Simone Ribeiro e Gilvan de Oliveira (2019) em prol do acolhimento intercultural dos discentes imigrantes e descendentes de imigrantes, como apontam os estudos de pesquisadores da região.

4.2.2. Análise de dados II: Saberes Docentes e Política Linguística para Interculturalidade

A questão de número 12, que busca uma reflexão em torno dos processos políticos-educacionais, buscou evidenciar uma abordagem pedagógica e obteve 43 respostas afirmativas (89,5%) dos participantes para o seguinte questionamento: Você considera necessária uma política linguística local em Foz do Iguaçu que vise um trabalho de acolhimento intercultural voltado aos discentes oriundos de outras nacionalidades? Justifique.

As respostas à pergunta de número 12 reforçam a necessidade de haver um currículo e uma política educacional específica para regiões multiculturais, como a de Foz do Iguaçu, que, além da diversidade propiciada pela fronteira, compõem-se de um mosaico étnico que a caracteriza como múltipla e complexa. A preocupação com o acolhimento é defendida pelos seguintes participantes:

Part.BRB.01 – R: 02

Sim, há necessidade de serem integrados e acolhidos dentro do sistema educacional. (18/10/2022).

Part.BRB.02 - R: 02

Sim, pois não há aprendizagem sem acolhimento e muito menos sem comunicação (18/10/22)

Part.BRB.04 - R: 02

Por sua característica multicultural e fronteiriça, Foz do Iguaçu recebe alunos de vários países que precisam de acolhimento linguístico para se integrarem ao sistema educacional. (24/10/2022)

Part.BRB.08 - R:02

Muito! Pois acolher estes sujeitos faz parte do integrar as várias nacionalidades pertencentes em nossa cidade (24/10/2022)

Part.BRB.09 - R: 02

Sim, porque facilitaria a vida dos estrangeiros, haveria um acolhimento. (24/10/2022)

A realidade nas salas de aula indica que o acolhimento é importante para que sistema escolar seja eficaz e, aliado a isso, tem-se também uma demanda de, quem sabe, estrutura escolar que possa abranger as finalidades pedagógicas, como destaca o Part.BRB.13:

Part.BRB.13 - R: 02

Sim! Devido ao nosso perfil multicultural, precisamos de instrumentos para lidar com isso. (24/10/2022)

E processos ligados à estereótipos e preconceitos são visíveis e fazem parte do dia a dia escolar, como relatam os Part.BRB.19 e Part.BRB.05:

Part.BRB.19 - R: 02

Sim, ontem por exemplo, alunos que sabiam falar o guarani, comentaram que sentem vergonha disso. (24/10/2022)

Part.BRB.05 - R:02

Sim, porque existe claramente um preconceito com pessoas que não são turistas e sim vem para estudar de outro país dentro da América Latina (24/10/2022)

Em relação a pergunta de número 12, houve apenas uma resposta negativa que está justificada assim:

Part.BRB.12 - R:02

Não, acho que o migrante precisa adequar a nossa sociedade, a nossa língua; Acho que o Brasil já recebe e muito bem os migrantes, não precisamos desse trabalho de acolhimento eles sim devem procurar participar e se envolver com a nossa cultura. (24/10/2022)

Percebe-se no depoimento uma despreocupação com o acolhimento e uma indicação de uma imposição da cultura hegemônica brasileira, defendida pelo docente. Para tanto Martiny, Redel e Heck (2020, p. 21) descrevem que “a pressão para que aprendam o mais rápido possível o português e usem, exclusivamente, essa língua no espaço escolar, transforma o espaço plural da fronteira em uma barreira, não física, mas simbólica, através do silenciamento de suas multiculturalidades”. Silva e dos Reis (2018, p. 10), acrescentam a esse respeito que

“percebemos que há uma imposição da Língua Portuguesa no ambiente escolar, sem levar em consideração a língua materna, a cultura e a identidade do aluno. É preciso lembrar, no entanto, que tal pensamento não parece ser a tendência dos demais participantes.

4.2.3. Análise de dados III: Saberes docentes e acolhimento

Quanto à questão de número 13, naquilo que compete a uma ação (prática e atitude) pedagógica, a seguinte pergunta foi proposta: 13. Seria interessante oferecer nas escolas o ensino de Português Língua de Acolhimento para alunos não brasileiros, cuja Língua Materna/Primeira Língua é outra? Comente., para a qual obteve-se um total de 42 respostas afirmativas (87,5%).

O Part.EP.14 traz um dado interessante, que é reforçado pelo Part.EP.04, ao expor que, em outros países, existe um processo de adaptação do estudante estrangeiro à língua antes de ser inserido na classe regular:

Part.EP.14 - R: 03

Sim, é comum em outros países que antes de ser inserido na classe regular o estudante estrangeiro ou que tenha alguma dificuldade passe por classes de adaptação, é importante aderir a esse processo. (24/10/2022)

Part.EP.04 - R: 03

Sim. De forma que o aluno possa aprender, ou pelo menos ter uma base do idioma, ao mesmo tempo em que está inserido em uma sala de aula estudando as matérias da grade regular. Esse tipo de aula facilitaria sua inserção no ambiente escolar, e poderia tornar a experiência de estudar em um país diferente um pouco menos desafiadora. (24/10/2022)

A esse respeito, o Part.BRB.13 relata que há um movimento nesse sentido, pois

Part.BRB.13 - R:03

Já temos na rede pública através do CELEM - aulas de língua portuguesa para os alunos oriundos de outro país, para que possam participar da nossa sociedade - socializar. (24/10/2022)

O Centro de Línguas Estrangeiras Modernas é de fato um programa que pode ter mais notoriedade em meio escolar e que também pode ser estendido a

mais instituições de ensino públicas. O CELEM é um programa interessante, no entanto, o número de vagas é limitado e, tal modalidade não se estende para o ensino fundamental, anos iniciais.

Nesta mesma direção, o Part.BRB.14 confirma o atendimento em PLA e acrescenta que é necessário melhorias no projeto:

Part.BRB.14 - R:03

Sim. Isso já ocorre, mas precisa melhorar. (24/10//2022)

Possivelmente este participante tenha mencionado o CELEM também, uma vez que o colégio oferece aulas nesse segmento, mas infelizmente tal modalidade não dispõe de muita divulgação e está presente em apenas 7 colégios, sendo que o ideal seria que, ao menos, a metade do colégios pudesse ofertar aulas de Português para estrangeiros.

Já o Part.CES.02, apesar de considerar relevante uma abordagem de Língua de Acolhimento parece ter um posicionamento contrário, tendo em vista que a resposta parece indicar que não há um número significativo de discentes que precisam de um atendimento diferenciado:

Part.CES.02 - R: 01

Seria se houvesse um número de alunos que necessitam. (24/10/2022)

Aqui, quem sabe, pode haver alguma ligação com a disciplina que o docente ministra que é Educação Física e, talvez, a questão linguística e cultural fique em segundo plano, uma vez que a didática e a metodologia aplicadas aos conteúdos se dá de maneira diferenciada daquelas disciplinas que ocorrem praticamente em sala de aula e por meio de aulas expositivas, dialogadas, de interpretação e de produção escrita e oral. O mesmo participante anteriormente, em resposta à questão 13, sobre a reflexão em relação aos processos de migração, respondeu

Part.CES.02 - R: 02

“não, pq não tive necessidade” (PART.CES.02, 2022).

Reforçando que, em algumas matérias, ou quem sabe apenas nesta disciplina, a questão multicultural passe despercebida.

Contudo, a maioria dos participantes acredita que seria importante oferecer aulas mais específicas de Língua Portuguesa para estrangeiros/imigrantes, visto que, conforme destaca o Part.CES.06, a presença de imigrantes na cidade e, conseqüentemente, nas escolas não é algo recente:

Part.CES.06 - R: 03

Sim, deveria ser algo que acontecesse nas escolas há muito tempo, pois a quantidade de pessoas que vem para nosso país é grande e não é de hoje que esse problema acontece. (25/10/2022)

O constante movimento migratório é percebido pelo participante que atua no Colégio Costa e Silva e que trabalha como professor há 11 anos. É preciso reforçar que o colégio se encontra no bairro onde os imigrantes paraguaios estão em grande número, o bairro Vila Paraguaia, na região do Jardim América em Foz do Iguaçu.

Observa-se, nos enunciados dos participantes, que a questão linguística extrapola os aspectos relacionados ao desempenho escolar, comprovando que o domínio, neste caso, da Língua Portuguesa, é uma barreira também para a interação e para a integração desses imigrantes, inserindo-os à margem ao invés de incluí-los na sociedade:

Part.BRB.02 - R: 03

Sim, pois os alunos estrangeiros muitas vezes são excluídos do contexto escolar por não ter domínio da língua portuguesa, e seria muito interessante que pudesse. Ser incluído nos currículos outras línguas, principalmente as faladas na América Latina. (18/10/2022)

Destarte, políticas públicas e educacionais como, por exemplo, em PLAc, são urgentes para a promoção do acolhimento e integração desses imigrantes na comunidade iguaçuense, assim como ressaltam os Part.BRB.19, Part.BRB.06, Part.EP.01 e Part.CES.14:

Part.BRB.19 - R: 03

Sim. Ter núcleos de acolhimento se faz necessário nesta região. (28/10/2022)

Part.BRB.06 - R: 03

Sim. Para acolher e facilitar a linguagem e comunicação dessas pessoas. (24/10/2022)

Part.EP.01 - R: 03

Sim. Seria uma forma interessante de acolhimento. Facilitar a comunicação certamente quebraria barreiras e estimularia a convivência harmônica. (18/10/2022)

Part.CES.11 - R: 03

Sim, esse acolhimento seria de fundamental importância para a aquisição da nova língua e da motivação socialização e inserção na nova cultura. (28/11/2022)

Part.CES.14 - R: 03

Com toda a certeza, principalmente como acolhimento, desenvolver no discente o sentimento de pertencimento, a inserção na nova cultura e a facilitação do aprendizado escolar, me deparei com alguns casos em sala, da dificuldade de alunos estrangeiros com termos e palavras do português. (30/11/2022)

A resposta do Part.CES.14 envolve aspectos que dialogam com as informações apresentadas à questão 11, momento em que alguns participantes destacaram a questão linguística e como esta influencia tanto na aprendizagem como na integração dos discentes imigrantes, pois como aclara o Part.CES.09

Part.CES.09 - R: 03

Isso seria muito importante. O componente curricular de Língua Portuguesa dentro da grade curricular não é suficiente. (28/11/2022)

O participante tem formação em Direito, no entanto, leciona História. O docente sinaliza a questão de se adequar o componente curricular para poder melhor atender e ou acolher alunos oriundos de outros países. Nesse sentido, abordagens de ensino de português como língua de acolhimento são vistas como alternativas tanto de integração em sociedade como no desempenho escolar, pois

Part.BRB.04 - R:03

Não só seria interessante como necessário, visto que a aprendizagem está diretamente ligada a capacidade de comunicação e compreensão da Língua Portuguesa. (24/10/2022)

Part.CES.03 - R: 03

Essencial, pois sendo português a língua estrangeira para esses estudantes, a apropriação da língua contribuirá para o desenvolvimento nos conteúdos bem como nas interações sociais. (24/10/2022)

Part.CES.04 - R: 03

Sim. Porque os alunos têm dificuldade para se comunicar com professor, com colegas e compreender o conteúdo que o professor está abordando. (25/10/2022)

Part.CES.07 - R: 03

Sim, os alunos estrangeiros perdem muito por não entender português. (28/10/2022)

Part.EP.08 - R: 03

Sim. Nota-se que os alunos estrangeiros possuem muita dificuldade com o português e isto dificulta seu desenvolvimento acadêmico. (18/10/2022)

O Part.EP.11 acrescenta que uma prática metodológica diferenciada, como a de PLAc seria de grande valia, pois a instituição escolar ao possibilitar um acesso à Língua Portuguesa como segunda língua pode prover pelo respeito à pluralidade linguístico-cultural, uma vez que iria trabalhar a equidade. Logo, uma abordagem em PLAc poderia

Part.EP.11 - R: 03

[...] Auxiliar no processo de aprendizado dos alunos e possibilitar o maior entendimento das demais matérias. (08/11/2022)

A resposta de EP.11 é uma consideração acolhedora para com o discente e para com os colegas de trabalho, uma vez que a dificuldade apresentada pelo aluno imigrante pode se fazer presente em mais de uma disciplina.

Outrossim, é o fato de que, possivelmente alguns docentes, declaram ter conhecimento “insuficiente de línguas que não o português por parte dos educadores que, por isso, não se consideram aptos a interagirem com os alunos em línguas que não o português” (BERGER, 2015b, p.182), como acresce o Part.EP.07:

Part.EP.07 - R: 03

Super importante, e os alunos jovens aprendem rápido o idioma. Importante sim, pois eles são inseridos na sala de aula normal, tentando “se virar” ali de alguma forma. Muitos professores sabem apenas seu idioma local, então fica bem difícil se comunicar com o aluno, até no básico. (24/10/2022)

As atitudes de como os professores em situações como essa é que vão determinar, ou não, se o acolhimento e ou a interculturalidade estarão presentes em sala de aula. Assim, conforme Berger (2015b), “espaços de escolarização de regiões de fronteira, precisamente na fronteira Brasil – Paraguai devem levar em conta as atitudes de membros da comunidade em relação às línguas circundantes” (2015, p.183), tal qual propõe o Part.EP.06:

Part.EP.06 - R: 03

Enquanto tríplice-fronteira, é importante que o município tenha disciplinas de espanhol ofertadas nas escolas e nos colégios públicos - o inglês geralmente é a língua estrangeira ofertada, por isso, em casos que não é

possível substituir pelo espanhol ou agregá-lo, uma opção certamente é a oferta da língua espanhola em horário extraclasse, como um curso de língua. Em contrapartida, pode-se utilizar a faculdade e algumas escolas - para facilitar a mobilidade - para oferecer o português como segunda língua. Dessa forma, não apenas diminuimos essa barreira em que o estrangeiro, ao chegar, tem que aprender uma nova língua, além de outras adversidades, mas também vamos ao encontro deles - nós nos preparando para receber essa outra cultura. (24/10/2022)

Na contribuição, apesar do Part.EP.06 reforçar a necessidade de trocas linguísticas em que a atribuição de aprender uma nova língua não recaia somente nos imigrantes, fica a impressão de que o docente está jogando a responsabilidade para a Universidade. Talvez o participante tenha a percepção de que a escola não dá conta dessa atribuição em relação ao uso das línguas que conformam o espaço multilíngue da cidade, haja vista a sua pluralidade étnica.

No que compreende o contexto de contato linguístico-cultural de fronteira e imigrantes hispano-falantes, o Part.CES.01 declara que

Part. CES.01 - R: 03

[...] Muitos alunos hispano-hablantes sofrem com o processo de migração e adaptação à língua portuguesa. (24/10/2022)

O docente percebe que o fator migração aliado ao aprendizado e uso da Língua Portuguesa são processos de difícil convivência e para o discente, imigrante, que está em contexto escolar, o uso da Língua como meio de comunicação e aprendizado é um movimento que sugere mais esforços por parte desse aluno e que, este, pode se sentir em desvantagem por não conseguir acompanhar uma sequência didática em sua totalidade, uma vez que, o aluno imigrante ou filho de imigrante, pode vir a ter mais lacunas a serem preenchidas quando se depara com conceitos e ou conteúdos escolares novos e mediados em outra língua que não é a sua Língua Materna.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre o que se sente quando se trabalha com educação é um ato de reflexão que se constrói antes, durante e após a escrita e não há palavra que o possa findar ou limitar. Pode-se dizer que é muito difícil passar por uma sala de aula e pelo exercício da docência sem deixar de ficar intrigado com alguma situação inusitada que acontece em sala de aula, mais especificamente, no entorno multicultural da cidade de Foz do Iguaçu e região. Certamente, se os espaços escolares do município fossem todos monolíngues, o que seria algo inusitado, esta pesquisa não teria sentido de existir e, quem sabe, o cotidiano dos fronteiriços seria menos instigante.

O tema desta investigação tem recebido bastante atenção nos últimos anos, provavelmente porque a região recebeu uma Universidade Federal, que tem ligação direta com a questão da cultura latino-americana e com a manutenção e promoção de suas identidades, e que tem acolhido em seus espaços alunos de outros países e que contribuem ainda mais para que a região ganhe mais capital multicultural, uma vez que os textos acadêmicos passam a dialogar não apenas com as questões relacionadas à fronteira tríplice, mas também com outras localidades fronteiriças. A cidade que já vivia o pluri e multi de todas as coisas passa a produzir conhecimento de dentro para fora, com produções acadêmicas que têm a região como campo de estudos, e de fora para dentro, no momento em que os discentes fazem pesquisas em seus países de origem e trazem esses temas para dentro das salas de aula para que sejam expostos, analisados e debatidos.

É importante lembrar que a cidade de Foz do Iguaçu já contava com uma Universidade Estadual e que desde seus primeiros anos busca fomentar iniciativas que promovam a discussão da Linguística, Sociolinguística, Linguística Aplicada e demais áreas do conhecimento. Nesse sentido, a Unila trouxe um acréscimo à multiculturalidade e aos temas que já eram pesquisados pela Unioeste e, assim, a região passou a produzir conceitos de cultura autóctones.

Em acréscimo ao que se vive em meio acadêmico também tem todo o contexto social diverso que passa a fazer parte do cotidiano dos fronteiriços, brasileiros, estrangeiros e imigrantes. Esses movimentos partem dos estudos realizados pelas Universidades Públicas, se estendem às Universidades

Particulares, adentram os espaços dos cidadãos e se alocam em múltiplos cantos da região em busca de capitais culturais e simbólicos, como é o caso deste texto que, por meio de um estudo de caso, investigou como se dá, em sala de aula, o contato da multiculturalidade com docentes atuantes em colégios da cidade e o que pensam os educadores em relação ao ambiente múltiplo e complexo de sala de aula.

A problemática da educação acolhedora, atenta ao entorno da região, e intercultural tem ganho mais adeptos que contribuem com a hipótese de que a cidade pode e deve, juntamente aos órgãos competentes, pensar em currículos de formação docente cada vez mais voltados para todo esse caldeirão cultural e também pensar em instituições de ensino que conversem e promovam toda essa manifestação étnica-cultural.

Sendo assim, os objetivos que se esperavam com este trabalho foram, em partes, alcançados, pois houve, mesmo que a pesquisa pudesse ter obtido mais respostas devido ao tempo e investido em apenas 3 escolas, uma reflexão e colaboração por parte de um número considerável de docentes participantes. Diante disso, as contribuições dos professores trouxeram muitas inquietações em relação ao acolhimento escolar na região. Há uma preocupação, por parte da maioria dos educadores, de se encontrar caminhos que possibilitem uma abordagem mais objetiva e sistematizada dos colégios para com os alunos do entorno multicultural de Foz do Iguaçu. O estudo também apontou para a necessidade de se pensar em formação continuada de professores, especialmente com o viés do entorno cultural fronteiriço, uma vez que alguns termos relacionados aos espaços multilíngues eram pouco conhecidos por muitos dos participantes .

O cuidado e a empatia estiveram presentes em muitos depoimentos de colegas ao responderem ao questionário, trazendo um pouco de alento às inquietações que acusavam no início do Mestrado. Ficou explícito que os professores percebem uma carência de ações, sejam elas públicas e políticas que possam ajudá-los a desenvolver seus trabalhos com mais fluidez e, assim, com melhor compreensão por parte de seus discentes imigrantes, colaborando, portanto, para com todos os sujeitos em sala de aula, para que suas formações sejam plenas e que possibilitem manter e promover a troca cultural entre os povos, fortalecendo as suas essências, sem que percam as suas identidades.

Uma impressão deixada por esta pesquisa é a de que alguns docentes sentem a falta de um respaldo político mais atuante e que sinalize com

mais recursos ou meios para se investir em uma educação voltada para a diversidade do município. A questão política carrega o estigma de que só se faz algo quando há ganho para si e, às vezes, fica o sentimento de que há pouca preocupação por parte de nossos representantes do legislativo, no entanto, é bom lembrar que as leis tardam um pouco a serem pensadas e elaboradas. Nesse sentido, se a pergunta fosse “Que tipo de lei deve-se pensar para acolher a multiculturalidade e praticar a interculturalidade?” Será preciso investigar futuramente se há outras localidades com a mesma configuração que a de Foz do Iguaçu e se há orientações sobre o trabalho pedagógico intercultural. Talvez, em resposta, poderia-se pensar numa lei que, por exemplo, fizesse com que todo o professor, que teve sua graduação em outras cidades, contratado para dar aulas nos colégios do Ensino Fundamental da cidade, pudesse ser convidado a fazer uma aula, pensada pelo Núcleo Regional de Ensino ou Secretaria de Educação do Município, e que nessa aula, o docente recebesse uma prévia da multi e interculturalidade vivida nos colégios da região.

Faz-se, assim, fundamental que as comunidades locais, governos e organizações se engajem nesse processo e forneçam apoio aos imigrantes, refugiados, indígenas, bem como brasileiros vindos de outros estados. Além disso, é importante que os imigrantes sejam incentivados a se envolverem na sociedade local e a participarem ativamente da vida comunitária, compartilhando suas culturas e tradições. Através do acolhimento intercultural, é possível criar sociedades mais inclusivas e acolhedoras para todos, onde a diversidade é valorizada e celebrada.

Contudo, esta pesquisa, desde seu início, teve como objetivo instigar professores a refletir sobre o seu cotidiano escolar e de como sair em busca de soluções para os problemas vivenciados em sala de aula, relacionados ao contatos entre sujeitos de diferentes origens culturais e línguas mãe. A procura por tais soluções se dá pela inquietação do professor que escreveu este texto, que é filho de imigrantes, é conhecedor das lacunas encontradas e deixadas pelo caminho desde o início de sua jornada escolar e que, ao exercer seu trabalho como docente, se inquieta com momentos nos quais percebe que o ensino da fronteira carece de mais entendimento de como o imigrante se sente quando em contato com o país que o recebeu, mas ainda não o acolheu e que ainda não está integrado. Não há culpados ou sujeitos a serem criticados na pesquisa; há, no entanto, brechas ou lacunas que devem ser preenchidas com conhecimento e entendimento, muros que devem ter

passagens marcadas com placas de bem-vindo e portas abertas para sinalizar um afável acolhimento escolar para com os imigrantes. Quem sabe, em alusão à nossa história, praticar uma recepção como fizeram os Povos Originários quando os portugueses chegaram a estas terras e foram acolhidos e cuidados desde o começo de nossa sociedade.

Assim, esta pesquisa se encerra com o entendimento de que o trabalho de reflexão docente é infinito e interminável. Espera-se que as contribuições sobre a educação do entorno e acolhimento intercultural se fortaleçam em suas práticas e possam gerar sujeitos conscientes da multiculturalidade e da pluralidade linguística de seus arredores, que a sociedade iguaçuense siga recebendo os forasteiros, turistas e imigrantes, sempre com uma atitude acolhedora e inclusiva.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **A Norma Oculta**. São Paulo. Parábola Editorial, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2007.
- BERGER, Isis Ribeiro. Estudos em atitudes e políticas linguísticas: percursos entre fronteiras geográficas, políticas e linguísticas. In **Ideação**, v. 22, n. 2, p. 4-9, 2020.
- BERGER, Isis Ribeiro. MENDES, Luan Henrique. Reflexões sobre o perfil linguístico de professores de línguas em formação no contexto multilíngue de Foz do Iguaçu. **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 43, p. 1-23. Disponível em: [Uniletras \(uepg.br\)](http://uniletras.uepg.br)
- BERGER, Isis Ribeiro. Atitudes de professores brasileiros diante do espanhol e do guarani em escolas de fronteira: Brasil-Paraguai: elemento de gestão às línguas. **Signo y Seña, Revista del Instituto de Lingüística**. n. 28, 2015. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/sys>
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**. Parábola Ed., 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Linguísticas**. São Paulo: EDUSP, 2008.
- BOUTET, J. & VERMES, G. (Orgs.). **Multilinguismo**. São Paulo: Unicamp, 1989.
- BRASIL. **Ministério da Educação**. Escola Cívico-militar. Disponível em: <https://escolacivicomilitar.mec.gov.br/adesao> . Acesso em: 21 de dez. de 2022.
- CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. Campinas-SP: Papirus, 1995.
- CORONA BERKIN, Sarah. **Producción horizontal del conocimiento**. Transcript Verlag, 2020.
- DA SILVA MOTA, Janine. Utilização do google forms na pesquisa acadêmica. In **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 12, p. 371-373, 2019.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia.V.1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- EL DORADO. Definição. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/estudoslatinoamericanos/wp-content/uploads/2018/06/ELA8%C2%BA-Texto5.pdf>>. Acesso em: 20/11/2022

FAIRCLOUGH, Norman L. Critical and descriptive goals in discourse analysis. In **Journal of pragmatics**, v. 9, n. 6, p. 739-763, 1985.

FEIDEN, A.; VILLALVA FILHO, M. R. A língua guarani (ainda) viva no Brasil: a cultura originária que a colonização não conseguiu eliminar. In **Onomástica desde América Latina**, [S. l.], v. 3, n. 5, p. 4–27, 2021. DOI: 10.48075/odal.v3i5.27582. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/onomastica/article/view/27582>>. Acesso em: 11 jan. 2023.

FERGUSON, Charles A. Diglossia. In **Word**, v. 15, n. 2, p. 325-340, 1959.

FERREE, Myra Marx. **Zeitgeist as an empirical phenomenon**. 1985.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. Porto Alegre-RS: L&PM POCKET, 2011.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa. O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica. **Fundamentos de epidemiologia**. 2. ed. A, v. 398, p. 1-377, 2010.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

GIONGO KUERTEN, Miriam Regina. **Valorização do Multilinguismo: Um Mapeamento e Planejamento Linguístico Escolar em Foz do Iguaçu**. Dissertação (mestrado) Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Foz do Iguaçu, Centro de Educação, Letras e Saúde, Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras, 2019.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara: 1963.

GUIMARÃES, Eduardo. A língua portuguesa no Brasil. **Ciência e Cultura**, v. 57, n. 2, p. 24-28, 2005.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Características étnico-raciais da população: classificações e identidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=foz+do+igua%C3%A7u>

LACAN, Jacques; LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LIMA de PAIVA. Tatiane. **Ser Aluno Transfronteiriço em Contexto de Fronteira: Representações de Identidades**. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual Do Oeste do Paraná, Campus de Foz do Iguaçu, Centro de Educação, Letras e Saúde. Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras. 2018.

LIVI. Carina Chaves dos Santos. **Política de Línguas na Fronteira: Sentidos de diversidade, monolinguismo e práticas translíngues**. Dissertação (Mestrado)

Universidade Federal da Integração Latino-americana. Instituto de Arte, Cultura e História. Programa de Pós-Graduação em Estudo Latino-Americanos. 2022

LOPES, Moita; APLICADA, LP Linguística. vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In **Por uma linguística aplicada indisciplinar**, v. 2, p. 85-108, 2006.

LUCENA, Maria Inêz Probst. Práticas de linguagem na realidade da sala de aula: contribuições da pesquisa de cunho etnográfico em Linguística Aplicada. In **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 31, p. 67-95, 2015.

MAHER, Terezinha de Jesus Machado. A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilinguismo. In: KLEIMAN, Angela; CAVALCANTI, Marilda (Orgs.). **Linguística Aplicada – suas faces e interfaces**. Campinas: Mercado de Letras, p. 255-270, 2007b

MAHER, Terezinha Machado. Formação de Professores Indígenas: uma discussão introdutória. **Formação de professores indígenas: repensando trajetórias**, p. 11, 2006.

MAHER, Terezinha Machado. Em busca de conforto lingüístico e metodológico no Acre indígena. In **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 47, p. 409-428, 2008.

MARTINY, F. M; REDEL, E; HECK, D. M. Práticas linguísticas em uma escola na região de fronteira Brasil/Paraguai: questões político-linguístico-educacionais de (não) gestão de línguas. In **Travessias**, Cascavel, v. 14, n. 3, p. 16–35, 2020. DOI: 10.48075/rt.v14i3.24991. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/24991>. Acesso em: 7 mar. 2023.

MASCARENHAS, Milena Costa. Poeira x Unicon: diferentes discursos. In **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 5, 2019.

MELIÁ, B. El pensamiento Guaraní de León Cadogan. In **Suplemento Antropológico**. v. /VIII, n. 12. Assunción-PY, 1973.

MORELLO, Rosângela. Multilinguismo e ensino nas fronteiras. In **Línguas e instrumentos linguísticos**, n. 43, p. 217-236, 2019.

NASCIMENTO, Núbia. Representações sobre os saberes e a prática do professor de língua inglesa. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. 2008.

CARDOSO, Nelson Ari; MOURA, Rosa; DE ULHÔA CINTRA, Anael Pinheiro. Mobilidade transfronteiriça. In **Caderno IPARDES-Estudos e Pesquisas**, v. 2, n. 2, p. 32-50, 2012.

ORLANDI, Eni Pulcinelli; SOUZA, Tânia C.C. **Política Linguística na América Latina: A língua imaginária e a fluída: dois métodos de trabalho com a linguagem.** Campinas-SP: Pontes, 1988.

PEDROZO, M. C. **Génesis del Idioma Guaraní.** Asunción-PY, 1988.

PONTES, Maria Judite Ferreira Neves. **A diversidade étnico-cultural na escola: a educação intercultural no ensino básico.** 2006. Tese de Doutorado.

REZENDE, Enivalda Vieira dos Santos. **Atitudes Pedagógicas de Professores (as) na sala de aula.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. 2007.

RIBEIRO, Simone Beatriz Cordeiro; DE OLIVEIRA, Gilvan Müller. “¡ Es muy difícil!; Es muy difícil!” Quando as barreiras linguísticas conduzem à margem a necessidade de um acolhimento intercultural e de uma formação pedagógica em línguas. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 5, 2019.

RIBEIRO, Simone B. C. e VELAZQUEZ, Dario. A marcação simbólica e a sua relação com as práticas linguísticas de fronteira. In: Diana Araujo Pereira; Laura Fortes; Lívia Santos de Souza; Simone Beatriz Cordeiro Ribeiro [Orgs.] **Territórios em disputa: línguas, memórias e identidades.** (Coleção: América Latina interdisciplinar e plural. Vol. 2). São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 219p

RODRIGUES, Aryon D. As línguas indígenas e a Constituinte. **Política Linguística na América Latina. Campinas, Pontes**, p. 105-109, 1988.

SABADIN, Marlene Neri. **Crenças e Atitudes Linguísticas: Aspectos da Realidade na Tríplice Fronteira.** Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia. Salvador, BA, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** Trad. Antônio Chelini et al. 1970.

SERRANI-INFANTE, Silvana. Formações discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas. In **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 13, p. 63-81, 1997.

SIGNORINI, Noeli Tereza Pastro. **A pesquisa na formação de professores: a perspectiva do professor pesquisador.** 2006. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: impertinências. In **Educação & Sociedade**, v. 23, p. 65-66, 2002.

SOUTO, M.; ALÉM, V. L.; GONZALES, AOF. Conceitos de língua estrangeira, segunda língua, língua adicional, língua de herança, língua franca e língua transnacional. In **Anais da IX JNLFLP**, p. 890-900, 2014.

STURZA, Eliana Rosa. Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras. In **Ciência e Cultura**, v. 57, n. 2, p. 47-50, 2005.

TARALLO. F. & ALFIM, T. **Falares Crioulos**. São Paulo: Ática, 1987.

WEISSMANN, Lisette. Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. In **Construção psicopedagógica**, v. 26, n. 27, p. 21-36, 2018

WOODWARD, Kathryn et al. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**, v. 15, p. 7-72, 2000.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO

PRÁTICAS E ATITUDES DOCENTES

Meu nome é Dario Velazquez, sou aluno do IELA - Unila

Convido o(a) senhor(a) a participar da minha pesquisa que tem o objetivo de refletir sobre o ambiente escolar e o acolhimento de alunos oriundos de outros países.

O questionário leva em torno de 15 minutos para ser respondido e a sua contribuição será muito relevante para o desenvolvimento de minha dissertação de Mestrado, no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos (PPGIELA) da Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

Todas as informações serão mantidas em sigilo, sendo somente utilizadas para fins de minha pesquisa acerca do assunto.

*Após a introdução há um vídeo que também explica o motivo da pesquisa.

A - DADOS PESSOAIS E SOCIOCULTURAIS

1. Email: _____

2. Data de nascimento: ____/____/____

3. Local de nascimento (cidade/país): _____

4. Sexo/gênero () Masculino () Feminino () Prefiro não responder

5. Há quanto tempo mora em Foz do Iguaçu?

6. De acordo com a sua trajetória acadêmica (assinale mais de uma opção se for o caso), você possui:

- | | |
|--------------------|-------------------|
| () graduação | () doutorado |
| () especialização | () pós-doutorado |
| () mestrado | |

7. Qual é sua área de formação?

- | | |
|----------------|---------------------------|
| () Letras | () Química |
| () Pedagogia | () Educação Física |
| () História | () Conhecimento Digitais |
| () Geografia | () Física |
| () Matemática | () Artes |
| () Biologia | () Outro |

8. Você é professor de qual disciplina atualmente?

9. Há quanto tempo atua como professor?

10. Você conhece ou já ouviu falar de algum desses termos? Assinale aquele(s) que você tem familiaridade:

- | | |
|---|--|
| ☐ bilinguismo | ☐ estereótipos |
| ☐ code-switching | ☐ preconceito linguístico |
| ☐ melting pot | ☐ xenofobia |
| ☐ entorno linguístico | ☐ políticas linguísticas |
| ☐ diglossia | ☐ apagamento de línguas |
| ☐ desterritorialização | ☐ higienização étnica |
| ☐ rapport | |

11. Segundo dados de 2019 do Núcleo de Imigração da Delegacia de Polícia Federal, Foz do Iguaçu possui habitantes de 81 nacionalidades diferentes. No transcorrer da sua trajetória docente, houve situações em que você refletiu sobre os processos de migração em solo brasileiro e como eles se delineiam no sistema educacional? Justifique.

12. Você considera necessária uma política linguística local em Foz do Iguaçu que vise um trabalho de acolhimento intercultural voltado aos discentes oriundos de outras nacionalidades? Por quê?

13. Seria interessante oferecer nas escolas o ensino de Português Língua de Acolhimento para alunos não brasileiros, cuja Língua Materna/Primeira Língua é outra? Comente.